

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA
E INTERCULTURALIDADE – NÍVEL MESTRADO

ROSANIA GOMES DA SILVA DOMINGUES

**ASPECTOS INTERCULTURAIS NOS USOS DOS VERBOS *PEGAR* E *TOMAR*
NA VOZ DA MULHER DO POVO, CORA CORALINA**

GOIÁS

2022

ROSANIA GOMES DA SILVA DOMINGUES

**ASPECTOS INTERCULTURAIS NOS USOS DOS VERBOS *PEGAR* E *TOMAR*
NA VOZ DA MULHER DO POVO, CORA CORALINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Orientadora: Prof. Dra. Déborah Magalhães de Barros (UEG/POSLLI).

GOIÁS

2022



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: Rosania Gomes da Silva Domingues

E-mail: professorarosaniagoias@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: "Aspectos interculturais nos usos dos verbos pegar e tomar na voz da mulher do povo, Cora Coralina"

Tipo:

Tese

Dissertação

Curso/Programa Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade

Concorda com a liberação documento

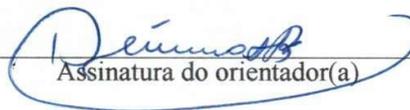
SIM

NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás, 29 de março de 2022.


Assinatura autor(a)


Assinatura do orientador(a)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

D671a	<p>Domingues, Rosania Gomes da Silva. Aspectos interculturais nos usos dos verbos pegar e tomar na voz da mulher do povo, Cora Coralina [manuscrito] / Rosania Gomes da Silva Domingues. – Goiás, GO, 2022. 125f. ; il.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2022.</p> <p>1. Linguística - uso. 1.1. Gramática de construções. 1.1.1. Metaforização. 1.1.2. Verbo pegar. 1.1.3. Verbo tomar. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 81'36(817.3)</p>
-------	---

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 07/2022

Aos quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois às catorze horas, realizou-se, por webconferência, o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Rosania Gomes da Silva Domingues, intitulado **“DA MULHER DO POVO, BEM LINGUARUDA, CORA CORALINA: ASPECTOS INTERCULTURAI NOS USOS DOS VERBOS PEGAR E TOMAR NO CONTEXTO GOIANO”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Déborah Magalhães de Barros – Presidente – (POSLLI/UEG), Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (UFG), Dr. Agameton Ramsés Justino (UFR e POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver):

- O título do trabalho sofreu alteração, passando a ser chamado: “Aspectos interculturais nos usos dos verbos pegar e tomar na voz da mulher do povo, Cora Coralina”;
- À pedido da banca, registra-se em ata a relevância/qualidade do trabalho devido a sua capacidade de estabelecer a relação intercultural envolvendo aspectos literatura/língua (nos usos dos verbos pegar e tomar) da obra de Cora Coralina (da mulher do povo) e, por isso, indica-se para publicação, com apoio do Programa.

Cumpridas as formalidades de pauta, às 16:15 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 04 de fevereiro de 2022.

Profª. Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG)

Profª. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (UFG)

Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino (UFR e POSLLI/UEG)

Página de assinaturas


Déborah Barros
587.387.031-49
Signatário


VANIA GALVAO
263.213.942-20
Signatário


Agameton Justino
031.912.286-75
Signatário

HISTÓRICO

- 07 fev 2022 15:55:26  Flávyo Santos Teles criou este documento. (E-mail: sec.pssli@ueg.br)
- 08 fev 2022 12:01:05  Déborah Magalhães de Barros (E-mail: deborah.barros@ueg.br, CPF: 587.387.031-49) visualizou este documento por meio do IP 200.137.241.192 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil.
- 08 fev 2022 12:01:20  Déborah Magalhães de Barros (E-mail: deborah.barros@ueg.br, CPF: 587.387.031-49) assinou este documento por meio do IP 200.137.241.192 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil.
- 07 fev 2022 18:10:14  VANIA CRISTINA CASSEB GALVAO (E-mail: vaniacassebgalvao@gmail.com, CPF: 263.213.942-20) visualizou este documento por meio do IP 189.5.166.251 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil.
- 07 fev 2022 18:10:25  VANIA CRISTINA CASSEB GALVAO (E-mail: vaniacassebgalvao@gmail.com, CPF: 263.213.942-20) assinou este documento por meio do IP 189.5.166.251 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil.
- 07 fev 2022 18:22:28  Agameton Ramsés Justino (E-mail: agametonrj@yahoo.com.br, CPF: 031.912.286-75) visualizou este documento por meio do IP 179.220.92.194 localizado em Rondonópolis - Mato Grosso - Brazil.
- 07 fev 2022 18:23:11  Agameton Ramsés Justino (E-mail: agametonrj@yahoo.com.br, CPF: 031.912.286-75) assinou este documento por meio do IP 179.220.92.194 localizado em Rondonópolis - Mato Grosso - Brazil.



Escaneie a imagem para verificar a autenticidade do documento
Hash SHA256 do PDF original #43bd2a770ef0560640757b7ec32e1abd86d621f64f73928c18bfc97afac25b6d
<https://valida.ueg.br/03032f59587611045812b49a823bd132dcf757928fcc1f1>



AGRADECIMENTOS

A Deus, agradeço por toda graça e misericórdia em minha vida. Por me guiar, amparar e atender meus desejos mais profundos. Por todas as vezes que, na ânsia de realizar um sonho, me fez parar, refletir e entender que há tempo para tudo. Por acalmar o meu coração e me fortalecer frente às adversidades. Por ser o Deus da minha vida, meu refúgio e acalento sempre. Obrigada!

À minha filha amada Maria Augusta, que desde a decisão de realizar a primeira prova para ingresso no curso, com palavras de afeto e abraço de acalento, me incentivou a prosseguir. Nesses momentos, me senti muito mais filha do que mãe!

Ao meu esposo, Adércio, pelo apoio incondicional e cuidado durante toda uma vida juntos. Sempre ao meu lado, buscou silenciar a casa, assumiu as atividades rotineiras e se dispôs a ouvir meus devaneios acerca da pesquisa, mesmo sem entender nada.

Aos meus pais, Rielim e Niwsa, meu sustento e exemplo de perseverança. Obrigada pelo incentivo e suporte ao longo de toda a vida. Por nunca me deixarem desistir de um sonho, mesmo sabendo que, às vezes, eu não tinha asas tão grandes para voar e concretizá-lo!

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, por entenderem e buscarem me ajudar, cuidando do meu bem mais precioso, minha filhota Maria Augusta.

À Profa. Déborah Magalhães de Barros, minha referência de profissionalismo e dedicação à teoria e ao trabalho. Meus sinceros agradecimentos pelo acolhimento, confiança e cuidado terno ao me guiar por águas profundas, em um contexto tão doloroso. Por vezes, simplesmente ao ouvir o tom da minha voz, me orientou e me acalentou, incentivando-me a prosseguir de maneira determinada em minha pesquisa.

À Profa. Dra. Vânia Casseb Galvão, minha primeira orientadora. Confesso que me apaixonei pela teoria funcionalista ao ver o encantamento nos teus olhos, na tua voz. Esse encantamento me deu forças para superar muitas das minhas dificuldades e acreditar que eu seria capaz de vencer qualquer obstáculo.

Ao professor Agameton Ransés Justino, meus sinceros agradecimentos, pelo cuidado dedicado ao meu texto, desde a primeira apreciação. As contribuições foram valorosas e de inestimável aprendizado.

Meus sinceros agradecimentos ao meu amigo Cleiton. Foi você quem insistiu e acreditou que eu era capaz de vencer muitos obstáculos que eu mesma criei. Me guiou desde o princípio, me deu a mão e, por vezes, me puxou quando, na correria, eu só queria desistir. Serei eternamente grata, meu amigo, por me incentivar, me orientar, estudar comigo e ainda,

carinhosamente, encontrar tempo para jogar conversa fora. Tenha certeza que é para mim um exemplo de ser humano e profissional! Gratidão sempre!

À minha amiga Joana, pela ajuda, apoio e incentivo constante. Obrigada por dedicar tempo a ouvir os desdobramentos da minha pesquisa, participar das apresentações de trabalho, compartilhando dos meus sonhos! À minha amiga Flausina, que sempre vibrou com cada uma das minhas conquistas e também por me ajudar em questões tecnológicas para as quais não tenho preparo. Obrigada, de coração!

À equipe do Colégio Alternativo-Coopecigo e a Escola Letras de Alfenim-Coopecigo, por me acompanhar nessa jornada. O trabalho encantador realizado por vocês, inspirou muitos dos meus artigos!

Aos colegas de curso do POSLLI, em especial, à Olga Maria. Antes, simplesmente, vizinha, depois colega e quem hoje tenho como estimada amiga. Também à Simone, que sempre “deu muito amor”; à Elizangela, pelos conselhos e orientações; à Gabriela, ao Bruno e ao Vander, por me acalentarem, me socorrem e me acolherem durante muitas das atividades ao longo do curso. Ver a garra e a boa vontade de vocês diante de tudo e de todos foi animador.

Aos professores componentes do quadro docente do POSLLI. Obrigada, por compartilhar os conhecimentos das respectivas áreas.

À Direção, Coordenação e Secretaria do POSLLI, pela boa convivência acadêmica e pessoal durante o período do Mestrado. Em especial, à Michely e ao Flávio, sempre solícitos, atentos e educados.

O resultado desta conquista compartilho com todos vocês!

*O Senhor é a minha força e o meu escudo;
nele confiou o meu coração e fui corrido;
pelo que o meu coração salta de prazer,
e com o meu canto o louvarei.*

Salmo 28:7

DOMINGUES, Rosania Gomes da Silva. **Aspectos interculturais nos usos dos verbos *pegar e tomar* na voz da mulher do povo, Cora Coralina**. 2022. 125f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2022.

RESUMO

Esta dissertação objetiva descrever as construções com os verbos *pegar* e *tomar* nas obras de Cora Carolina, com a finalidade de investigar a multifuncionalidade desses verbos à luz da Gramática de Construções, correlacionando seus usos em construções plenas e construções-suporte. Ao adotar essa perspectiva teórica, é necessário considerar os níveis linguísticos da forma e do significado envolvidos na elaboração de construções com esses verbos e, também, os processos de ordem cognitiva que propiciam a mudança deles da categoria plena para a categoria suporte, sobretudo, o processo de metaforização. Grande parte das atividades dos seres humanos partem de uma experiência corpórea e, baseados nela, mesmo de modo inconsciente, eles constroem metáforas. Tendo em mente que a experiência corpórea é a base para a conceptualização também de nossos expedientes linguísticos, optamos por investigar os verbos *pegar* e *tomar*, visto que ambos têm como traço semântico básico a aproximação do corpo e representam ações básicas: *Agarrar algo ou alguém; segurar e requerer posse de algo, apropriar-se*. Por essas características, esses verbos são recorrentes na fala cotidiana e, portanto, facilmente acessados. Além disso, motivados pela frequência de uso, esses verbos tendem, a partir de um processo metafórico, a aderirem às características culturais do contexto de uso dos falantes. Nessa condição, a hipótese inicial para o desenvolvimento deste trabalho reside no fato de a língua ter uma base corporal para a construção de metáforas (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 2002; SILVA, 2005) e, como os verbos *pegar* e *tomar* têm uma forte relação com o corpo, essa relação pode servir de base para a abstratização dos verbos e ampliação de seus contextos de uso e, por consequência, das suas redes construcionais. Em vista disso, o enfoque desta pesquisa é descrever de que modo o processo metafórico se revela nas construções-suporte, que, por sua vez, são frequentes no falar goiano (SILVA, 2016; OLIVEIRA, 2018). Considerando a relação intrínseca da língua e da cultura (KÖVECSES, 2009, 2010; GEERTZ, 2012; CAPUCHO, 2016), utilizamos como *corpus* de pesquisa as obras de Cora Coralina (2013a, 2013b, 2013c), uma vez que os textos da poetisa têm caráter mnemônico e, assim, conseguem representar o perfil linguístico da cultura goiana ao registrar os costumes do povo goiano. Como caminho metodológico, utilizamos a pesquisa qualitativa descritiva, com suporte quantitativo. A investigação foi fundamentada nos estudos da Linguística centrada no uso de Bybee (2010, 2016), Furtado da Cunha *et. al.* (2013), Givón (2001) e Neves (2002, 2018), que permitiram analisar os aspectos cognitivos que norteiam os diferentes usos das construções com os verbos em análise. Recorremos também à Gramática de Construções de Goldberg (2006), Traugott e Trousdale (2013), Traugott (2008), Croft (2001), Langacker (1987) e outros, que permitiram estudar a língua como um esquema cognitivo abstrato, organizado em redes hierárquicas e redes de herança. A análise dos dados demonstrou que a multifuncionalidade dos verbos *pegar* e *tomar* pode estar vinculada ao traço comum das categorias plena e suporte: a de aproximação corporal (OLIVEIRA, 2018); também ocorre devido ao próprio dinamismo da língua, que visa atender à necessidade do falante.

Palavras-chave: Verbos *pegar* e *tomar*. Metaforização. Gramática de Construções.

DOMINGUES, Rosania Gomes da Silva. **Intercultural aspects in the use of verbs *to catch* and *take* in the voice of the woman of the people, Cora Coralina**. 2022. 125f. Dissertation (Masters in Language, Literature and Interculturality) – Cora Coralina Campus – State University of Goiás, Goiás, 2022.

ABSTRACT

This essay aims to describe the constructions with the verbs "pegar" and "tomar" in Cora Carolina's works to investigate under the Construction Grammar's perspective their multifunctionality, correlating their uses in full constructions and support constructions. By adopting this theoretical perspective, it is necessary to consider the linguistic levels of form and meaning involved in the elaboration of constructions with these verbs, and it is also necessary to consider the cognitive processes that enable their change from the full category to the support category, especially the metaphorization process. Many of the activities of human beings start from a corporeal experience and, based on it, even unconsciously, they build metaphors and, bearing in mind that the corporeal experience is also the basis for conceptualizing our linguistic expedients, that's why we chose to investigate the verbs "pegar" and "tomar", since both have as their basic semantic feature the approximation to the body and both represent basic actions: grab something or someone; holding and claiming possession of something. Due to these characteristics, these verbs are frequent in everyday speech and, thus, they are easily accessed. Furthermore, motivated by the frequency of use, these verbs tend, from a metaphorical process, to adhere to cultural peculiarities of the user's context of use. In this condition, the initial hypothesis for the development of this work lies in the fact that language has a bodily basis for the construction of metaphors (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 2002; SILVA, 2005), just as the verbs "pegar" and "tomar" have a strong relationship with the body, this relationship can serve as a basis for abstracting these verbs and expanding their contexts of use and, thus, their constructional networks. Hence, the focus of this research is to describe how the metaphorical process is revealed in the support-constructions, which in turn, are frequent in Goiás's speech (SILVA, 2016; OLIVEIRA, 2018). Considering the intrinsic relationship of language and culture, we used the works of Cora Coralina (2013a, 2013b, 2013c) as a research corpus. The poetess' texts have a mnemonic character and, thus, they manage to represent the linguistic profile of Goiás culture by recording the customs of the people of Goiás. As a methodological path, we use qualitative research with a quantitative support. The research was based on Usage Based Linguistics of Bybee (2010, 2016), Furtado da Cunha et. al. (2013), Givón (2001) and Neves (2002, 2018) which allowed us to analyze the cognitive aspects that guide the different uses of the constructions with the verbs under study. Also, in the Construction Grammar by Goldberg (2006), Traugott and Trousdale (2013), Traugott (2008), Croft (2001), Langacker (1987) and others, which allowed the study of language as an abstract cognitive scheme, organized in hierarchical and inheritance networks. So far, data analysis demonstrates that the multifunctionality of the verbs "pegar" and "tomar" can be linked to the common trait of the full and support categories: that of body approximation (OLIVEIRA, 2018), also occurs due to the dynamism of language, which aims to meet the needs of the speaker.

Keywords: Verbs pegar (to catch) and tomar (to take). Metaphorization. Construction Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Arquétipo simbólico de uma construção	26
Figura 02 - Trajetória de mudança construcional	34
Figura 03 - Relações hierárquicas entre construções	37
Figura 04 - Rede conceitual, exemplificando a rede conceitual de itens industrializados	38
Figura 05 - Representação do modelo clássico de categorização de Platão	44
Figura 06 – Gráfico da extrema categorização wittgensteiniana	45
Figura 07 - Gráfico da categorização do agrupamento de protótipo	46
Figura 08 - Categorização do verbo <i>tomar</i> , adaptado do modelo de protótipos de Givón (1989)	47
Figura 09 - Esquema sobre as culturas verticais e horizontais	55
Figura 10 - Esquema da relação entre domínio fonte e domínio alvo	63
Figura 11 - Esquema da metáfora <i>Vida é guerra</i>	64
Figura 12 - Esquema do traço de aproximação corporal comum aos verbos <i>pegar</i> e <i>tomar</i>	67
Figura 13 - Casa da Ponte, década de 1980, Goiás-GO	71
Figura 14 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo <i>pegar</i> : FP – 2 Argumentos	85
Figura 15 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo <i>pegar</i> : FP – 3 Argumentos	86
Figura 16 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo <i>tomar</i> : FP – 2 Argumentos	87
Figura 17 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo <i>tomar</i> : FP – 3 Argumentos	88
Figura 18 - Análise da estrutura argumental com o verbo <i>pegar</i> - FS	89
Figura 19 - Esquema da metáfora <i>Pegar febre</i>	93
Figura 20 - Esquema das metáforas <i>tomar conta</i> e <i>tomar posição</i>	97
Figura 21 - Representação de [Vtomar SNposição]	100
Figura 22 - Representação de [Vpegar SNDianteira]	100
Figura 23 - Transferência entre domínios cognitivos	101
Figura 24 - Microconstruções atribuídas ao domínio de movimento	101
Figura 25 - Rede esquemática das construções metafóricas com os verbos <i>pegar</i> e <i>tomar</i> mais recorrentes no contexto goiano	105
Figura 26 - Esquema da metáfora <i>Tomar a bênção</i>	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Dimensões das construções	36
Quadro 02 - Distinção entre metáfora e expressão metafórica	63
Quadro 03 - Frequências <i>Type</i> e <i>Token</i> da construção CX: [PegarSN] no <i>corpus</i> Cora Coralina	82
Quadro 04 - Frequências <i>Type</i> e <i>Token</i> da construção CX: [TomarSN] no <i>corpus</i> Cora Coralina	82-83
Quadro 05 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo <i>pegar</i> – função plena	86
Quadro 06 - Esquema da estrutura argumental da construção com o verbo <i>tomar</i> – função plena	88
Quadro 07 - Graus de abstratização e metaforização das construções CX: VSN	102-103
Quadro 08 - Categorias para análise da abstratização e da metaforização das construções-suporte com os verbos <i>pegar</i> e <i>tomar</i>	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Construções com os verbos <i>pegar</i> e <i>tomar</i>	79
Gráfico 02 - Construções com função plena e suporte	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Porcentagem dos verbos <i>pegar</i> e <i>tomar</i> com função suporte	80
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GC	Gramática de Construções.
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso.
LCU	Linguística Centrada no Uso.
FG	Fala Goiana.
CC	Cora Coralina.
UEG	Universidade Estadual de Goiás.
V	Verbo.
SN	Sintagma nominal.
PREP	Preposição.
FP	Função plena.
FS	Função suporte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A METÁFORA DAS REDES CONSTRUCIONAIS: GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	22
2.1 Princípios da proposta construcionista	22
2.2 Propriedades de uma Construção: esquematicidade, produtividade e composicionalidade	27
2.2.1 <i>Esquematicidade</i>	27
2.2.2 <i>Produtividade</i>	29
2.2.3 <i>Composicionalidade</i>	30
2.3 Mudança na perspectiva da Gramática de Construções	31
2.3.1 <i>A rede das relações entre as construções</i>	37
2.3.2 <i>A rede de herança</i>	39
2.4 Processos cognitivos de domínio geral	41
2.4.1 <i>Categorização e prototipicidade</i>	41
2.4.2 <i>Analogia e metaforização</i>	48
2.4.3 <i>Memória enriquecida</i>	50
3 PEGANDO A METÁFORA COM AS MÃOS	52
3.1 Cultura e Língua	52
3.1.1 <i>A relação entre Cultura e Metáfora</i>	56
3.1.2 <i>A metáfora e a emergência das construções</i>	62
3.2 Estrutura argumental das construções com os verbos <i>pegar</i> e <i>tomar</i> e o processo metafórico	66
4 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	70
4.1 O <i>corpus</i> de pesquisa: As obras da poetisa goiana Cora Coralina	70
4.2 O <i>corpus</i> balizador da pesquisa: Projeto Fala Goiana/Universidade Federal de Goiás	72
4.3 O objeto de pesquisa e as bases metodológicas de análise	73

5 PEGAR E/OU TOMAR A METÁFORA DA REDE CONSTRUCIONAL: EIS A QUESTÃO? ANÁLISE DE DADOS	77
5.1 As ocorrências das construções com os verbos <i>pegar</i> e <i>tomar</i>	78
5.2 A produtividade das construções suporte: frequências <i>token</i> e <i>type</i>	81
5.3 Representação da estrutura argumental das construções plenas e construções-suporte	84
5.4 A colaboração do processo metafórico para a emergência das construções-suporte	90
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	119

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a multifuncionalidade dos verbos *pegar* e *tomar* nas obras de Cora Carolina e analisa seus usos em construções plenas e em construções-suporte, com base numa visão construcionista para a mudança. Para atingir esse objetivo, nos orientamos conforme teorias que investigam o uso, reconhecidas no Brasil como Linguística Centrada no Uso (LCU) e Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Essas abordagens consideram o uso como motivador das mudanças linguísticas e abarcam, dessa forma, a Gramática de Construções (GC).

Na perspectiva da GC, o uso linguístico representa a instância imediata da língua que revela padrões construcionais. Em vista disso, são considerados os níveis linguísticos - da forma e do significado - envolvidos na elaboração de construções com os verbos e os processos de ordem cognitiva estabelecidos por intermédio das experiências dos falantes, que moldam a língua de acordo com suas necessidades comunicativas.

Destarte, considerando que a língua se adapta às necessidades de seus usuários e, conseqüentemente, adquire características do contexto sociocultural, utilizamos como *corpus* de pesquisa os textos da poetisa goiana Cora Coralina presentes nos livros *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (2013a), *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (2013b) e *Histórias da Casa Velha da Ponte* (2013c). Não coincidentemente, essas são as obras mais representativas de Cora Coralina e revelam usos produtivos dos verbos *pegar* e *tomar*, que se associam a metáforas emergentes.

As metáforas emergentes, relacionadas aos verbos em estudo, são construções linguísticas cuja predicação foi alterada em contextos e situações novas para atender a uma necessidade comunicativa do falante (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991). Elas são muito comuns na fala popular e, por isso, produtivas no projeto coralineano, visto que Cora, “a mulher do povo”, como ela mesma se intitula, se apropria da fala popular para rebelar a sua poeticidade. Assim sendo, usamos como balizador de investigação as pesquisas realizadas pelo *Fala Goiana*¹, projeto do Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás, que se dedica a investigar e descrever a variação linguística no português popular falado pelos residentes do estado de Goiás, especialmente, da Cidade de Goiás. Tal *corpus* foi objeto de pesquisa dos trabalhos de Silva (2016), sobre Construções idiomáticas com o verbo *pegar*, e de Oliveira (2018), acerca da multifuncionalidade do verbo *tomar*. Essas pesquisas constataram

¹ O parâmetro de investigação adotado nesta pesquisa será melhor explicado na seção 4.

usos produtivos desses verbos na fala goiana, logo, são usadas como direção para esta dissertação.

Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo é pesquisar a multifuncionalidade dos verbos *pegar* e *tomar* pelo viés construcional, analisando a produtividade das construções plenas para a emergência das construções-suporte. Nesta investigação, demos enfoque ao processo de metaforização por ser esta uma das hipóteses para a mudança da construção plena para a construção-suporte. Nesse processo de mudança, reconhecemos a construção-suporte com os verbos estudados como sendo usos metafóricos representativos da cultura goiana. Para tanto, os objetivos desta pesquisa se desdobram em:

- a) Identificar as construções com os verbos *pegar* e *tomar* na categoria plena e categoria suporte, considerando as diferentes estruturas argumentais e os papéis semânticos associados ao contexto de uso goiano;
- b) Averiguar se as construções com os verbos em estudo, neste *corpus*, são mais recorrentes assumindo a função plena ou função suporte;
- c) Analisar em que medida os sentidos dos verbos *pegar* e *tomar* com função plena favorecem os usos das construções-suporte;
- d) Reconhecer qual(is) o(s) esquema(s) morfossintático(s) assumido(s) pelas construções com os verbos em estudo, sobretudo, pelas construções-suporte;
- e) Descrever de que modo o processo cognitivo de metáfora coopera para a emersão das construções-suporte com os verbos *pegar* e *tomar* na cultura goiana;
- f) Identificar quais as experiências corpóreas e contextuais promovem a conceptualização metafórica das construções-suporte com os verbos em estudo no contexto da poesia de Cora, ambientada no contexto goiano.

As teorias que alicerçam esta pesquisa reconhecem a língua como um sistema adaptativo complexo, portanto, suscetível a mudanças influenciadas por diferentes forças atratoras, por exemplo, o aspecto cultural. Por essa ótica, as construções-suporte com os verbos *pegar* e *tomar* representam um exemplar metafórico cultural que nos permite afirmar que a língua é cultura, numa relação imanente (CAPUCHO, 2016).

Desse modo, a hipótese inicial para este trabalho reside no fato de a língua ter uma base corporal para a construção de metáforas (KÖVECSES, 2009, 2010; SILVA, 2005). Tal base corporal justifica a escolha de verbos que representam uma forte relação com o corpo e compõem o domínio semântico de aproximação corporal. Além disso, hipotetizamos que por *pegar* e *tomar* terem o mesmo traço semântico no projeto literário de Cora Coralina, esse traço pode servir de motivação para a mudança dos verbos plenos para verbos suporte, por meio de

um processo de abstratização que resulta em construções metafóricas emergentes que retratam a cultura goiana.

As terminologias “construções com verbos plenos” e “construções com verbo-suporte” que aqui empregamos seguem a perspectiva da Gramática das Construções² (GOLDBERG, 2006), que postula que não é possível tratar forma e significado separadamente, visto que todos os aspectos constituintes de uma construção contribuem para a sua interpretação.

Por verbos plenos, como defendem Ilari e Basso (2014), entendemos que são aqueles que têm uma alta carga semântica e que constituem individualmente o predicado. Mesmo que dependamos da análise de seus argumentos para entendê-los como plenos, podemos dizer que esses verbos são conceptualmente menos integrados do que os verbos-suporte empregados em suas construções, já que as elaborações com o verbo-suporte, para atingir o seu todo significativo, dependem da contribuição semântica das partes.

Para compreendermos os verbos-suporte, adotamos as definições de Neves (2011), cujos postulados determinam que os verbos-suporte são aqueles cuja própria característica é esvaziada semanticamente e, juntamente com seu complemento, passam a formar um bloco significativo. Esse bloco, normalmente, pode ser substituído por um outro verbo que designa o mesmo sentido.

Essa característica multifuncional justifica a escolha pelas construções com os verbos em estudo, pois, a depender do contexto de uso, é possível que os verbos plenos passem a assumir significados que se afastam do seu protótipo. Os sentidos prototípicos assumidos nesta pesquisa referem-se às acepções da categoria plena apresentadas pelo dicionário *Houaiss on line* (2021): a acepção do verbo *pegar* é “agarrar algo ou alguém, segurar” e do verbo *tomar* é “requerer a posse de algo, apropriar-se”. Além disso, por serem verbos que exprimem uma ação básica, representam ações frequentes e, segundo Bybee (2016), quanto mais frequentes, mais produtivas são as construções, ou seja, têm mais possibilidade de usos, como se mostra nas ocorrências que seguem:

(01) Minhas irmãs tinham medo que **pegasse** nelas. / Não me deixavam participar de seus brinquedos (CORA CORALINA, 2013b, grifo nosso).

(02) Não brinca com Aninha não. Ela tem Cieiro^{3/} e **pega** na gente (CORA CORALINA, 2013b, grifo nosso).

² Aprofundaremos a discussão sobre a abordagem teórica da GC na segunda seção - A metáfora das redes construcionais: a Gramática de Construções.

³ Cieiro trata-se de gretas na pele, é simplesmente a formação de fissuras ou fendas na pele devido a uma exposição da pele seca e escamosa ao frio ou vento. É mais provável ocorrer durante o inverno, embora qualquer condição de exposição também o possa causar, até mesmo o calor extremo. Disponível em: <https://www.atlasdasaude.pt/publico/content/cieiro> Acesso em: 02 jun. 2021.

As ocorrências (01) e (02) compõem a prosa poética “Menina Mal Amada”, da obra *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. Nesta obra, Cora Coralina instaura seu processo criativo e percorre os caminhos sinuosos da memória para recobrar suas vivências desde a infância na Cidade de Goiás.

Na prosa “Menina Mal Amada”, a voz enunciativa confia o tratamento dado a ela desde o nascimento, devido ao anseio da mãe por um filho homem, visto que o pai estava doente. Mal amada, a menina foi acolhida pela bisavó e pela Tia Nhorita. “Era nesse tempo, amarela, de olhos empapuçados, lábios descorados. Tinha boqueira, uma esfoliação entre os dedos das mãos, diziam: ‘Cieiro’” (CORA CORALINA, p. 90, 2013b). Diante disso, era renegada e não podia brincar com as irmãs, “pegar nas irmãs”, caso contrário, elas “pegariam a doença”. Nessa narrativa, as construções com o verbo *pegar* compõem um contexto cotidiano, comum entre as crianças, sendo esta, talvez, uma justificativa para a expansão dos seus usos.

Na ocorrência (01), o sentido do verbo *pegar* pode ser entendido como seu protótipo, tocar algo com as mãos, *tocar nas irmãs*. No entanto, na ocorrência (02), há um conjunto significativo formado entre o verbo *pegar* e SN (Cieiro). Nessa ocorrência, o *pegar* diz respeito a contrair a doença, e não de tocá-la com as mãos.

A relação de aproximação corporal se faz fortemente presente nas duas ocorrências. Em (01), um corpo é negado de se aproximar de outro. Já em (02), é possível notar um processo de desbotamento semântico e o uso da construção como um todo passa a denotar uma enfermidade, relação direta com o corpo.

Vejamos sobre o verbo *tomar* em:

(03) Meu Jesus, viestes ao mundo para os doentes. É a letra e o espírito do Evangelho. Eu sou esse doente. Curai-me de minhas culpa. Dai-me o remédio de minha regeneração. Jesus, dissestes um dia ao Parálítico da Porta das ovelhas: levanta, **toma** [teu catre]⁴, vai e mostra-te aos sacerdotes (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso).

(04) Por dá-cá-aquela-palha, ralhos e beliscão. Palmatória e chineladas não faltavam. Quando não, sentada no canto de castigo fazendo trancinhas... "**Tomando propósito**". Expressão muito corrente e pedagógica (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso).

A ocorrência (03) compõe a prosa poética “Oração do presidiário”, da obra *Poemas dos becos de Goiás* (2013). Foi a primeira obra prima literária da autora, escrita em 1965, na qual a poetisa conta liricamente histórias de espaços da Cidade que ela considera importantes: as ruas, os becos, o rio, entre outros.

⁴ Catre trata-se de uma Cama de viagem dobrável e portátil. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/catre/> Acesso em: 04 dez 2021.

A narrativa em estudo tem características do gênero oração religiosa, um contexto prático de uso da língua. Nesse gênero textual, os fiéis proferem a Deus como sendo o detentor do poder de curar os males dos homens, no caso, dos presidiários.

Para compreender um pouco da postura religiosa cultivada na Cidade de Goiás, é importante remontar a chegada dos bandeirantes ao território goiano, no século XVIII. Esses exploradores, ao avançar à região Centro com o objetivo de encontrar metais preciosos e aprisionar índios para serem mão de obra escrava, traziam, quase sempre, um representante da Igreja. Ademais, ao conquistar a terra, o primeiro marco para indicar a posse era uma cruz e, no lugar do marco, normalmente, era construído uma igreja, por isso, a paisagem do Centro Histórico da Cidade de Goiás é composta por várias igrejas. Nessa condição, é natural que Cora Coralina tenha recebido influência da prática de oração e tenha conseguido, com maestria, ressignificar esse gênero textual por meio do lirismo. Também, com maestria, fazer uso de diferentes construções com o verbo *tomar*.

Em (03) é possível perceber que *tomar* é apresentado em seu sentido pleno, apropriar-se de algo, *teu catre*. Mas em (04), *tomando propósito*, do poema “Antiguidades”, o sentido do verbo passa por um desbotamento semântico e, em conjunto com o SN *propósito*, passa a ter o significado de *objetivar*.

“Antiguidades” é um poema que também compõe a obra *Poemas dos becos de Goiás* (2013). Nele, o eu lírico conta o tratamento a ela quando criança no dia em que se fazia um bolo em casa para esperar visitas. Um bolo para aquele momento “era coisa de respeito”. Na condição de criança, teria apenas que o apreciar, aguardar cheia de desejo por um pedaço daquele bolo, caso contrário, receberia “ralhos, beliscões”, quando não castigos, a fim de “tomar propósito”.

Dos quatro exemplos apresentados, o uso em (04) é aquele que mais se aproxima da definição de verbo suporte de Neves (2011), mostrando um maior grau de abstratização e esvaziamento semântico, bem como, o que melhor representa um uso linguístico cultural goiano.

O processo de abstratização das construções com os verbos em estudo é proveniente de uma frequência de uso, assim como afirma a voz que enuncia em (04). De acordo com o enunciador, a expressão “tomando propósito” é muito “corrente”, ou seja, usada com frequência. Para Cezário (2012), essa frequência rotiniza o processo cognitivo formal das construções, o que possibilita a transferência de significados mais concretos para experiências inovadoras de usos com a língua e ocasiona usos metafóricos.

Para a LCU, a estrutura da língua é motivada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e linguísticos e, para analisa-la, é necessário considerar as categorias que são inerentes aos aspectos externos e internos do sistema (FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2013, p. 22).

Por esse motivo, uma das hipóteses que instiga a criação de novas construções é o princípio da informatividade, pois quando os interlocutores compartilham conteúdo informacional por meio da interação verbal, tanto do ponto de vista cognitivo como do pragmático e interpessoal, esperam provocar alguma reação no seu interlocutor, que passará a usar, pelo princípio da Analogia (BYBEE, 2016), um novo item em uma construção, se baseando em formas já existentes.

A analogia contribui para o processo de metaforização, que possibilita a abstratização de conceitos de domínios mais concretos para outros mais abstratos, engendrando construções mais subjetivas que passam a ter significados específicos, considerando as peculiaridades da língua usada pelo falante. Dessa maneira, a metáfora está presente constantemente em nossa vida, visto que ela é resultado de nossas experiências interacionais. Pensada dessa maneira, a língua tem uma função social, que é de produzir significados e, por esse viés, representa costumes, usos, tradições, ou seja, cultura.

Língua é cultura e, no momento que fazemos uso da analogia e da metaforização para produzir significados novos, produzimos também exemplares culturais. Além desses dois processos, a capacidade de representação multifuncional de um item lexical só é possível em virtude da habilidade cognitiva humana de armazenamento de informações, a qual chamamos de Memória Rica (BYBEE, 2016). Nela, na ocasião em que as palavras e os sintagmas são reconhecidos e associados às representações armazenadas, eles passam por um processo de Categorização (FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2013), permitindo, assim, tratamento gradiente dos aspectos gramaticais.

Em estudos já realizados na fala mineira (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2010), na fala baiana (ALCÂNTARA ANDRADE, 2009) e na fala barra-garcense (GONÇALVES, 2015), percebemos que o verbo *pegar*, com valores semânticos distintos de seu sentido pleno, altera a maneira como seleciona seus argumentos e como constitui predicados, ou seja, tem sua valência e transitividade alteradas. O verbo *pegar* é também utilizado em construções do tipo “Foi e Fez/Pegou e Fez”, que, segundo Rodrigues (2006), funcionam como operador discursivo.

Também existem na literatura estudos acerca do verbo *tomar*. Santos (2011), por exemplo, investiga os diferentes significados que o verbo pode assumir de acordo com o contexto que é usado. Jesus (2014) tenta traçar um possível *continuum* da gramaticalização do verbo, a fim de justificar sua multifuncionalidade. Como já citado, Oliveira (2018) analisou o

verbo *tomar* em suas possíveis categorias, chegando ao resultado que, devido à categoria suporte ser altamente multifuncional, esta é a mais produtiva no *corpus* em que o verbo foi analisado pelo autor.

Para a análise de dados desta pesquisa, recorreremos às teorias que concebem a língua e sua gramática como emergentes do uso e por ele modificadas: A Linguística Centrada no Uso, (Bybee (2010, 2016), Ilari e Basso (2014), e Neves (2002, 2018)), permitiu analisar a aplicabilidade dos verbos em estudo em seus diferentes contextos de uso e os processos cognitivos envolvidos no uso. Considerando a ênfase dada ao estudo do processo cognitivo de metáfora, apoiamo-nos em Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (2002) e Langacker (1987). Além desses, por considerar a metáfora como um processo natural relacionado à língua, que, por sua vez, revela uma cultura, nos aportamos nas orientações de Kövecses (2009, 2010), Geertz (2012) e Capucho (2016) sobre a relação língua e cultura. Ademais, valem nos também do modelo descritivo da Gramática de Construções de Goldberg (2006) e Traugott e Trousdale (2013), por esta propiciar um estudo que considera a integralidade dos níveis linguísticos para a produção de enunciados significativos e perceber os verbos em construções ao mesmo tempo distintas e interligadas.

Como caminho metodológico, utilizamos a pesquisa qualitativa de caráter descritivista. Essa abordagem procura “entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI RICARDO, 2008, p. 34). Para confirmar a produtividade dos usos com os verbos em estudo, sobretudo das construções-suporte na fala goiana, recorreremos também a dados quantitativos.

Destarte, a partir da sistematização apresentada, mostraremos a relevância científica desta pesquisa como ferramenta de promoção linguística e da cultura do povo goiano. Pensando assim, esta pesquisa busca responder as seguintes perguntas:

- a) Nos *corpora* Cora Coralina (2013a, 2013b, 2013c), os verbos *pegar* e *tomar* são mais produtivos em construções plenas ou suporte?
- b) Qual é a frequência *type* e a frequência *token* das construções na categoria suporte?
- c) Considerando a construção-suporte como um uso inovador, como o esquema morfossintático assumido pelas inovações construcionais com os verbos em estudo se diferem das construções plenas com os mesmos verbos?
- d) De que modo o processo metafórico colabora para a emergência das construções-suporte?

e) Podemos afirmar que o traço de aproximação corporal dos verbos *pegar* e *tomar*, assim como as características do contexto de uso goiano, contribuem para a conceptualização de construções metafóricas presentes na fala goiana?

Para alcançar os objetivos propostos e responder as perguntas de pesquisa, estruturamos esta dissertação em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais.

A segunda seção, “A metáfora das redes construcionais: a Gramática de Construções”, contém a fundamentação teórica da Gramática de Construções. Desse modo, no primeiro momento, apresentamos os princípios da proposta construcionista que se abriga nos pressupostos da Gramática funcionalista e da Gramática Cognitiva. Nessa orientação, compreendendo os usos com os verbos *pegar* e *tomar* como uma representação que revela um padrão construcional (GOLDBERG, 2006), nos dedicamos a explicar o que é uma construção e suas propriedades: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A partir dessa caracterização, nos atemos a compreender a mudança linguística na perspectiva da Gramática de Construções, entendendo a língua como um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2016), que se organiza em redes esquemáticas na mente do falante, de acordo com o modo como este conceptualiza o mundo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse processo de conceptualização, diferentes processos cognitivos de domínio geral são acionados (BYBEE, 2016). Para a análise dos fenômenos em estudo, descrevemos os processos de *categorização e prototipicidade, analogia e metaforização e memória rica*.

Na terceira seção, “Pegando a metáfora com as mãos”, elucidamos sobre a relação língua e cultura, sobre o processo metafórico como sendo inerente à cultura e como o processo metafórico pode contribuir para a emergência das construções. Para além, explanamos sobre a relação entre o processo metafórico e as construções com os verbos *pegar* e *tomar*.

Na seção “Metodologia de pesquisa” descrevemos a metodologia adotada para a realização deste estudo. Primeiramente, informamos a respeito do *corpus* Cora Coralina e do *corpus* Fala Goiana, cujos dados foram adotados como parâmetros nesta pesquisa, para, então, descrevermos o objeto a partir do aporte teórico que é usado para examinar as ocorrências e as bases metodológicas de análise.

Já na quinta seção, “*Pegar* ou *tomar* a metáfora das redes construcionais: eis a questão? Análise de dados”, realizamos a análise dos dados coletados na perspectiva da GC, nos atendo a responder as perguntas de pesquisa. Para isso, lançamos, inicialmente em gráficos, a frequência de ocorrências dos verbos em estudo nas categorias plena e suporte. Depois, analisamos a produtividade de cada uma das construções por meio das frequências *type* e *token*, assim como a descrição da estrutura argumental, para, em seguida, verificarmos quais os

processos extralinguísticos estão envolvidos na expansão da função desses verbos e como especialmente o processo metafórico se revela nas construções-suporte. Por último, nos dedicamos a investigar a colaboração do processo metafórico para a emergência das construções-suporte, enfocando a relação entre o domínio fonte e o domínio alvo das construções metafóricas presentes no projeto literário de Cora Coralina.

Finalmente, apresentamos as considerações finais, vinculadas aos resultados da análise da multifuncionalidade dos verbos *pegar* e *tomar* em Cora Coralina, focando, notadamente, como o processo metafórico se revela nas construções-suporte, fazendo delas representativas da cultura goiana.

2 A METÁFORA DAS REDES CONSTRUCIONAIS: GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Nesta seção, expomos as bases teóricas da Gramática de Construções. Na perspectiva da GC, a estrutura da língua é reflexo do uso. Esse uso se dá por meio de construções, compreendidas como um pareamento entre forma e significado, e que se organizam em redes esquemáticas. Ao estudar os postulados que compõem essa teoria, recorreremos principalmente a Goldberg (2006), Croft (2001), Bybee (2010, 2016), Traugott (2008) e Traugott e Trousdale (2013). Também são apresentados os princípios construcionistas, as propriedades das construções (esquematicidade, composicionalidade e produtividade), a mudança na perspectiva construcional, a rede das relações entre as construções, a rede de herança e os domínios cognitivos em que as construções atuam.

2.1 Princípios da proposta construcionista

A Gramática de Construções está sob a égide das discussões linguísticas propostas pela LCU, que se configura a partir da junção dos pressupostos de duas vertentes: Linguística Funcional Clássica - fundamentada no preceito de que a linguagem é um processo de interação social, e Linguística Cognitiva - assentada nas noções de que, no momento da interação, uma série de processos cognitivos são acionados. As duas vertentes linguísticas tratam de teorias que subsidiam os estudos dos fenômenos linguísticos, baseando-se no uso da língua em situações concretas de comunicação.

Desse modo, a Linguística Funcional investiga a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. Nesse processo de investigação, os estudos do discurso e da gramática acontecem simultaneamente, portanto, há uma confluência entre discurso e gramática, já que se interagem e se influenciam reciprocamente. Por esse viés, a gramática da língua é compreendida como um sistema adaptativo complexo em que a estrutura se encontra em constante variação e mudança, devido às instabilidades do discurso (FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2013; BYBEE, 2010, 2016). Diante disso, para compreender como a língua se configura, é necessário que o estudo dos fenômenos linguísticos seja realizado em contextos de uso reais com língua.

A Linguística Cognitiva também reconhece a necessidade de analisar a língua num contexto de uso. De acordo com estudiosos cognitivistas como Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987), Langacker (1987), dentre outros, são nas situações de uso da língua que vemos o

comportamento linguístico como reflexo de capacidades cognitivas que “dizem respeito aos princípios da categorização, à organização conceptual e, [...] sobretudo, à experiência humana no contexto de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais” (FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2013, p. 14). Todos os sentidos categorizados e emergentes da necessidade comunicativa do falante são representados em redes cognitivas em diferentes níveis de abstração. A fim de confirmar que a língua realmente possui uma base cognitiva, podemos analisar as redes construcionais, pois no momento da interação, vários processos cognitivos são acionados na rede, dentre eles, a metáfora.

O processo cognitivo de metáfora, conforme Neves (2018), é um mecanismo natural pelo qual conceptualizamos a nossa experiência no mundo, legitimando, socioculturalmente, domínios menos e mais acessíveis intersubjetivamente. Lakoff e Johnson (1980), citados por Justino (2018, p. 25), também esclarecem que “a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas um dos alicerces conceptuais fundadores da nossa cognição. Por meio da metáfora traduzimos experiências sensoriais, motoras e perceptivas”, partindo de situações concretas para outras menos concretas. Assim, os autores corroboram a importância de analisar a língua partindo de situações de usos reais, em que a forma e o significado se influenciam e se modificam mutuamente, vinculando-se.

Além das abordagens funcionalistas e cognitivistas estarem vinculadas por compreenderem a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, elas compartilham outros pressupostos teórico-metodológicos, como:

[...] a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção entre léxico e gramática, [...] o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural, entre outros (FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2013, p. 14).

Considerando os vários preceitos teórico-metodológicos em que se alinham as vertentes linguísticas funcionalista e cognitiva, compreende-se, então, que para a LCU, a língua, por mais que apresente regularidades aparentes de formato e estrutura, é dinâmica, fluída, suscetível a variações e a mudanças, que acontecem de maneira gradiente e que são motivadas por forças externas de natureza cultural e/ou cognitiva (BYBEE, 2016).

As mudanças linguísticas derivadas de processos cognitivos operam em múltiplas situações da língua com o intuito de que os falantes consigam representar, linguisticamente, a sua conceptualização do mundo (BYBEE, 2016), isto é, a maneira como compreendem o mundo. Nessa condição, o tratamento da análise linguística deve ser realizado de maneira

holística (OLIVEIRA, 2015), considerando o fato de que a gramática da língua é pensada como uma organização cognitiva que se estabelece por meio das experiências com a língua. Nesse processo, tanto a forma como o significado afetam e são afetados pelos usos linguísticos. O resultado dessas experiências mentais com a língua corresponde às construções, objeto de estudo da Gramática de Construções.

Goldberg (2006) considera que a Gramática de Construções toma a estrutura da língua como reflexo da utilização feita pelos usuários, a qual se realiza por meio de construções, que, por sua vez, se organizam em *redes*. Assim sendo, qualquer padrão linguístico pode ser reconhecido como uma construção, contanto que algum aspecto de sua forma ou de seu significado não seja totalmente previsível a partir das partes que o compõem ou de outras construções existentes. Isso significa que uma construção deve ser aprendida a partir da análise da construção como um todo e não de modo estanque.

Consoante a Goldberg (2006), Barros (2016, p. 70) também reconhece uma construção como uma instância imediata da língua que revela padrões construcionais: “as múltiplas construções existentes na língua são cognitivamente armazenadas e utilizadas conforme as necessidades comunicativas dos usuários”, no momento da interação, abrangendo todas as implicações sociocognitivas e discursivo-pragmáticas envolvidas. Desse modo, o significado das construções é atribuído somente no momento efetivo de uso da linguagem, o que faz das construções a representação de uma cultura.

Ainda sobre as construções, Traugott e Trousdale (2013, p. 35) afirmam que elas “são muito ricas, imbuídas de um grande significado pragmático, muitos dos quais podem ser irre recuperáveis fora do evento de fala particular”, uma vez que são resultado de uma negociação de sentidos e são estabelecidas de acordo com os usos, costumes e tradições de uma sociedade, melhor dizendo, conforme a cultura dos sujeitos que compõem a sociedade (GEERTZ, 2012).

A título de exemplo, na esfera dos estudos linguísticos da fala goiana, analisemos uma ocorrência com uma microconstrução-suporte com o verbo *tomar*, representando um expediente de metáfora conceptual proveniente de uso linguístico, rotinizado num contexto histórico-social e cultural goiano. Tomemos como objeto a ocorrência presente no excerto do poema de Cora Coralina:

(05) Havia na roça umas tantas práticas que se cumpriam religiosamente, Os chegantes: “Ô de casa”, “Ô de fora. **Tome chegada**, se desapeia.” O viajante, ou não, descia do animal. Rebatia o chapéu, tirava, pedia uma parada de um dia ou mais... (2013b, p. 49, grifo nosso).

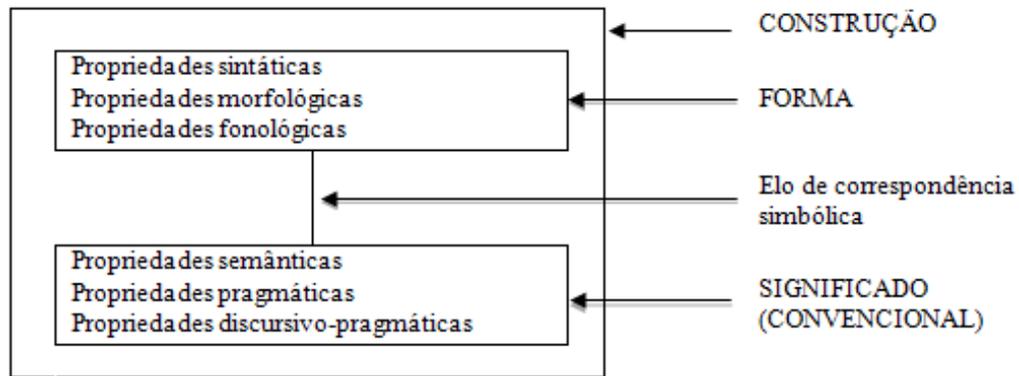
Para compreensão desse excerto, faz-se válido a referência ao processo de ocupação do interior goiano. A Cidade de Goiás situa-se geograficamente no coração do país e, devido a essa posição, foi desbravada posteriormente à região litorânea. A fim de atender a uma necessidade de desenvolvimento econômico do país, nessa região, investiu-se na lavoura e na criação de gado e, assim, em meio a planaltos, chapadas e vales, foram se formando grandes “roças”. Considerando as características do relevo, eram usados animais (cavalos, burros, etc.) como meio de transporte, por isso, o uso de expressões como “desapeia” é muito comum na fala goiana. Desapear deriva de apeiar, que significa descer do animal⁵. Desse modo, como afirma na ocorrência, o viajante, ou não, ao chegar na propriedade, com o intuito de avisar a sua chegada, gritava *Tome chegada*, indicando que estava chegando, ou melhor, se aproximando.

A ocorrência com a microconstrução *Tome chegada*, característica da fala goiana, confirma que a gramática “é representativa das culturas e sua estrutura conceitual e abstrata corresponde à maneira como compreendemos o mundo, portanto, forma e sentido são indissociáveis, e gramática/semântica não podem ser estudados em separado” (LANGACKER, 1987 apud JUSTINO, 2018).

Genericamente, uma construção, nos parâmetros construcionais, refere-se ao pareamento entre a forma e o significado, ou seja, entre o polo da fonologia, da morfologia e da sintaxe e o polo da semântica, da pragmática e do discurso (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Esses dois polos são ligados por um elo simbólico convencionalizado pelo uso entre os falantes de uma comunidade, como mostra o esquema apresentado por Croft (2001, p. 18), que revela que uma construção compreende uma conexão entre a forma e o significado, de modo que as características morfossintáticas, fonológicas, semântico-pragmáticas e discursivo-funcionais se fluidificam, sem a preeminência de uma sobre a outra, conforme a Figura 01:

⁵ Apear significa fazer descer, colocar no chão. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/appear>. Acesso em: 12 dez 2021.

Figura 01 - Arquétipo simbólico de uma construção



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Dessa maneira, é possível entender que, apesar de uma construção apresentar níveis de natureza distinta, esses níveis são autônomos, justificando o conceito de uma construção como sendo um “elo de correspondência simbólica” entre o contexto da forma e o contexto do significado. A ligação é simbólica, pois tratam-se de signos: representações abstratas arquitetadas na mente do falante em uma situação de uso efetivo da língua. Assim sendo, uma construção pode ser compreendida como um arquétipo estrutural, com função ou significado específico, formada por vários signos linguísticos (signos lexicais e signos gramaticais) conectados por vários tipos de relações em um contexto de uso da língua em que os interlocutores se reconhecem culturalmente (CEZÁRIO; ALONSO, 2015).

Analisando ainda a representação de uma construção proposta por Croft (2001), na Figura 01, é importante considerar o enfoque dado à relação entre o contexto da forma (fonética, morfologia e sintaxe) e o contexto de sentido (semântica, pragmática e discurso). Sobre isso, de acordo com Oliveira (2015, p. 24), para melhor compreensão da gramática da língua, os contextos devem ser analisados “em dupla e correlacionada dimensão [...], considerando que ambas as dimensões motivam usos linguísticos e são motivadas por tais usos”. Nessa condição, entender a relação entre as duas dimensões é fator determinante para a compreensão das construções, já que, como afirma Justino (2018, p. 27), “o falante busca na gramática os elos de sentido com sua cultura para se fazer entender socialmente”, por isso, a necessidade de serem analisadas em um contexto de interação da língua em uso.

A observação do contexto, segundo Traugott (2011 apud OLIVEIRA, 2015, p. 24), no que se refere à relação forma-função, é significativa para os estudos sobre a gramaticalização, ou melhor, para o processo de mudança que se inicia a partir dos mecanismos de neoanálise e analogização. Isso porque esses mecanismos expandem a análise dos níveis da língua que antes enfocava “fenômenos de redução de forma e sentido e dependência morfossintática, no nível

da cláusula” e, pelo viés construcional, passa a considerar os níveis semântico-pragmáticos e discursivos que se revelam como atratores por impulsionarem e fomentarem a variação e a mudança gradual da língua, como foi possível observar na ocorrência (05). Além disso, as construções podem variar quanto ao tamanho e à complexidade, podendo existir construções menores e construções maiores, tendo em vista as características de cada uma das suas propriedades (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBBE, 2010, 2016).

Feita a definição preliminar de construção, no próximo item, apresentamos as propriedades construcionais tão importantes para a compreensão da mudança gradiente das construções linguísticas.

2.2 Propriedades de uma Construção: esquematicidade, produtividade e composicionalidade

De acordo com os estudos de Traugott e Trousdale (2013) e de Goldberg (2006), há em uma construção o conjunto de três propriedades: a *esquematicidade*, a *produtividade* e a *composicionalidade*. Essas propriedades são gradientes, logo, devido a esse caráter, permitem que sejam analisadas em níveis escalonares e, conseqüentemente, possibilitam também a compreensão dos aspectos que estimulam as construções a mudarem progressivamente.

2.2.1 Esquematicidade

A esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve abstração, em virtude disso, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), um esquema compreende uma generalização taxonômica de categorias linguísticas. A capacidade cognitiva de generalizar informações permite que o indivíduo forme esquemas mais genéricos ou mais específicos, mas que, de alguma maneira, estejam relacionados uns com os outros na rede de construções. A formação desses esquemas dependerá da frequência de uso, visto que a frequência, segundo Cezário (2012), rotiniza o processo cognitivo formal das construções, podendo, então, suscitar a transferência de significado para novas experiências de usos com a língua, como acontece durante o processo de metaforização.

É no contexto de uso que, conforme a necessidade comunicativa do falante, alguns padrões construcionais serão utilizados como modelos para dar origem a uma “nova” construção, a partir de um padrão de uso mais geral. Assim, é possível compreender os graus de um esquema como pertencentes a níveis de generalidade ou especificidade (TRAUGOTT;

TROUSDALE, 2013; LANGACKER, 2009). Dessa maneira, quanto mais alta for uma construção na hierarquia de uma rede construcional, mais geral e mais abstrata ela também será, podendo, então, abranger outros padrões mais específicos (subesquemas, microconstruções e construtos).

Um subesquema representa o nível intermediário em relação ao esquema e à microconstrução e, mesmo apresentando um padrão mais específico, ainda continua apresentando traços de abstração, sendo, portanto, mais procedural que lexical. Já as microconstruções representam um nível mais baixo e são mais lexicais.

Traugott e Trousdale (2013) afirmam ainda que a esquematicidade é gradiente. A gradiência trata do processo de mudança que muitas categorias da língua ou da gramática sofrem de modo progressivo, migrando um elemento de uma categoria para outra continuamente (BYBEE, 2010, 2016). A partir dessa ideia, é possível reconhecer um subesquema como um nó na rede construcional que pode integrar um novo nó dentro dessa rede, da mesma forma que um item pode motivar a formação de um nó ainda não existente ou fazer com que deixe de existir.

Tomemos como exemplo a mudança dos verbos *pegar* e *tomar* da categoria plena para a suporte, *pegar doença* e *tomar uma decisão*. Nessas microconstruções, os elementos que acompanham os verbos, *doença* e *uma decisão*, são considerados parte deles, sendo necessário analisar todos os componentes para que o significado seja compreendido. Logo, a partir da união desses elementos, os verbos assumem outro significado, *adoecer* e *decidir-se*, que não o seu prototípico.

Para Traugott e Trousdale (2013), a instanciação dos padrões linguísticos em esquemas e subesquemas “são apenas as subpartes do sistema linguístico que o linguista escolhe para discussão e análise” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14, tradução nossa). A proposta é compreender como os indivíduos abstraem esquemas mais gerais a partir do uso de várias microconstruções, ou seja, de esquemas mais específicos.

Goldberg (2006) cita como exemplo o esquema de uma construção que pode consistir inteiramente de slots 'esquemáticos' abstratos, como o componente de forma do esquema ditransitivo [SUBJ V OBJ1 OBJ2], em construções como as citadas por Oliveira (2018): *eusuj deiv um boloobj1 a Joãoobj2*; *eusuj enviei v uma carta obj1 a meu amigo obj2*; e *eusuj passeiv o sal obj1 ao convidado obj2*, o indivíduo consegue abstrair o esquema X dá Y a Z, do tipo: X CAUSA Y RECEBER Z. Uma construção também pode ser parcialmente esquemática na medida em que contém uma construção substantiva, assim como a construção de caminho ([SUBJi [V POSSi way] DIR]).

Importante compreender, no que se refere à esquematicidade, que quanto mais alto o nível de um esquema na hierarquia de uma rede construcional, maior é a possibilidade de categorizar subesquemas e, a partir desses subesquemas, maior a possibilidade de categorizar as microconstruções e, consecutivamente, os construtos que representam as experiências linguísticas dos falantes em um contexto específico de uso.

2.2.2 *Produtividade*

A produtividade, para Traugott e Trousdale (2013), diz respeito à extensibilidade de uma construção, o que significa compreender a probabilidade de um esquema construcional ser acessível e sancionar subesquemas e microconstruções também dentro de um contexto específico de uso. Os autores afirmam que “quando novas construções são formadas, elas normalmente se espalham aumentando gradualmente sua frequência de uso ao longo do tempo” (BYBEE; MCCLELLAND 2005, p. 387 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18). Dessa maneira, é possível afirmar que a produtividade está relacionada com a frequência de uso de uma construção, isto é, quanto mais frequente for o uso de um esquema dentro de um contexto de uso, maior será a possibilidade de ele ser usado em um novo contexto.

A produtividade é uma das principais características de uma construção que nos ajuda a compreender a multifuncionalidade dos verbos *pegar* e *tomar* na poesia goiana. É possível que a frequência de uso do padrão prototípico dos verbos em estudo, considerando as especificidades do contexto discursivo-pragmático, tenha impulsionado a abstratização desses verbos, ocasionando em “novos” usos, no caso, construções-suporte provenientes de um processo cognitivo de metáfora.

Bybee (2016), ao falar da produtividade como sendo um dos fatores que afeta a estrutura de uma construção, associa-a à frequência de uso e estabelece dois tipos de frequências: a *type* e a *token*. A frequência *type*, como propõem Traugott e Trousdale (2013), refere-se ao número de expressões diferentes que um determinado padrão possui; a frequência *token* refere-se ao número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto. Ao apresentar essas definições de frequência, Bybee (2010, p. 29) salienta que:

A evidência de que exemplares específicos de construções impactam a representação inclui o fato de que tais exemplares podem transformar-se gradualmente em outras construções novas, independentes, pela repetição. Além disso, [...] a frequência de

instâncias específicas de construções tem um impacto nas categorias formadas pelas posições esquemáticas nas construções.⁶

Dessa maneira, Bybee (2016) ressalta, como Traugott e Trousdale (2013), mais um aspecto da propriedade produtiva das construções, a gradiência. Em vista disso, compreendemos que cada uso de uma construção, numa dada situação de uso, pode representar uma variação, que pode mudar gradualmente quando consideramos as inferências pragmáticas que acompanham a língua na interação, determinando, assim, as estruturas linguísticas no contexto discursivo.

2.2.3 Composicionalidade

A composicionalidade refere-se ao grau de transparência do elo entre a forma e o significado. Em outras palavras, alude à previsibilidade do sentido global de uma construção a partir do sentido das partes que a compõem.

Já que a composicionalidade corresponde aos graus de transparência entre forma-significado, ela pode ser pensada em níveis, o que significa que uma construção pode ser mais composicional ou menos composicional. Uma construção é considerada mais composicional quando as partes que a compõem podem ter seus sentidos reconhecidos de maneira compatível. Uma construção é menos composicional quando nem todas as partes que a compõem são reconhecidas semanticamente, podendo haver até mesmo incompatibilidade de sentidos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016).

Em algumas construções, os sentidos das partes são tão entrancheirados que passam a ser analisados de maneira integrada, compondo um bloco significativo. É o caso das expressões idiomáticas, como por exemplo: “mexer os pauzinhos”. Essas construções apresentam baixa composicionalidade e, normalmente, são analisadas como sendo um único bloco, dotado de significado; além disso, possuem um sentido metafórico e, por essa característica, são passíveis de compreensão apenas dentro de um contexto linguístico de uso específico.

Sobre a possibilidade de uma construção ser analisada sob a propriedade de analisabilidade, Bybee (2016) explica que uma construção composicional pode ser analisável à medida em que o falante reconhece na construção palavras, morfemas e uma estrutura morfossintática individual. Porém, a autora esclarece que a composicionalidade e a

⁶ Tradução nossa do trecho: “The evidence that specific instances of constructions impact representation include the fact that these instances can change gradually into new, independent constructions, through repetition [...]. In addition, it is shown that the frequency of specific instances of constructions has an impact on the categories formed for the schematic slots in constructions” (BYBEE, 2010, p. 29).

analisabilidade, apesar de serem estreitamente relacionadas, são propriedades intrínsecas, como podemos verificar a partir da análise da expressão idiomática “mexer os pauzinhos”. Nela, apesar do falante não conseguir recuperar o sentido de cada um dos itens que a compõem no todo, ele consegue compreender o sentido dos itens analisando-os como um todo e com sentido metafórico. Isso significa que as expressões idiomáticas são pouco composicionais, mas são analisáveis. Tais características comprovam a natureza complexa dos usos linguísticos, logo, adaptativos. Essa natureza é analisada no item seguinte, correlacionada com os atratores que impulsionam o processo de mudança.

2.3 Mudança na perspectiva da Gramática de Construções

A língua é um fato social, portanto, à medida que a sociedade muda, a língua também se modifica, fazendo da mudança um fenômeno inerente ao sistema linguístico.

Ao falar da mudança na perspectiva da LCU, Bybee (2016) reconhece a língua como um sistema adaptativo complexo, visto que, no uso, ela emerge de um processo de ordem → desordem → ordem, de maneira natural. Em outros termos, “sem a necessidade de nenhuma “mão invisível” para isso [...]. Um exemplo clássico é um engarrafamento de trânsito, por excesso de veículos. Surge do nada e também do nada deixa de existir” (ABREU, 2013, p. 230). A desordem nesse processo de mudança da língua é também conhecida como a teoria do caos; este representa, na verdade, uma “nova forma de pensar que aguarda instruções de mudança” (ABREU, 2013, p. 230).

Por sua vez, as instruções de mudança são conhecidas como atratores - elementos externos à língua que direcionam, estimulam e fomentam a mudança e a variação linguística. Para explicar o processo de mudança na estrutura das línguas, Bybee (2016) utiliza, analogicamente, a metáfora das dunas de areia e reconhece que, apesar das dunas exibirem uma regularidade aparente em sua estrutura, elas mudam continuamente ao longo do tempo, motivadas por forças de natureza interna e externa. Deste modo, a variação não se dá arbitrariamente.

Na abordagem construcional, uma mudança é analisada a partir das construções, compreendidas como um pareamento de forma e função, ligado por um elo simbólico, convencionalizado pelos falantes (GOLDBERG, 2006). A ideia da convenção refere-se ao reconhecimento, à aceitação e à rotinização de uma construção pelos falantes de uma mesma comunidade. Nessa condição, os fatores culturais e sociais são considerados atratores, ou seja, elementos externos à língua que motivam a mudança, assim como o contexto e a inferência

pragmática. Além disso, também é necessário reconhecer a relevância dos processos cognitivos, já que toda a organização mental do falante é realizada de modo a satisfazer as suas necessidades de comunicação dentro de um contexto específico de uso. Devido à natureza cognitiva, uma construção é também reconhecida como “um esquema abstrato e simbólico de onde são instanciados os componentes gramaticais” (BARROS, 2016, p. 36) e, independente do tamanho, elas são unidades básicas da língua, nas quais as mudanças acontecem.

A mudança linguística, para Casseb-Galvão e Bagno (2017), num sentido amplo, corresponde a qualquer alteração na forma ou no significado dos componentes da língua, que pode ser percebida em uma comunidade linguística. Assim, os autores confirmam, mais uma vez, que a fluidez e o dinamismo do sistema linguístico, impulsionados por forças atratoras, tendem a expandir seus usos para novos contextos, a partir dos mecanismos de neoanálise e analogização. Nesse processo, a mudança deixa de ser vista no âmbito de um item específico e se volta para os níveis semânticos, pragmáticos e discursivos, podendo acontecer, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), seguindo três passos:

1. **A inovação**, que acontece no momento que o ouvinte interpreta o construto a sua maneira e, depois, na condição de falante, reutiliza o mesmo constructo com um significado alterado, ou melhor, com um novo significado

2. **A convencionalização**, que ocorre quando uma palavra, após passar por uma “reanálise”, é usada de modo naturalizado (convencional) pelos falantes em novos contextos de uso.

3. **A mudança**, que pode ser uma mudança construcional ou construcionalização, nesta circunstância, resulta na criação de uma nova construção.

Ao falar sobre os processos de construcionalização e mudança construcional, é importante lembrar que as construções são acomodadas em nossa mente em **redes** esquemáticas. Cada construção representa um **nó** na rede cognitiva e cada movimentação desse nó, ou surgimento de um novo nó, significa uma mudança de função na língua, ou seja, um novo uso. Nesse processo de mudança, alguns vocábulos passam por um processo de gramaticalização, ao migrarem da condição de lexical para uma condição gramatical ou de menos gramatical para mais gramatical, a partir de micropassos, que podem ser graduais ou instantâneos. As microconstruções criadas gradualmente tendem a ser procedurais/gramaticais, enquanto as microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo/lexical.

Sobre o percurso da mudança de um item lexical para um item mais gramatical, Hopper e Traugott (1993 apud SILVA, 2005) afirmam que ela acontece comumente a partir de um mecanismo de abstração metafórica. Os autores propõem que os itens lexicais são mais

concretos, portanto, tendem a ser os elementos caracterizados como substantivo, ou verbo, ou adjetivo, reportando ou descrevendo coisas, ações, processos, estados e qualidades. Os itens gramaticais são menos conceituais e mais abstratos, por conseguinte, são as preposições, os conectivos, os pronomes, as conjunções, que servem para indicar relações nominais entre vocábulos (preposições); para conectar partes do discurso (conjunções); e para indicar e identificar as entidades ou participantes em um discurso (pronomes ou artigos).

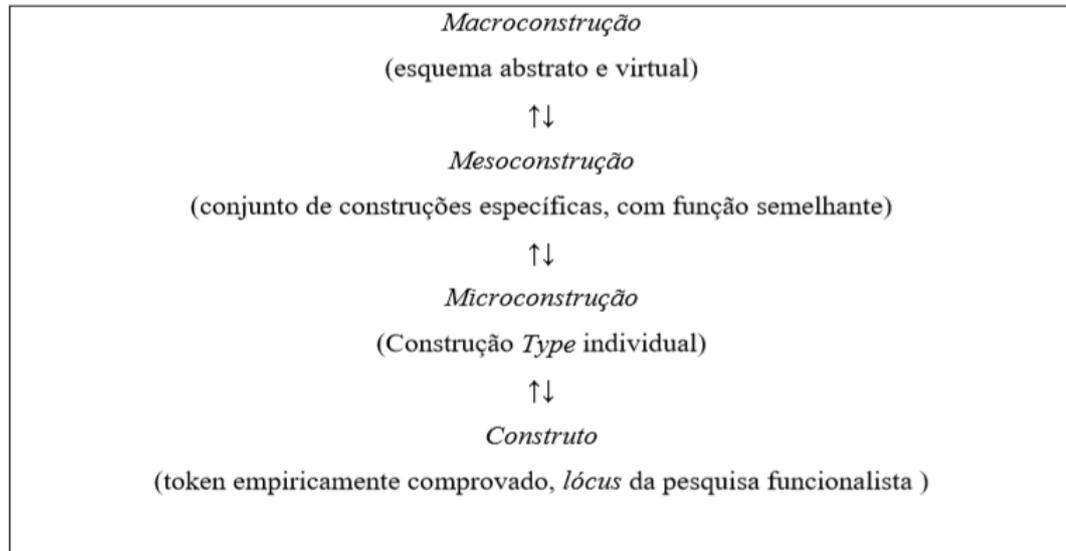
Para Traugott e Trousdale (2013), o processo de gramaticalização (processo de mudança), seja de um item lexical para o gramatical ou do menos gramatical para o mais gramatical, é reconhecido como construcionalização e ocorre quando a mudança acontece tanto na forma quanto no conteúdo, a partir de um processo de neanálise, dando origem a um novo nó na rede linguística de uma comunidade de falantes. Todo o processo de construcionalização de uma construção implica mudanças graduais nas propriedades da construção (esquematicidade, produtividade e composicionalidade).

A mudança construcional também exige a análise das propriedades construcionais, contudo a mudança ocorre em apenas um dos subcomponentes da construção, ou seja, apenas na forma ou apenas no significado. Nesse caso, a construção não representa um novo nó na rede cognitiva, mas é agrupada a um nó já existente. Como exemplo dos processos de construcionalização e mudança construcional, tomemos como referência o uso do verbo *pegar*.

Como já dito, pesquisas realizadas na fala mineira (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2010), na fala baiana (ALCÂNTARA ANDRADE, 2009) e na fala barra-garcense (GONÇALVES, 2015) evidenciam o verbo *pegar* com valores semânticos distintos de seu sentido pleno, modificando o modo como elege seus argumentos para assumir um novo sentido. Nesse processo, o que se percebe é que o verbo *pegar* vem passando por um processo de gramaticalização ao perder parte de suas propriedades semânticas e adquirir outras funções gramaticais, dependendo, assim, dos argumentos que o acompanham para a estabelecer um novo sentido.

Traugott (2008) representou esquematicamente o percurso de uma mudança construcional denominada “Trajetória de mudança construcional”, como se mostra na Figura 02:

Figura 02 - Trajetória de mudança construcional



Fonte: Traugott (2008, p. 235).

Na Figura 02, Traugott (2008) exhibe o caminho da mudança, considerando todos os níveis da língua: fonética, morfologia e sintaxe, no plano formal; e semântica, pragmática e discurso, no plano do sentido, ao invés apenas da cláusula (estrutura). As duas setas paralelas indicam que os processos que ocasionam mudanças na língua ocorrem concomitantemente. As setas ascensionais revelam que as mudanças ocorrem a partir do construto: unidades de usos mentais utilizadas com mais frequência (*tokens*), podendo chegar a uma macroconstrução, que é um esquema abstrato e virtual. Vale ressaltar que os constructos de uso mais frequentes são mais sensíveis à mudança do que os constructos menos frequentes. Já as setas descensionais significam a inserção dos mecanismos de neoanálise e analogia a partir do esquema abstrato e virtual, que pode dar origem a novos constructos, ou seja, a novos usos linguísticos, de acordo com a necessidade de comunicação do falante.

Para ilustrarmos como a trajetória de um “novo uso linguístico”, compreendendo o tratamento contextual, com base na consideração dos seis fatores estabelecidos por Croft (2001), e atendendo aos níveis de escalaridade de Traugott (2008), analisemos a seguir uma ocorrência de construção com o verbo *pegar*, presente na obra da poetisa Cora Coralina (2013b).

No trecho (06), também podemos verificar a possibilidade de substituir o verbo-suporte (*pegar nome*) por um pleno (*nomear*), sem prejuízo semântico:

(06) Ninguém sabia porque ela tinha **pegado nome** de gente, acrescido de dona. Era Dona Otília. Até os trabalhadores que iam ao quarto dos arreios buscar qualquer pedaço de corda, velhas ferramentas, achavam graça nela (CORA CORALINA, 2013b, grifo nosso).

Como já dito, as construções são frutos de processos cognitivos que se encontram estocadas na mente do falante e que, de acordo com sua necessidade comunicativa, são acessadas para a formulação de novos enunciados - novas construções. No entanto, conforme o modelo construcional de Traugott e Trousdale (2013), essa mudança pode ocorrer na forma e no significado ao mesmo tempo (construcionalização), ou apenas na forma, ou apenas no significado (mudança construcional). Na ocorrência (06) é possível perceber que o verbo *pegar*, ao perder algumas de suas propriedades semânticas e ter a sua forma alterada, passa a constituir o esquema [*pegar* + SN], no qual é possível verificar que houve alteração tanto no significado quanto na forma, ocasionando então em uma mudança construcional.

Ademais, como mencionado, um dos fatores que permite que a língua seja passível de sofrer mudanças é a gradiência das categorias. Diante disso, é importante discorrer sobre a gradiência existente na própria dimensão das construções. Para Traugott e Trousdale (2013), algumas dessas dimensões são: o tamanho, o grau de especificidade fonológica e o tipo de conceito.

Relativo à dimensão **tamanho**, os autores afirmam que uma construção pode ser atômica, complexa ou intermediária: 1) atômica: monomorfêmica, como as terminações sufixais ou mesmo palavras que não apresentam afixo e, ainda, elementos mórficos como o “s” indicativo de plural, que na língua portuguesa, sozinho, não detém significado; 2) complexa: quando uma palavra apresenta um significado diferente de suas partes (nomes compostos) ou sintagmas; 3) intermediária: ao contrário da complexa, na intermediária, parte da expressão que a compõe permite ser analisada separadamente, é o caso das palavras formadas por derivação prefixal.

A dimensão da **especificidade fonológica** examina se uma construção é substantiva, esquemática ou intermediária. A substantiva é integralmente especificada fonologicamente, por exemplo, itens lexicais ou expressões fixas (dobrar a língua, bater boca, etc.). A esquemática envolve graus de esquematicidade: quanto menos esquemática, mais específica, ou seja, lexical. A intermediária tem uma parte substantiva e outra parte esquemática, como é possível observar no esquema *sub + eiro* (brasileiro, pedreiro...).

Já a dimensão do **tipo de conceito** permite a classificação de uma construção de acordo com o conceito que ela traz em si. Dessa maneira, a construção pode ser mais de conteúdo (lexical), como os substantivos e os verbos, ou mais procedural (gramatical), demonstrando relações linguísticas, como as categorias gramaticais, as desinências e outros.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), essa especificação em construções lexical e gramatical não representa que elas são opostas, visto que a relação entre elas é gradiente.

Logo, podemos observar a proximidade entre os dois tipos de construções ao analisarmos os processos de gramaticalização em que uma palavra lexical pode tornar-se gramatical.

Por sua vez, são classificadas como intermediárias as construções que possuem tanto conteúdo lexical quanto gramatical, tal como a construção-*way*, do inglês. De acordo com Barros (2016), em português, podemos citar como exemplo de construções intermediárias a evidencialidade e a modalização.

As dimensões das construções são sintetizadas por Traugott e Trousdale (2013) como se vê no Quadro 01:

Quadro 1 - Dimensões das construções

Dimensões das construções			
Tamanho	Atômico <i>Vermelho (red), -s</i>	Complexo <i>Mexer os pauzinhos, em cima de</i>	Intermediário <i>Fogueira (bonfire)</i>
Especificidade Fonológica	Substantiva <i>(dropout) abandono, -dom</i>	Esquemática N, SAI (inversão Suj./Aux.)	Intermediária <i>V-ment</i>
Conceptualização	Com conteúdo <i>Vermelho (red), N</i>	Processual <i>-s, SAI</i>	Intermediária <i>way-construção</i>

Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 13).

A partir da proposta de Traugott e Trousdale (2013), podemos determinar que as construções com os verbos desta pesquisa são variáveis. A título de exemplificação, recorreremos novamente à ocorrência (06), que apresenta uma microconstrução-suporte com o verbo *pegar*. Nela, o verbo-suporte tem como uma de suas características a possibilidade de ser substituído por um verbo pleno que tenha o mesmo significado do esquema [*pegar* + SN], como em *pegar nome* ou *nomear-se*; além disso, é mais esquemática do que o verbo *pegar* em sua forma plena; quanto ao tamanho e ao conceito, é intermediário e de conteúdo também.

Observemos uma ocorrência com o verbo *pegar* na categoria plena:

(07) Meu avô dava ordem: **pegar** o primeiro [animal] solto, passar o lombilho ou simplesmente baixeiro. Focinhar de corda ou cabresto. Não negar ajuda. Nem todos iam até o fim, dependendo de mais ou menos carregadores (CORA CORALINA, 2013b, grifo nosso).

Na ocorrência (07), o verbo é substantivo, pois é possível analisar os componentes da oração separadamente [*pegavam_v* + *animalelemento pegado*], possui conteúdo - segurar, agarrar – e, em relação ao tamanho, é intermediário quando flexionado.

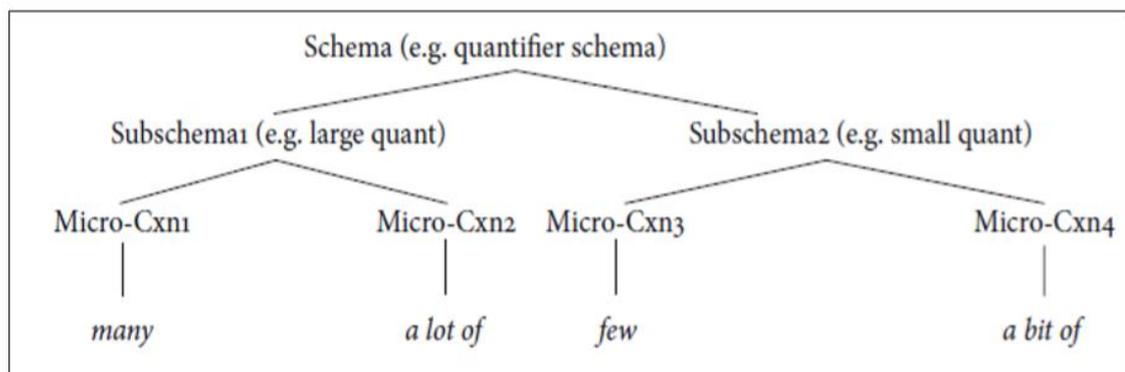
Além da compreensão das dimensões das construções e do percurso de uma mudança linguística (gramaticalização), como foi possível verificar na Figura 02, Traugott e Trousdale (2013) propõem mais uma investigação da língua, compreendendo-a como uma rede de construções. Nessa rede, as construções podem ser analisadas considerando graus de esquematicidade. Assim, a metáfora da rede de construções é defendida por Traugott e Trousdale (2013), como se mostra no item a seguir.

2.3.1 A rede das relações entre as construções

Para Traugott e Trousdale (2013), as construções são organizadas em redes esquemáticas, que podem ser analisadas em três níveis, a saber: esquemas, subsquemas e microconstruções. O esquema é o nível mais alto e mais abstrato. Cada esquema é composto por subsquemas, nível mais baixo em relação ao esquema. O subsquema, por ser um grupo mais específico, pode agrupar várias microconstruções que, por sua vez, podem reunir vários constructos (*tokens*) com o mesmo sentido ou significado semelhante.

Normalmente, os *tokens* pertencentes a mesma microconstrução podem ser usados num mesmo contexto discursivo. O *token* é o nível mais baixo em um esquema e, como já dito, é a representação do uso. Assim, quanto mais baixa na rede formada, mais específica uma construção é; em contrapartida, quanto mais alta na rede, mais abstrata/esquemática. A rede esquemática dos quantificadores, Figura 03, demonstra essa explicação:

Figura 3 - Relações hierárquicas entre construções



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17).

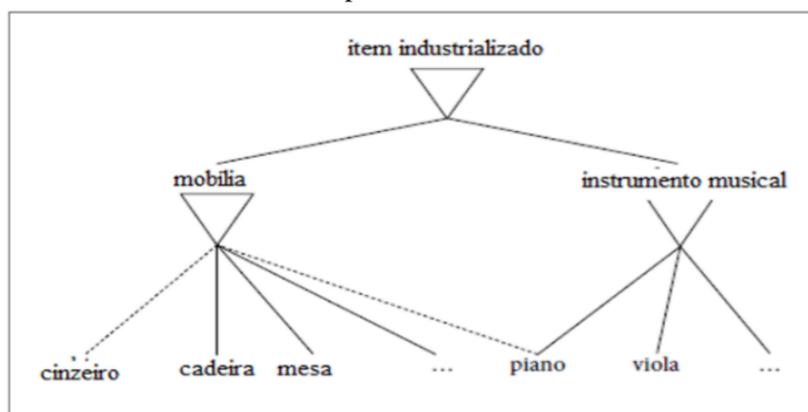
Na Figura 03, é possível observar um esquema, nível mais alto da hierarquia, que associa todos os tipos de quantificadores. O esquema, devido a sua posição na hierarquia, é também mais abstrato e genérico. Por compor um nível abaixo ao esquema, o que chamaremos

de nível mediano, o subesquema continua apresentando traços abstratos e genéricos, mas com especificidades suficientes para ser dividido em dois subesquemas: um indicando grande quantidade e outro indicando pequena quantidade. Por último na hierarquia, as microconstruções, que agrupam os diferentes constructos, de acordo com seus usos específicos. Por comporem o nível mais baixo, as microconstruções (*tokens*) seriam menos esquemáticas, então, mais propensas a mudanças, já que é a partir das experiências de uso com a língua que as inovações acontecem.

As construções são cenas da experiência humana, portanto, as mudanças construcionais ocorrem a partir do momento que o falante tem contato com um número significativo de *input* e necessita, por neanálise ou analogia, criar uma nova rede esquemática. Assim sendo, quanto mais frequente for o contato do indivíduo com exemplares de usos da língua, maior a oportunidade de abstração e constituição de novos esquemas. Tais esquemas passam por categorização e, para isso, abrangem o modo como o indivíduo conceptualiza o mundo, confirmando, mais uma vez, a relevância do contexto semântico-pragmático e discursivo para a compreensão de toda a construção linguística.

Considerando a percepção do indivíduo, compreendemos que, em uma rede esquemática, existem conceitos mais esquemáticos e, dessa forma, mais abstratos e gerais; já outros são mais concretos, como podemos observar no exemplo de rede conceitual de itens industrializados, proposto por Traugott e Trousdale (2013):

Figura 04 - Rede conceitual, exemplificando a rede conceitual de itens industrializados



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17).

Traugott e Trousdale (2013) defendem que as construções se associam em suas categorias por meio de elos, em um sistema de pirâmide - quanto mais abaixo na rede formada, mais específica uma construção é. Em contrapartida, quanto mais alta na rede, mais abstrata, ou seja, mais esquemática. Assim, *item industrializado* compreende um conceito mais abstrato

e geral que, por sua vez, abarca conceitos mais concretos, como *mobília* e *instrumento musical*. Os dois conceitos têm como característica comum serem produzidos industrialmente, mas distanciam-se quanto à função que desempenham: *mobília* é um utensílio doméstico, enquanto *instrumento musical* é um artefato que produz som.

As linhas na rede representam uma associação entre os conceitos apresentados. Além disso, quanto mais acentuada a linha, mais prototípico é o conceito inferior em relação ao conceito geral, no caso, *cadeira* é mais prototípico em relação à *mobília*.

Os conceitos de *cadeira*, *mesa* e *cinzeiro* estão agrupados em uma mesma categoria, por apresentarem alguma característica em comum. Entretanto, é possível observar que *cinzeiro* está ligado ao conceito de *mobília* por uma linha pontilhada, enquanto *cadeira* e *mesa* estão ligadas por um traçado mais forte. A linha pontilhada e distanciada indica que *cinzeiro* partilha menos traços em comum com *mobília* do que *cadeira* e *mesa*. Da mesma maneira, o conceito de *piano*. O distanciamento acontece pelo fato de que nem todos os indivíduos reconhecem o *cinzeiro* e o *piano* como pertencentes à categoria *mobília*.

Para Traugott e Trousdale (2013), o agrupamento por semelhança de itens para formar uma categoria em uma rede construcional é denominada “nós” e cada elo entre os nós representa uma possível relação de uma categoria com outra. Analisar as relações entre cada um dos itens nos permite compreender que um item pode pertencer a duas categorias diferentes, de acordo com o valor que atribuímos a ele. Essa versatilidade da construção nos remete à noção de rede de herança (GOLDBERG, 1995), sobre a qual discorreremos no item a seguir.

2.3.2. A rede de herança

A Gramática de Construções postula que a língua é uma rede de construções, que não são aleatórias. Tendo isso em mente, cabe à GC definir que tipo de relação sustenta essa rede. Nesta pesquisa, ganha importância a noção de rede de herança proposta por Goldberg (1995). Para a autora, a rede de herança se define como uma herança *by default*, a qual se caracteriza como redes que se organizam de maneira radial em torno de uma construção central básica. Tal arquétipo de herança tem origem nos estudos de Lakoff (1987) e reflete os princípios da Linguística Cognitiva em relação aos processos de conceptualização e categorização. Partindo dessa ideia, Goldberg (1995) estabelece quatro tipos de herança:

- i. Herança por polissemia, quando uma construção é uma extensão semântica da construção-mãe.
- ii. Herança por subparte, quando uma construção é uma subparte da construção-mãe.

iii. Herança por instanciação, quando a construção herdeira é um caso da construção-mãe.

iv. Herança por metáfora, quando a construção herdeira é uma extensão metafórica da construção-mãe.

Baseando-se em Goldberg (1995), nesta pesquisa, adotamos o posicionamento de que as construções com os verbos *pegar* e *tomar* assumem uma multiplicidade de funções na rede construcional, produzindo diferentes sentidos com construções integradas entre forma e função. Para isso, damos enfoque às relações metafóricas, visto que parte das inovações linguísticas partem de experiências de usos mais concretos para usos mais abstratos. Nesse processo, as estruturas cognitivas são acionadas e perpassam os aspectos culturais dando origem a exemplares linguísticos culturais. Esses exemplares herdam traços da construção prototípica. No caso das construções com os verbos em estudo, uma herança saliente é o traço de aproximação corporal. Mesmo que *pegar* e *tomar* passem por um processo de abstratização, assumindo a condição de verbo-suporte, ainda conseguem manter o mesmo traço. Tomemos como exemplo, as microconstruções-suporte em (08) e (09):

(08) Os ônibus de Independência e Tupi **pegavam** e deixavam [passageiro] naquela esquina. Gente de lavoura, carregando suas compras, sacos ajoujados (CORA CORALINA, 2013c, p. 45, grifo nosso).

(09) Foi depois disso que se resolveu de deixar o lugar e aí o povo da comadre se acostou com a gente. Viemos comboiados até Barbalha. Dali eles **tomaram rumo** da Paraíba e nós por outro caminho. E vai a mulher falando daquela retirada, tão pesada, como se fosse de ontem (CORA CORALINA, 2013c, p. 45, grifo nosso).

Embora os dois sentidos assumidos por “pegavam passageiro” e “tomaram rumo” se afastem do sentido prototípico de *agarrar algo ou alguém, segurar e requerer a posse de algo*, a semântica de aproximação corporal se mantém. Em (08) a microconstrução verbal assume o sentido de “transportar” - um corpo é transportado - enquanto que em (09), o sentido é direcionar-se, um corpo é direcionado, movimenta-se para um determinado lugar, no caso, para a Paraíba. As duas construções exemplificadas foram abstratizadas graças a construções categorizadas e estocadas na memória. Motivadas por uma necessidade do falante, construções prototípicas com os verbos *pegar* e *tomar* foram acionadas e, por meio de um processo criativo, inovadas, dando origem a um novo nó na rede cognitiva. É importante salientar que as novas construções surgem por conta dos processos de domínio geral, como se explica no item seguinte.

2.4 Processos cognitivos de domínio geral

De acordo com Bybee (2016), os processos cognitivos são considerados processos de domínios gerais por operarem em outras áreas da cognição humana e não apenas na linguagem. Atividades comuns no nosso dia a dia, como dirigir um carro, possuem uma base cognitiva, já que exigem do condutor o conhecimento não apenas das ações, mas da sequência das ações necessárias para que o veículo se movimente. Além disso, todo esse processo acontece, concomitantemente, de acordo com as exigências e necessidades do trânsito e, ao tornar-se frequente, aciona outros processos cognitivos, facilitando a prática do condutor. De maneira similar, acontece com a linguagem. Ainda segundo Bybee (2016), ao considerarmos os processos de domínio geral nos estudos sobre a linguagem, situamos a língua no contexto mais amplo do comportamento humano.

Interessam mais aos objetivos desta pesquisa os processos da Categorização e da Prototipicidade; da Analogização e da Metáfora; e da Memória Rica, pois esses são os processos mais significativos para a mudança e expansão categorial das construções com os verbos *pegar* e *tomar*: de pleno a suporte, na cultura goiana.

2.4.1. *Categorização e Prototipicidade*

O ser humano constrói diferentes conceitos acerca do mundo biofísico e sociocultural a partir das experiências vividas nele. A cada nova experiência, novos conceitos são construídos e estocados na memória e, para organizar e armazenar cognitivamente tudo o que conceptualizamos, é necessária a categorização.

A categorização é um processo cognitivo de domínio geral que envolve associações e agrupamentos significativos, conforme semelhanças. É por meio dela que conseguimos arquivar as informações provenientes de nossas vivências. Em vista disso, podem ser categorizados objetos, animais, plantas, lugares, pessoas, acontecimentos, enfim, as coisas e os eventos do mundo.

Em nosso dia a dia, selecionamos, classificamos, ordenamos tudo o que pode ser categorizado, de acordo com as nossas necessidades. Quando organizamos, por exemplo, itens em uma geladeira, inicialmente, é realizada uma categorização ampla: será colocado na geladeira somente aquilo que deve ou pode ser refrigerado. Depois, dentro de seu espaço, novas categorizações são realizadas: os produtos são organizados nas prateleiras conforme as características semelhantes ou mesmo distintas: líquidos, sólidos, vegetais, entre outras,

proporcionando uma economia de memória e a dinamização do acesso aos produtos, cotidianamente. Por esse viés, a categorização envolve também memória. Numa ótica similar, categorizamos também as construções linguísticas em eventos de uso. Segundo Justino (2018, p. 43):

As construções são generalizações de padrões linguísticos que diminuem a carga de trabalho da memória do falante na interlocução. Generalizamos no léxico e na gramática e também nas representações cognitivas que a experiência linguística traduz. E quanto mais somos capazes de reconhecer generalizações, maior a eficiência no uso das construções e melhor nos comunicamos.

Mesmo pensando nas construções como generalizações de um padrão linguístico comum à maioria dos seres humanos, por exemplo, alguns conceitos direcionais (em cima, embaixo, frente/atrás, próximo/distante, dentro/fora, entre outros), é importante considerar que as generalizações também envolvem, além de fatores de natureza cognitiva, os fatores de natureza cultural. Nessa condição, algumas generalizações são características de um determinado padrão cultural e são reconhecidas pelos falantes que compartilham dessas características culturais. Sobre isso, Furtado da Cunha *et. al.* (2013), ao falar do modo de abstração das experiências dos seres humanos a partir do mundo concreto, afirmam que:

Há espaço para extensa variação cultural na forma como elaboramos muitos conceitos. Isso implica que a categorização e sua expressão linguística refletem traços tanto de estruturas conceituais mais gerais, extensivas a todos, quanto daquelas próprias de cada cultura, isto é, calcadas em visões de mundo particulares (FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2013, p. 30).

As visões de mundo particulares salientadas pelos autores podem ser exemplificadas pelos usos das construções com os verbos *pegar* e *tomar*, próprios dos falantes goianos, encontrados na poesia de Cora Coralina. Nessa perspectiva, a categorização compreende um vínculo entre o mundo biofísico, sociocultural e o nosso sistema cognitivo, visto que todas as nossas construções linguísticas, provenientes de nossas experiências com o mundo, são cognitivamente organizadas e guardadas na memória, sejam fonemas, morfemas, itens lexicais, sintagmas ou construções (BYBEE, 2016).

Pensando no processo constitutivo das construções, para Bybee (2016), a categorização talvez constitua o processo cognitivo mais importante, já que as construções apresentam as conexões entre itens lexicais específicos e estruturas gramaticais específicas. Sobre os itens lexicais, é importante salientar que eles colaboram para o significado da construção, bem como auxiliam na determinação da função e distribuição dela no discurso.

Os itens lexicais, baseando-se principalmente em traços semânticos, concorrem a uma posição dentro da construção que corresponde à categoria gramatical. Uma construção como

sendo uma categoria pode ser analisada de maneira escalonar dentro de um *continuum* categorial, em que alguns itens se encontram mais nas extremidades da escala, com propriedades conceituais mais ou menos bem definidas, e outros se situam em instâncias intermediárias por compartilharem características de outra categoria (FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2013).

Essa posição assumida pela construção em um *continuum* corresponde ao efeito da prototipia, que pode ser ilustrada a partir da análise da categoria natural de pássaros. Conforme Bybee (2016), determinados pássaros, como sabiá e pardal, são considerados mais centrais à categoria do que outros, por exemplo, águias e pinguins. Essa categorização dos pássaros acontece naturalmente no meio em que vivemos e, da mesma maneira, acontece com a língua.

À medida que categorizamos as construções linguísticas, naturalmente, seja por semelhança ou frequência, selecionamos um membro mais prototípico, ou seja, um membro que compartilha traços mais comuns em relação a outros membros, tornando-se então um membro central, isto é, mais prototípico. Os outros membros são classificados considerando as características mais próximas ou mais distantes da construção eleita como prototípica. Pensemos analogicamente a categorização da língua a partir da categorização natural dos pássaros - como já mencionado, sabiá e pardal são considerados membros mais centrais à categoria do que outros. No entanto, a categorização não acontece, necessariamente, de maneira opositiva, mas, considerando também os traços semelhantes entre cada membro que compõe a categoria, por exemplo, um pássaro mais prototípico é pequeno – do tamanho de um sabiá ou de um pardal - enquanto pássaros grandes são menos prototípicos, ainda que tamanho não seja um traço distintivo dos pássaros.

O exemplo da categoria pássaros permite concluir que o pertencimento de um item a uma categoria depende então da semelhança entre as características ou propriedades desse item em relação a outros itens. No que se refere à linguagem, podemos também considerar a frequência de uso e, assim, de maneira natural ou mesmo considerando aspectos culturais, um membro é escolhido como mais ou menos prototípico. A prototipia é um efeito caro à categorização.

A categorização, para Cuenca e Hilferty (1999) e Givón (1989), é o processo pelo qual o falante, ao reconhecer as semelhanças entre os itens, os agrupa em conjuntos distintos. No entanto, esses autores admitem que mesmo que um item faça parte de um conjunto distinto, existe a possibilidade de que ele migre para outro conjunto e pertença a dois ou mais conjuntos concomitantes.

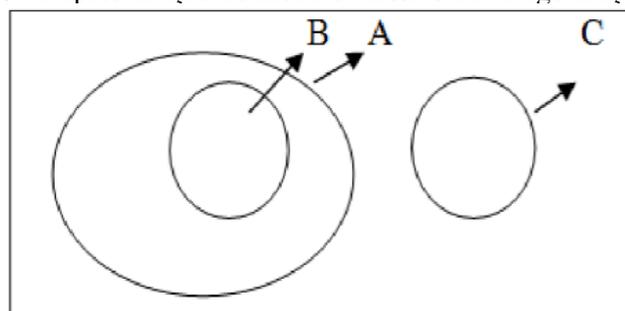
Para que isso aconteça, o agrupamento ocorre por meio da prototipia. Um item mais recorrente e com maior quantidade de características daquela categoria é selecionado pelo falante como melhor representante, como membro prototípico daquela categoria, como salientam Cuenca e Hilferty (1999). Esse membro exerce poder atrativo para que outros itens com características semelhantes sejam com ele agrupados.

Desse modo, a prototipicidade, conforme Rosch (1973 apud FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 28), “é possivelmente uma consequência de propriedades inerentes da percepção humana, como saliência cognitiva. Cada protótipo nos possibilita realizar um conjunto de tarefas inferenciais ou imaginativas sobre uma dada categoria”, de maneira gradual e considerando a fixidez de determinados traços ou propriedades. Ao compreender a fixidez, vale lembrar que, para a LCU, ela não é rígida, pois a língua é tratada como sendo dinâmica e fluida, portanto, adaptativa.

Pensando no caráter adaptativo da língua e sabendo que a noção de prototipicidade é importante à construção de uma categoria, vale entender os diferentes modelos de categorização apresentados por Givón (1989): o modelo clássico, o modelo de Wittgenstein e o modelo dos protótipos.

No **modelo clássico** de categorização, Givón (1989) ressalta que Platão e Aristóteles concebiam que para um item pertencer a uma categoria, precisaria apresentar todas as características determinadas por essa categoria. A fim de compreender essa proposta, retomemos o exemplo da categorização natural dos pássaros. Nela, para que um item possa ser membro da categoria pássaros, é necessário possuir pena, bico, asas, dois pés, deve voar e deve pôr ovos. Nessa condição, o sabiá e o pardal são considerados como membros mais prototípicos que os pinguins, por exemplo. É possível perceber que nesse modelo, as categorias são absolutas e os limites entre elas são rígidos e objetivos, visto que a ausência de uma propriedade, considerando o exemplo dado, não ser capaz de voar, impede que o item seja membro daquela categoria, como mostra graficamente a Figura 05:

Figura 05 - Representação do modelo clássico de categorização de Platão

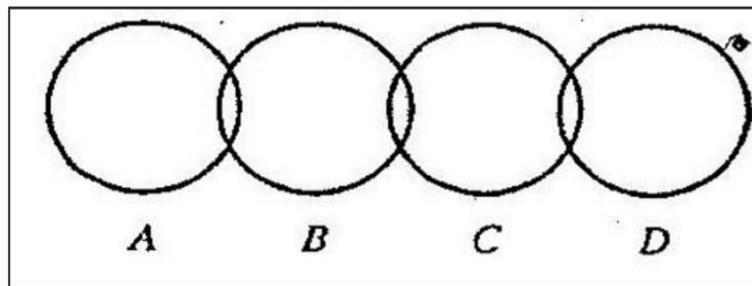


Fonte: Givón (1989, p. 36).

No gráfico da Figura 05, Givón (1989) esclarece que **A** representa o membro que apresenta todas as características para pertencer a uma determinada categoria, usando ainda como referência o exemplo apresentado, a categoria pássaros: possuir pena, bico, asas, dois pés, deve voar e deve pôr ovos. Já **B** possui as mesmas características de **A**, enquanto **C** não possui uma das propriedades de **A** (pinguim não voa), portanto, fica isolado da categoria, embora possua outros traços semelhantes (pena, bico, asas, dois pés e pôr ovos).

No **modelo de Wittgenstein**, as categorias não são consideradas absolutas e os limites entre elas não são rígidos e objetivos, mas relativos e dependentes do contexto de uso. Por isso, são analisadas em um *continuum*, como podemos observar no gráfico da Figura 06:

Figura 06 - Gráfico da extrema categorização wittgensteiniana



Fonte: Givón (1989, p. 37).

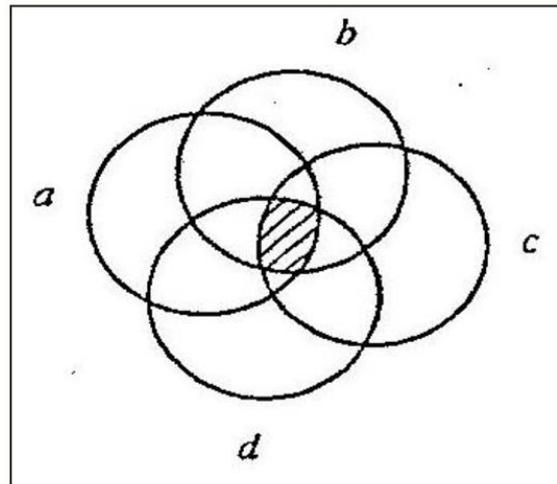
No gráfico apresentado na Figura 06, Givón (1989) explica a ideia de continuidade: os membros da categoria **A** podem se relacionar com os membros da categoria **B**, já que **B** possui traços em comum com **A**, enquanto **B** também pode se relacionar com os membros da categoria **C**, por também compartilharem traços comuns. Contudo, não podemos considerar, necessariamente, que os membros da categoria **C** se relacionem com os da categoria **A**.

Givón (1989), baseado no modelo de Wittgenstein, salienta que mesmo que um item não possua todas as características do membro central de uma categoria, é possível que ele seja relacionado ao membro prototípico por compartilharem algum traço característico central, que defina a categoria. Além disso, o grau de prototipia estabelece que quanto mais periférico um item, maior a probabilidade de migrar para outra categoria.

A **teoria dos protótipos** (TAYLOR, 2002) envolve características das duas abordagens, de Platão e de Wittgenstein, para elaborar um modelo que melhor ilustre o processo de categorização e a escolha de um elemento prototípico. Conforme Givón (1989), a teoria dos protótipos busca na proposta clássica a ideia do agrupamento de características comuns a um mesmo exemplar, no entanto, concebe a possibilidade da gradualidade dessas características

quando analisadas dentro de um *continuum*. Por esse viés, as características não são discretas e podem ser facilmente diferenciadas de outras categorias, como mostra a Figura 07:

Figura 07 - Gráfico da categorização do agrupamento de protótipo



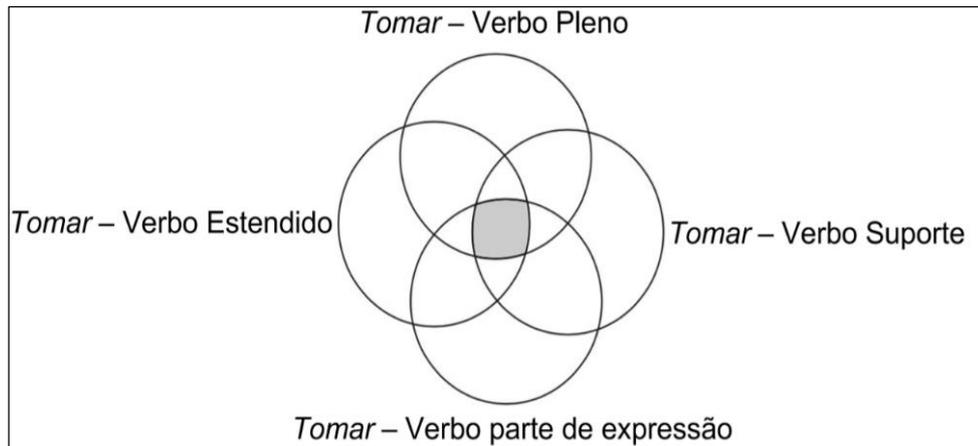
Fonte: Givón (1989, p. 39).

A Figura 07 demonstra que uma categoria pode compartilhar qualidades de outras categorias, confirmando, assim, características inerente à língua: o dinamismo e a fluidez. Dessa maneira, não existe um limite preciso entre uma categoria e outra, visto que uma pode revelar traços ou propriedades semelhantes às de outras próximas. Além disso, um dos fatores que impulsiona a flexibilidade e a fluidez entre as categorias é o contexto de uso. Logo, motivada por forças atratoras, a categorização, como um processo cognitivo que molda a língua, também é adaptável e susceptível a mudanças.

As mudanças de categoria podem ser associadas aos processos de *desbotamento*, *extensão* e *decatégorização*. Heine (1993) defende que quando um item passa a ser utilizado fora de seu contexto prototípico, há a possibilidade de que ele perca parte de suas propriedades semânticas (*desbotamento*). Quando isso acontece, também é possível que ele adquira novas propriedades (*extensão*) e, por consequência, pode incluir-se em novas categorias (*decatégorização*).

Todos esses conceitos referentes à categorização são caros para o estudo dos verbos *pegar* e *tomar* nesta pesquisa, uma vez que eles abarcam todos os outros processos cognitivos de domínio geral. Oliveira (2018) ao analisar as diferentes categorias estabelecidas para o verbo *tomar* pela perspectiva do modelo de protótipos apresentado por Givón (1989), estabeleceu o seguinte gráfico:

Figura 8 - Categorização do verbo *tomar* adaptado do modelo de protótipos de Givón (1989)



Fonte: Oliveira (2018, p. 38).

Segundo Oliveira (2018, p. 38), por mais que o verbo *tomar* apresente sentidos distintos, “existe um ponto de intersecção que liga todos esses usos: a noção de aproximação de um item ao corpo, ou seja, de que a ação ocorre no corpo, é passível de ser recuperada em todos os usos do verbo”. A fim de compreender melhor esta mudança de função do verbo *tomar* e, na mesma ótica, a mudança do verbo *pegar*, analisemos as ocorrências (10), (11) e (12).

(10) Em qualquer pequena falta, a ameaça: “olha que eu **tomo a boneca...**” A menina apertava a bruxa no peito magro e se espiritava (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso).

(11) Um dia, Preto velho, resto de servidão ficou doente, muito mal para morrer. Gente piedosa, gente inzoneira. Gente artilosa da cidade **tomou conta** do Negro velho (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso).

(12) Gente da lavoura, carregando suas compras, sacos ajoujados. As mulheres, com cestas e crianças, **tomavam conta** das cadeiras, ocupavam as mesinhas com seus embrulhos e, tranquilamente, desabotoavam o vestido, tiravam o seio e davam de mamar aos filhos (CORA CORALINA, 2013c, grifo nosso).

A ocorrência (10) apresenta um uso com o *tomar* pertencendo a categoria plena: *requerer a posse de algo*. Nela, o traço de aproximação corporal é bem saliente, como se mostra.

Na ocorrência (11), *tomou conta*, o verbo *tomar* foi utilizado fora do seu sistema prototípico de verbo pleno e há uma integração entre os elementos mobilizados na construção semântica, resultante da soma das partes. Nesse viés, *tomou conta* é equivalente a *cuidar*. Assim, segundo Neves (2011), podemos considerar a microconstrução nessa ocorrência como uma microconstrução com o verbo-suporte.

Esse processo - deslocamento de uso da categoria plena para a de suporte - é possível porque os processos da analogia e da criatividade linguística permitem que uma nova forma surja a partir de construções já existentes, possibilitando a abstratização do verbo, que por um

processo metafórico, passa a assumir a ideia de trazer um corpo para si e de que esse corpo precisa ser cuidado.

Além disso, o princípio da prototipia não limita um item ser pertencente a uma única categoria, desde que ele compartilhe características suficientes com membros de outras. Nessa condição, a ocorrência (11), mesmo pertencendo à categoria suporte, tem como traço comum em relação à plena a aproximação - o fato de referir-se ao corpo: *cuidar* do outro.

Em (12), apesar da construção ter uma estrutura igual a *tomar conta*, elas têm sentidos distintos. A ideia é de *ocupar* as cadeiras, assim como fizeram com as mesas. A representação é de que um corpo ocupou um espaço, no caso, a cadeira. Nessa situação, mais do que nunca, faz-se necessário considerar o contexto de uso/produção para distinção dos sentidos. É a intencionalidade do falante que faz com que ele categorize as formas linguísticas necessárias para que ele, por meio de um processo criativo, dê conta de manter a comunicação.

2.4.2 Analogia e metaforização

A analogia trata-se de um processo cognitivo pelo qual enunciações novas são criadas, com base em outros enunciados produzidos em experiências discursivas anteriores. Esse processo também requer categorização, pois dados novos podem ser analisados com base em dados já experienciados (BYBEE, 2016).

Os dados experienciados em relação às construções com os verbos *tomar* e *pegar* referem-se à aproximação de um item ao corpo. Sempre que o falante precisa descrever uma ocorrência na qual haja a aproximação do corpo, existe a possibilidade de o indivíduo narrar essa nova ocorrência com esses verbos, como no exemplo citado por Oliveira (2018) sobre o verbo *tomar*. Para o autor, a microconstrução *tomar ranço* – trazer ranço para próximo do referente, possivelmente, tenha sido formada a partir das construções: *tomar gosto* e *tomar ódio*, que são generalizações mais antigas convencionadas pelos falantes e estocadas na memória.

As três construções - *tomar gosto*, *tomar ódio*, *tomar ranço* - referem-se a um sentimento explicitamente relacionado com o corpo. Todas elas, na condição de construção-suporte, apresentam o mesmo esquema estrutural [V + SN], mas os sentidos apenas semelhantes. Logo, ainda sendo possível identificar uma semelhança semântica, elas não têm sentidos intercambiáveis. A microconstrução nova, “tomar ranço”, foi criada possivelmente por meio de um processo de analogia. De acordo com Barros (2016, p. 63), durante o processo de analogia, “normalmente, as novas formas são baseadas em semelhanças semânticas e fonológicas com formas anteriores”. No exemplo apresentado, existe a possibilidade de a nova

microconstrução ter sido criada baseando-se nos dois aspectos, pois quando pensamos, por exemplo, em *tomar gosto* ou *tomar ódio*, podemos pensar também em *tomar ranço* como sendo apenas uma forma menos intensa ou mais suave de sentimento.

É importante lembrar que a aceitação dessas enunciações novas se baseia na semelhança com os exemplares usados com mais frequência e já convencionalizados pelos falantes. Portanto, quanto mais as enunciações novas forem semelhantes às formas mais recorrentes, mais frequentes serão e, conseqüentemente, servirão de modelo para outras construções, favorecendo, assim, o processo de metáfora⁷, bem como o uso das construções em domínios e funções diferentes. Essa nova microconstrução “representa então um novo nó na rede, afastando-se conceitualmente dos significados mais prototípicos do domínio fonte” (FLORES, 2020, p. 40), que é a base da metáfora.

De acordo com Lakoff (1987), o sistema conceptual humano tem natureza fundamentalmente metafórica, o que significa que os itens linguísticos só existem num contexto de uso e, por essa razão, envolvem características sociais e culturais.

Os conceitos representativos de cada uma das culturas emergem e tornam-se inteligíveis e coerentes no momento da interação, de nossas experiências com o mundo, por isso, é possível afirmar que a metáfora se faz bastante presente na vida cotidiana, mesmo de maneira inconsciente.

A ideia de que a metáfora permeia o cotidiano de maneira inconsciente corresponde ao fato de ela, conforme Neves (2018), tratar-se de um mecanismo natural pelo qual conceptualizamos a nossa experiência, legitimando, socioculturalmente, domínios menos e mais acessíveis intersubjetivamente. A partir dessa ideia, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) afirmam que dois tipos de metáforas são distinguidos:

A primeira está relacionada às figuras de linguagem, em que uma expressão nova é formada com uma predicação “falsa” e envolve violação de regras semânticas e conceituais, tal como fazem os poetas e prosadores. A segunda é chamada metáfora emergente. Nela, um item ou expressão é produzido sobre predicções já existentes em contextos e situações novas (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991 apud SILVA, 2005, p. 43).

A metáfora pesquisada neste trabalho é a emergente, uma vez que a proposta dos fatores sociais, culturais e cognitivos possibilitam a multifuncionalidade dos verbos *pegar* e *tomar*. A fim de compreendermos melhor o conceito de metáfora emergente dos diferentes contextos de uso, tomemos como empréstimos os exemplos citados por Lakoff (1987, p. 17 apud SILVA,

⁷ O processo de metáfora é desenvolvido na seção 3.

2005, p. 44): “não consigo tirar essa música da minha cabeça” ou “sua cabeça está recheada de ideias interessantes”. Ambos os exemplos nos levam a pensar na metáfora de que “a mente é um recipiente”.

A proposta funcionalista, como já foi dito, admite a possibilidade de a língua estar sujeita às pressões do uso e, nessa perspectiva, mudar de categoria, função e, conseqüentemente, sentido. Conforme Neves:

A análise das mudanças semânticas pode ser feita numa leitura metafórica, segundo o arranjo linear das categorias conceptuais. Heine *et. al.* (1991a, 1991b) propõem o seguinte arranjo de categorias conceptuais, no qual cada categoria pode ser conceptualizada em relação à categoria precedente, resultando naquilo que esses autores chamam de “metáforas categoriais”: Pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade (NEVES, 2018, p. 183).

Dessa maneira, é compreensível que muitas das representações linguísticas partam de situações concretas para outras menos concretas, considerando a experiência dos sujeitos, assim, alguns significados são metafóricos e só podem ser compreendidos em contextos específicos de uso, ou seja, algumas expressões linguísticas utilizadas no contexto goiano só são compreendidas com facilidade pelos sujeitos que compartilham a mesma experiência linguística. De tal modo, Givón (1995, p. 72 apud NEVES, 2018, p. 182), recorrendo a Aristóteles e à noção de analogia, “[...] coloca o elemento-chave da metáfora no contexto: são os julgamentos imediatos que ocorrem durante a comunicação viva que conduzem a produção e a captação metafórica de significados”. Para manter a sequência de turno conversacional, o falante acessará a sua memória enriquecida, a fim de buscar sequências discursivas frequentemente usadas e, por meio de um processo analógico, fará uso de novas formas linguísticas.

2.4.3 Memória Enriquecida

Os processos de analogia e metáfora, como supracitado, envolvem diretamente dados armazenados na memória, resultantes das interações com o mundo. Da mesma maneira dos outros processos citados, a memória rica é mais um processo cognitivo básico e representa o enfeixe mental de dados que são abstratizados das experiências que vivemos, portanto, não se restringe apenas à organização linguística.

Todas as nossas experiências, sejam elas linguísticas ou não, influenciam o modo como conceptualizamos o mundo e, conseqüentemente, afetam a organização da nossa mente. Por esse prisma, é possível afirmar que todas as estruturas organizacionais de nosso intelecto são

derivadas de nossa experiência como seres sociais, constantemente expostos a interações verbais plenas de sentido (LAKOFF, 1987), que ficam arquivadas na memória rica.

Linguisticamente, é por meio do processo cognitivo da memória enriquecida que os falantes estocam os feixes de exemplares provenientes de suas experiências linguísticas desde “detalhes fonéticos, [...] de itens lexicais e construções usadas, de significado, de inferências feitas a partir desse significado e do contexto, e de propriedades do contexto social, físico e linguístico” (BYBEE, 2016, p. 35)⁸. Desse modo, quanto mais um esquema é usado, mais forte ele fica na representação da memória, por isso, a necessidade de categorização. Caso contrário, não conseguiríamos armazenar todo conteúdo conceptualizado na memória, sobretudo, as formas mais complexas.

A língua, na LCU, é vista como um sistema adaptativo complexo e para que consigamos lidar com as formas complexas, faz-se necessária a generalização (BYBEE, 2016; GOLDBERG, 2006). Langacker (1987) explica que uma condição para criar uma generalização é a acumulação na memória rica de um conjunto de exemplares em que possam estear a generalização. Isso porque é a partir dela que os esquemas funcionais são criados para dar origem às categorias, que, por sua vez, são reforçadas cognitivamente na representação de itens particulares com a frequência de uso.

As construções com os verbos *pegar* e *tomar*, por estes estarem envolvidos em atividades cotidianas de maneira regular e poderem ser facilmente acessados no sistema cognitivo, são usadas com maior frequência, o que pode impulsionar suas utilizações em contextos de uso diferentes do contexto original, a partir de uma associação por similaridade, ocasionadas, então, na multifuncionalidade.

⁸ Tradução nossa do trecho: “Phonetic detail, [...] the lexical items and constructions used, the meaning, inferences made from this meaning and from the context, and properties of the social, physical and linguistic context” (BYBEE, 2010, p.33).

3 PEGANDO A METÁFORA COM AS MÃOS

Esta seção aborda algumas considerações sobre a relação entre língua, cultura e metáfora. Trata-se de uma tessitura discursiva que busca compreender de que modo a língua, num processo de interação social, é motivada a expandir seus usos a partir de um processo metafórico, podendo, assim, representar a cultura do povo goiano. Para isso, dividimos essa seção em quatro itens

No primeiro, apresentamos algumas concepções sobre língua e cultura pelo viés da antropologia. No segundo item, discorremos sobre a metáfora como sendo um dos processos cognitivos imbricados à cultura. Vista dessa maneira, uma construção linguística oriunda de um processo metafórico compreende um exemplar cultural. No item seguinte, explicamos os mecanismos metafóricos e de que modo eles contribuem para a emergência das construções. Por fim, no quarto, elucidamos sobre os papéis semânticos e estruturas argumentais das construções com os verbos *pegar* e *tomar* e o processo metafórico.

3.1 Cultura e Língua

O conceito de cultura é complexo e, por essa razão, apresenta diferentes definições. Nesta pesquisa, a fim de compreendermos a relação cultura e língua, discorremos sobre algumas definições teóricas sobre cultura com base nos estudos antropológicos.

Ao falar sobre a concepção de cultura, Eagleton (2005) recorre a vários estudiosos e parte da etimologia da palavra Cultura, apresentando-a como um conceito que deriva da natureza. Então, atribui a ela o significado de “lavoura”. Nesse sentido, a cultura é concebida como uma atividade, que, tempos depois, passa a representar uma entidade, sugerindo assim, uma dualidade entre o mundo físico e o mundo das ideias.

Conforme Eagleton (2005, p. 12), “a raiz latina da palavra ‘cultura’ é *colere*, que pode significar tudo, desde cultivar e habitar até prestar culto e proteger.” Esses vários sentidos assumidos pela palavra cultura acompanharam uma evolução histórica e, para o autor, independente do sentido assumido, “as verdades culturais - seja na arte superior ou nas tradições de um povo - são por vezes sagradas, devem ser protegidas e veneradas” (EAGLETON, 2005, p. 12). Ao adotar esse ponto de vista, o autor nos educa para convivemos em sociedade, praticando a ética, a política e a cidadania. Nessa perspectiva, a cultura é considerada “um fato social” e reflete a consciência do homem em relação a seu papel como agente no meio social.

Concernente a Eagleton (2005), Geertz (2012) afirma que o homem é um artefato cultural. Para o autor, o homem não pode ser definido apenas por suas habilidades inatas, como propunha o Iluminismo. Para compreender melhor a relação entre o homem e a cultura, o autor assevera que é necessário integrar diferentes teorias e conceitos, então, ao realizar uma análise pelo viés da antropologia, propõe duas ideias:

A primeira delas é que a cultura é vista melhor não como complexos de padrões concretos de comportamento - costumes, usos, tradições, diferentes hábitos -, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções [...] A segunda é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento (GEERTZ, 2012, p. 37).

Na perspectiva de Geertz (2012), o homem é dependente dos mecanismos culturais, visto que são os padrões culturais, representados por uma experiência simbólica, que conduzem os nossos objetivos e nos dão a direção da nossa vida e, assim, nos tornam mais humanos.

Desse modo, a ideia de cultura corresponde ao conjunto daquilo que o homem criou na base de suas faculdades humanas, abrangendo o mundo humano em contraste com o mundo físico e o mundo biológico. Essa ideia é também defendida por Câmara Jr. (2004). Segundo o autor, o nível humano está relacionado ao que é simbólico e se, como humanos, usamos a língua como um instrumento para nos comunicarmos e interagirmos, ela é também considerada um elemento simbólico dotado de significado.

Por esse viés, a língua como “instrumento de comunicação e interação” (NEVES, 2018) é reconhecida como tendo uma função, no caso, a de produzir significados. Portanto, toda a rede de construções linguísticas é concebida como uma rede de sistemas interligados de que o falante faz uso (base funcional) para produzir significados (base semântica) em situações de comunicação. Esses significados são produzidos considerando as características culturais do falante.

Consoante ao que foi dito, Kövecses (2010, p. 742) afirma que a língua também pode ser reconhecida como “um repositório de significados armazenados na forma de signos linguísticos compartilhados por membros de uma cultura. Isso confere à linguagem um papel histórico na estabilização e preservação de uma cultura”⁹. Nessa condição, de acordo com o autor, o estudo da língua torna-se importante no caso de línguas ameaçadas de extinção e explica por que as minorias insistem em seus direitos linguísticos.

⁹ Tradução nossa do trecho: “Language can be regarded as a repository of meanings stored in the form of linguistic signs shared by members of a culture” (KÖVECSES, 2010, p. 742).

Relacionando língua e cultura, Capucho (2016) recorre à concepção semiótica de Geertz (1973), que vê o homem suspenso numa teia de significados que ele mesmo constrói e vê a língua como parte dessa teia de sentidos, para dizer que cultura é língua e comunicação, numa relação de integralidade.

A partir da compreensão semiótica sobre língua e cultura proposta por Geertz (1973), Capucho (2016) classifica os diferentes tipos de cultura em vertical e horizontal. As culturas verticais compreendem a identidade cultural de cada indivíduo e classificam-se em nacional, regional e local.

As culturas nacionais são delimitadas por espaços geográficos determinados politicamente, que as suportam pelo prisma identitário, a saber: a “cultura francesa”, a “cultura portuguesa”, a “cultura neerlandesa” e outras. Em relação aos estados multilíngues (como a Bélgica ou a Espanha), a cultura nacional é marcada pela pluriculturalidade. Contudo, mesmo nos estados monolíngues, as culturas nacionais são marcadas pela diversidade.

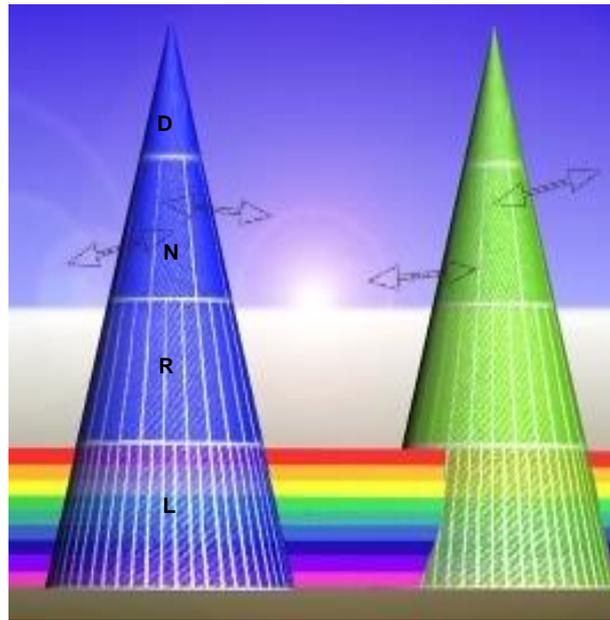
As culturas regionais, bem como as culturas nacionais, também são geograficamente delimitadas. No entanto, reúnem grupos mais específicos de falantes e assumem uma consciência de diferença em relação a outras culturas regionais e também com a cultura nacional.

Já a cultura local representa os usos culturais particulares e concretos, inseridos em contextos e co-textos conformados no espaço da vida cotidiana dos falantes. Nela, as culturas, sejam coletivas ou individuais, se entrecruzam sistemicamente com outras. Essas culturas entrecruzadas são chamadas por Capucho (2016) de “culturas horizontais transversais”.

De acordo com a autora, as culturas horizontais transversais são de natureza translinguística e são partilhadas a partir de línguas de comunicação diversas, ou seja, são comuns a vários espaços linguísticos. Dessa maneira, são essencialmente multilíngues e configuram grupos sociológicos multiculturais.

O esquema da Figura 09 representa as concepções de Capucho (2016) sobre os tipos de cultura. Nela, cada cone (azul e verde) corresponde a uma língua/cultura específica. É o que Capucho chama de “cultura vertical”. Cada linha que divide os cones horizontalmente representa a delimitação de um tipo de cultura (nacional, regional, local).

Figura 09 - Esquema sobre as culturas verticais e horizontais



Fonte: Capucho com adaptações (2016).

Já o topo indicado pela letra D equivale ao dia-sistema de língua/cultura, tendo uma natureza abstrata e geral. De maneira análoga às hierarquias categoriais das construções linguísticas, podemos pensar nos cones como a representação hierárquica dos tipos de cultura. Desse modo, quanto mais próxima do topo é a posição da cultura, mais abstratas e mais amplas são as características culturais.

Logo abaixo do topo, na área indicada pela letra N, situam-se os sistemas linguísticos e culturais nacionais. Esses sistemas nacionais também possuem características abstratas. No nível mediado, indicado pela letra R, temos as variantes regionais, ainda no nível abstrato. No nível inferior, indicado pela letra L, encontramos os usos locais, com características mais concretas e específicas geograficamente.

Os cones são permeáveis e as setas de pontas duplas indicam a fluidez e o dinamismo do sistema linguístico. Assim sendo, uma língua/cultura pode influenciar outra e provocar mudanças. Analisando cada um dos cones (língua/cultura) dessa maneira, reconhecemos que não vivemos isolados e que nossos usos e práticas são estabelecidos por uma teia de comunicação sistêmica que Capucho (2016) denomina de “culturas horizontais transversais”. Essas redes determinam os grupos sociais e os indivíduos para além da base da cultura nacional e, na Figura 09, são representadas pelas cores diversas que perpassam os dois cones, ou melhor, as duas culturas.

Dessa forma, é possível entender que, no momento da interação, somos entrecruzados por diferentes culturas. Nessa condição, partindo do próprio dinamismo da língua,

compreendemos também que ela tende a mudar seu significado e, conseqüentemente, modificar a sua estrutura, assim como a estrutura também pode modificar seu significado, a fim de representar a nossa conceptualização do mundo. Analisada dessa maneira, a língua compreende um uso que representa uma prática cultural.

Muitos dos usos linguísticos, com o objetivo de atender a uma necessidade comunicativa do falante, surgem a partir de um processo cognitivo de metáfora, abarcando, assim, peculiaridades culturais, como se mostra no item seguinte.

3.1.1 A relação entre Cultura e Metáfora

A língua é cultura em uma relação indissociável. Pensando no conceito de língua pelo viés da LCU, sempre que a usamos no momento da interação, acionamos diferentes mecanismos cognitivos que a estruturam em função de uma dimensão cultural. Um dos mecanismos cognitivos que acionamos é a metáfora.

Como já elucidado no item 2.4.2, a metáfora compreende um mecanismo natural pelo qual conceptualizamos a nossa experiência no mundo, fazendo uso de conceitos de domínios mais concretos para explicar experiências mais abstratas. Desse modo, a metáfora é “imprescindível no processamento mental e no intercâmbio de significação comunicativa” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 33). Assim, ao pesquisarmos as construções metafóricas com os verbos *pegar* e *tomar* no projeto literário da poetisa Cora Coralina, é possível compreender que a metáfora não é um mecanismo exclusivo da linguagem literária, visto que ela está presente na linguagem cotidiana.

Segundo Andrade (2008, p. 31), “o pensamento poético usa os mecanismos do pensamento cotidiano – sua parcela literal, suas projeções metafóricas, seus modelos cognitivos idealizados – mas os amplia, os elabora e os combina em formas que vão além do ordinário.”. Dessa maneira, a metáfora conceitual, oriunda do pensamento e das ações, está à serviço da metáfora literária.

De acordo com Lakoff (1987), a significação das construções linguísticas só existe em um contexto de uso. Nessa condição, toda a significação representa uma peculiaridade cultural, visto que é no contexto que se situam os costumes, os valores, as crenças..., enfim, toda teia de significados tecida pelo homem e que perpassa a existência humana (GEERTZ, 2012). Dessa maneira, para compreender a língua, é necessário decifrar essa teia de significados, ou seja, reconhecer as características culturais, já que são elas uma das forças atratoras que impulsionam a mudança na língua, seja no significado, seja na estrutura.

As estruturas organizacionais de nossa mente e de nossa linguagem são parcialmente derivadas de nossa experiência como seres sociais, continuamente expostos a interações verbais plenas de sentido. Em vista disso, a metáfora está presente constantemente em nosso cotidiano, construções como: “Tenho um pavio curto”, “Vou cortar suas asinhas”, “Sua cabeça está faltando um parafuso”, entre outras, são recorrentes na fala goiana. Como um processo cognitivo de domínio geral, a metáfora é utilizada por todas as culturas, no entanto, a conceituação metafórica, tanto entre culturas como dentro de uma mesma cultura, diferem (KÖVECSES, 2009, 2010).

A proposta desta pesquisa é investigar até que ponto o processo cognitivo de metáfora motivou as construções com os verbos *pegar* e *tomar* a assumirem uma multiplicidade de sentidos no contexto goiano. Uma das hipóteses para essa motivação talvez seja o aspecto histórico-cultural, considerando a produtividade dessas construções, especialmente, nessa região do país.

Partindo da ideia de que as construções com os verbos *pegar* e *tomar* estão presentes no contexto goiano, é importante reconhecer que existem metáforas mais universais que outras, assim como metáforas com significados mais específicos (locais), que podem ter sido motivadas exatamente por aspectos culturais.

De acordo com Kövecses (2009), o estudo da relevância da metáfora para a compreensão da cultura e da sociedade tem sido realizado pela ciência cognitiva (representada pela psicologia cognitiva contemporânea e pela linguística cognitiva) e também pelas ciências sociais, representada pela antropologia. No entanto, cada uma das áreas tem focos diferentes. “Enquanto especialistas da ciência cognitiva tendem a perguntar ‘O que é metáfora?’ e ‘Como ela funciona na mente?’, pesquisadores das ciências sociais tendem a focar-se na questão ‘O que a metáfora faz em determinados contextos socioculturais?’” (KÖVECSES, 2009, p. 258, grifos do autor). Além disso, ainda de acordo com o autor, os cognitivistas inspirados na obra de Lakoff e Johnson (1980), *Metáforas da Vida Cotidiana*, estudavam, inicialmente, apenas o caráter universal da metáfora e ignoravam os casos que fugiam ao padrão considerado universal em relação à conceituação das metáforas. Essa dualidade entre conceituações metafóricas universais e não universais tornou-se um desafio para os cientistas cognitivistas na década de 1980. No entanto, hoje, eles reconhecem que existem uma universalidade e uma diversidade metafórica.

A ideia de universalidade é decorrente da concepção de que a metáfora é da mente, do cérebro, do corpo, mas, é fato que ela é também social. Para exemplificar a ideia de metáfora conceitual universal, Kövecses (2009, p. 259) usa os três conceitos de felicidade que se

destacam na língua inglesa: FELICIDADE É PRA CIMA (“I’m feeling up” [Estou me sentindo pra cima]), FELICIDADE É LUMINOSIDADE (“She brightened up” [Ela ficou radiante]) e FELICIDADE É UM LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE (“Ele está transbordando de alegria”). Essas mesmas metáforas para felicidade também foram encontradas em outras línguas como o chinês e o húngaro. No entanto, a curiosidade sobre tal coincidência surge pelo fato de as três línguas pertencerem a famílias de línguas diferentes, bem como, a culturas diferentes.

De acordo com Kövecses (2009), uma explicação para a coincidência entre os usos metafóricos pelas três línguas (inglês, chinês e húngaro) é de que, por serem metáforas mais comuns, são estimuladas por correspondências universais na experiência corpórea, já que, quando estamos alegres, propendemos a ter uma postura ereta e em movimento, em vez de uma postura caída e inerte. É essa concepção de metáfora comum a várias culturas que faz emergir o conceito de universalidade metafórica. Porém, quando reconhecemos que as metáforas variam, seja entre as culturas ou mesmo dentro da própria cultura, concordamos: existem metáforas que apresentam conceitos mais específicos.

Nessa perspectiva, segundo Kövecses (2009), podemos considerar também que existe uma metáfora de nível mais geral, em que apenas a estrutura é utilizada, enquanto o significado é atualizado de acordo com um conteúdo cultural.

É possível observar como se dá uma atualização de conceitos baseando-se na cultura a partir da metáfora “Uma pessoa com raiva é um recipiente pressurizado”. Nela, diversas características poderiam ser especificadas, por exemplo, o tipo de recipiente. É essa especificação do recipiente que dá um caráter particular à metáfora, ou seja, comprova uma variação.

São várias as causas da variação, mas a principal delas é a nossa experiência como seres humanos. Cada ser humano, de acordo com a sua vivência no mundo, tem um processamento cognitivo diferente. Portanto, se nossas experiências variam, o arranjo cognitivo varia para representar a nossa perceptualização e conceptualização acerca do mundo e, conseqüentemente, as culturas também variam. Kövecses (2009) organizou essas motivações para a variação metafórica em dois grupos: experiências diferenciais e preferenciais cognitivas diferenciais. O primeiro grupo refere-se às nossas experiências como seres humanos e o segundo, aos processos cognitivos que usamos.

A experiência diferencial proposta por Kövecses (2009) é composta por desacordos no contexto histórico-social ou pessoal, é aquilo que o autor denomina de “concernente ao homem” (grifo do autor), isso porque, quando usamos metáforas, temos uma noção (sobretudo inconsciente) do contexto ao nosso redor. Os contextos que parecem exercer influência nas

metáforas que usamos incluem o ambiente físico, o contexto social e a situação comunicativa (KÖVECSES, 2009, p. 268)

Para explicar a ideia exposta, o autor usa novamente o exemplo da metáfora universal para raiva, **RECIPIENTE PRESSURIZADO**, enfocando a influência do contexto cultural, especialmente por reconhecer que os conceitos culturais transpassam vários domínios gerais.

Por mais que a metáfora **RECIPIENTE PRESSURIZADO** seja usada por várias culturas, ela pode revelar diferenças, considerando crenças, valores e tradições de cada grupo social.

Segundo Geeraerts e Grondelaesrs (1995) citados por Kövecses (2009), na cultura Euroamericana, o significado de raiva provém da noção medieval clássica dos *quatro humores*. Essa noção é sustentada pelos quatro fluidos (fleuma, bile negra, bile amarela e sangue) que acondicionam os processos vitais do corpo humano. Desse modo, a noção de humor como uma elucidação cultural não representa apenas raiva, mas qualquer tipo de emoção. Assim, o conhecimento de humores foi determinante para o contexto cultural clássico medieval e representou uma força atratora importante para a emergência da concepção europeia de raiva como um líquido em um recipiente pressurizado.

Em chinês, o conceito de raiva, de acordo com King (1989) e Yu (1995, 1998) também referidos por Kövecses (2009), está relacionado ao conceito de *qi*, que significa a energia que flui do corpo. Esse conceito permeia o discurso psicológico (emocional), filosófico e médico da cultura chinesa. Pelo viés da medicina, o *qi* sustenta a ideia de que o corpo é um organismo homeostático, ou seja, o corpo vive em constante busca do equilíbrio de suas funções e composições químicas. A concepção de busca pelo equilíbrio é oriunda da filosofia geral do universo, que funciona com duas forças antagônicas, *ying yang*. Essas forças devem estar sempre equilibradas para que o universo viva em harmonia. Logo, um *qi* em nível alto representa raiva, e um mais baixo, calma.

Os exemplos dos conceitos dos quatro humores e *qi* são usados para explicar que os aspectos emocionais estão inseridos em sistemas conceituais e proposições culturais muito distintas (Euroamericana e chinesa), confirmando a concepção de que os contextos culturais são considerados determinantes para a diferenciação do significado da metáfora do recipiente pressurizado.

Outro contexto relevante para a variação das culturas e, conseqüentemente, dos usos linguísticos é o contexto histórico. A fim de comprovar isso, Kövecses (2009) cita como exemplo a metáfora “Vida é guerra”, utilizada pelos húngaros. Historicamente, os húngaros

tiveram que lutar pela sobrevivência durante mil anos de guerra, por isso, de acordo com o autor, é natural que eles acreditem que “vida é guerra”.

A influência da vida pessoal para a formação metafórica também é muito significativa, “isso é uma verdade imperceptível para as pessoas em geral, mas é bem mais clara para os poetas e escritores criativos” (KÖVECSES, 2009, p. 271), como podemos reconhecer nas obras da escritora Cora Coralina. As produções coralineanas foram produzidas a partir de recordações da infância e narrações de fatos do dia a dia.

Os contextos histórico e cultural, somados às vivências de Cora Coralina, motivaram muitas das metáforas presentes em sua obra. Ao valorizar o coloquialismo, muitos dos usos linguísticos correntes do contexto goiano tornaram-se ainda mais produtivos ao serem reconfigurados a partir da vivência da autora. Tomemos como exemplo a ocorrência (13):

(13) Dois mil e quinhentos bois consignados. Dois golpes **pegando estrada**. Mil duzentos e cinquenta cada (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso).

Após a decadência da mineração, a economia goiana nos séculos XVIII e XIX passou a se dedicar às atividades ligadas à pecuária e à agricultura. De acordo com Artiaga (1942 apud BORGES, 2021), “a pecuária sempre foi a fonte geradora de riqueza, e nela teve base a fortuna particular nos sertões, ao ponto de se formar uma verdadeira ‘aristocracia rural’. Foram sempre os negócios do gado o melhor meio de vida do sertanejo”. Nessa conjuntura, compreendemos que para “pegar o gado”, o sertanejo “pegava a estrada”, dessa maneira, é nesse contexto histórico e cultural que emerge a microconstrução presente na ocorrência (13), e também as memórias de Cora Coralina, podendo, assim, ser um indício do uso do verbo *pegar* nas obras da autora.

O significado prototípico da construção *pegar*, de acordo com o dicionário *Houaiss*, é “agarrar algo ou alguém; segurar”. Considerando a experiência do falante, no caso, do sertanejo, é natural o uso de construções como: “pegar um boi” ou “pegar o gado”. Ao tornarem-se rotineiras, as construções com esse verbo foram atualizadas e tiveram o significado expandido a partir de uma nova experiência, a de movimento, dando origem à microconstrução-suporte “pegar a estrada”.

De acordo com Flores (2020), as construções-suporte pertencem aos seguintes domínios: movimento, tempo, espaço, quantidade, qualidade e condições de saúde, como já foi possível comprovar em ocorrências anteriores. A microconstrução “pegar a estrada” representa uma metáfora de movimento, caso sejam considerados todos os elementos que a compõem de maneira entrincheirada e seu contexto, que, no caso, é uma boiada que está sendo guiada, ou

melhor, que está “pegando a estrada”. Essa microconstrução também está ligada ao corpo, visto que um corpo está sendo levado até a estrada.

A partir dessa ideia, é possível reconhecer a microconstrução-suporte como sendo produto da criatividade humana, já que, para atender a uma necessidade de comunicação no processo de interlocução, o falante é capaz de transferir um conceito de um domínio cognitivo para outro, fazendo que esse conceito assuma um sentido diferente, o que é perceptível no projeto coralineano.

Mesmo ponderando a importância das obras literárias para o reconhecimento da variação metafórica, Lakoff e Johnson (1980) rejeitam a metáfora como uma figura de linguagem, principalmente na linguagem literária. Nas obras literárias, normalmente, as metáforas são reconhecidas como um arranjo linguístico, uma maneira de “bem dizer”. É fato que os textos literários trazem as metáforas estilísticas, mas também é importante reconhecer que eles fazem usos de expedientes de falas do cotidiano, ou seja, de exemplares de usos reais. Neste item, a proposta é compreender a relação do processo metafórico e das experiências culturais, devido a isso, o nosso empenho em esclarecer que existem metáforas que apresentam um conceito mais universal e outras que relevam conceitos mais específicos, motivados por diferentes experiências e preferências.

Além dos contextos cultural, histórico e da experiência do autor, motivadores da variação metafórica, Kövecses (2009) explica ainda os fatos “concernentes ao homem” para justificar que não se trata apenas de reconhecer semelhanças conceituais ou mesclagem delas, ou, ainda, o acesso a uma entidade por meio da outra (metonímia), mas também o processo de elaboração, o foco, a convencionalização, a especificidade e a transparência das metáforas. Todas as línguas e culturas usam metáforas, mas de modos e intensidades diferentes, o que corresponde a um “estilo cognitivo”. Exemplo disso é o foco experiencial.

Linguistas cognitivos ressaltam que os seres humanos compartilham grande parte da experiência corpórea e, baseados nela, eles podem construir metáforas universais. A questão que inevitavelmente surge é: essa base corpórea universal é utilizada da mesma maneira em todas as línguas e culturas, ou até mesmo em suas variações? Sob a luz das evidências disponíveis *poderiam* ser construídas, *não* é utilizada da mesma forma ou na mesma proporção em línguas e variações diferentes (KÖVECSSES, 2009, p. 272, grifos do autor).

Além da experiência corpórea ser uma das justificativas para a variação das metáforas no âmbito universal, é também uma das hipóteses para a frequência e, conseqüentemente, multifuncionalidade dos usos dos verbos *pegar* e *tomar* no contexto goiano. Mesmo as construções com os verbos em estudo sendo usadas por diferentes culturas, no contexto goiano,

imbuídas pelas peculiaridades culturais, históricas e experiências individuais e coletivas da poetisa Cora Coralina, elas assumem conceitos específicos (KÖVECSES, 2009, 2010). Ademais, quanto mais são usadas, mais tendem a assumir usos diferentes, impulsionadas por um processo metafórico.

No próximo item, apresentamos as discussões teóricas sobre o processo metafórico como sendo um instrumento de cognição imprescindível para o estudo da emergência das construções linguísticas em nosso cotidiano.

3.1.2 A Metáfora e a emergência das construções

A metáfora é um mecanismo cognitivo que processa todas as atividades humanas, desde as mais corriqueiras. Vista dessa maneira, a metáfora não está presente somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. É ela que concebe a nossa a conceptualização do mundo, ou seja, “o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias é uma questão de metáfora” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 46). Assim, a abstração metafórica constitui um mecanismo cognitivo atuante no processo de mudança linguística, sobretudo, no que diz respeito ao percurso léxico > gramática ou [- gramatical] > [+ gramatical] e esse processo acontece de modo inconsciente.

A inconsciência de nossa conceptualização do mundo se dá em virtude da repetição. Em nosso dia a dia, muitas de nossas ações e pensamentos, motivados pela repetição, tornam-se mecânicos e isso reflete diretamente na linguagem. Por isso, uma maneira de compreender melhor o mecanismo de metáfora é investigando a linguagem.

Para investigar o processamento da metáfora a partir da linguagem, de acordo com Cuenca e Hilferty (1999), é importante discutir sobre a diferença entre “expressões metafóricas” e “metáforas conceituais”. Para os autores essa distinção torna possível identificar generalizações que de outra maneira não seriam reveladas. “As metáforas conceituais são esquemas abstratos [...], que servem para agrupar expressões metafóricas. Uma expressão metafórica, por outro lado, é um caso individual de uma metáfora conceitual”¹⁰.

Para clarificar a distinção entre esses dois conceitos, os autores usam os exemplos¹¹:

¹⁰ Tradução nossa do trecho: “Las metáforas conceptuales son esquemas abstractos [...] que sirven para agrupar expresiones metafóricas. Una expresión metafórica, em cambio, es un caso individual de una metáfora conceptual” (CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 100).

¹¹ Tradução nossa do trecho: “a) Sánchez atacó mi trabajo sobre la imparcialidad de los jueces/ b) Eugenio defenderá hasta la muerte su teoría de la semántica autónoma/ c) Algunos filósofos han intentado derribar la noción de revolución científica/ d) La profesora torpedeó mis hipótesis acerca de la obra de Kafka/ e) Com la llegada de Chomsky, los estructuralistas quedaron diezmados” (CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 100).

- a) Sánchez atacou meu trabalho sobre a imparcialidade dos juízes.
- b) Eugenio defenderá sua teoria da semântica autônoma até a morte.
- c) Alguns filósofos tentaram derrubar a noção de revolução científica.
- d) O professor torpedeou minhas hipóteses sobre o trabalho de Kafka.
- e) Com a chegada de Chomsky, os estruturalistas foram dizimados.

É possível observar que cada um dos exemplos apresenta uma expressão metafórica distinta, porém, todas as expressões referem-se ao conceito de guerra, ou seja, o conceito de guerra é a base para a criação das expressões metafóricas. É a partir dessa base que as expressões metafóricas ganham sentido, isso porque o lócus da base é a cognição, enquanto o lócus da expressão metafórica é a linguagem.

O Quadro 02 sintetiza as características da metáfora conceitual e da expressão metafórica.

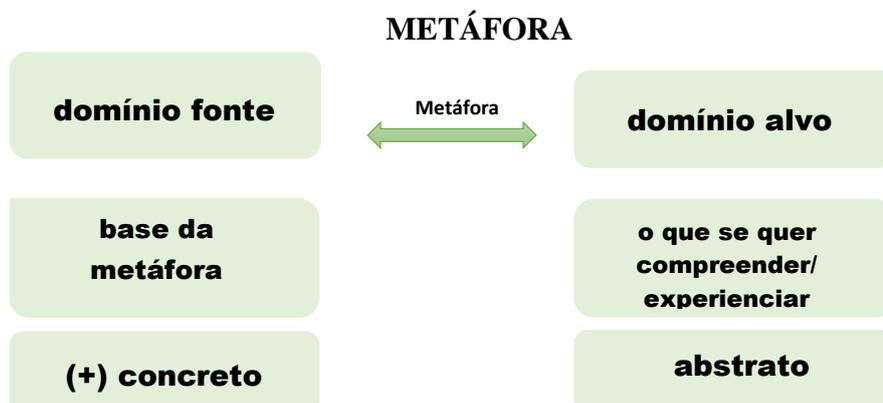
Quadro 2 - Distinção entre metáfora e expressão metafórica

METÁFORA CONCEITUAL	EXPRESSÃO METAFÓRICA
LÓCUS - COGNIÇÃO	LÓCUS – LINGUAGEM
SITUA-SE NO PENSAMENTO	SITUA-SE NA LINGUAGEM
DÁ SENTIDO ÀS EXPRESSÕES METAFÓRICAS	VERBALIZA A METÁFORA QUE ESTÁ NA BASE

Fonte: Elaborado pela autora.

A distinção da metáfora conceitual e da expressão metafórica permite a compreensão da existência de dois domínios: domínio origem (fonte) e domínio destino (alvo). A metáfora representa a ligação entre os dois domínios, visto que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 47). A relação domínio fonte e domínio alvo pode ser explicada a partir do esquema da Figura 10.

Figura 10 - Esquema da relação entre domínio fonte e domínio alvo



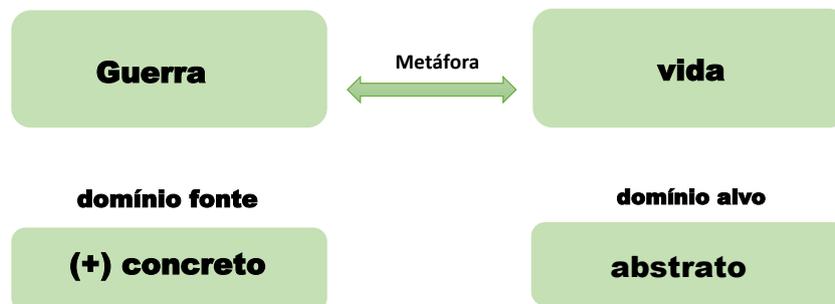
Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 10 revela que o domínio fonte empresta seus conceitos ao domínio alvo, logo, o domínio fonte é considerado base, já que o domínio alvo é criado a partir dele. Em vista disso, a base envolve “coisas” mais concretas, pois é a partir de conceitos concretos que as abstrações são realizadas e dão origem às expressões mais subjetivas, normalmente, difíceis de conceituar, como: amor, tempo, vida.

A partir da Figura 11, esquematizamos a metáfora conceptual “Vida é guerra”, utilizada pelos húngaros.

Figura 11- Esquema da metáfora Vida é guerra

Metáfora verbal: Vida é guerra.



Fonte: Elaborado pela autora.

Como já explicado no item 3.1.1, os húngaros foram povos que vivenciaram mil anos de guerra, portanto, guerra é um conceito mais concreto, que motiva os falantes da cultura húngara a verbalizar que a “Vida é guerra”. O conceito de guerra (luta, enfrentamento) é base, pois dá sentido para expressões metafóricas, como “Vida é guerra”. A mesma lógica é aplicada à mudança de categoria das construções com os verbos *pegar* e *tomar* - da categoria plena para a categoria suporte.

Na categoria plena, os verbos em estudo têm sentido mais concreto, uma vez que servem de base para a criação de novas expressões (usos) que assumem, então, uma nova categoria, no caso, a de microconstrução-suporte, como podemos observar:

(14) Deu foi trabalho prá Siá Norata. Como ela não tinha filhos e o marido já estava “em bom lugar”, **tomou amizade** ao sobrinho e fez o possível para ele arribar, e arribou mesmo. Arribou e entrou na escola, já taludo (CORA CORALINA, 2013c, grifo nosso).

Na ocorrência (14), *toma amizade*, a microconstrução com o verbo *tomar* apresenta um significado diferente do significado prototípico de verbo pleno, ou melhor, de domínio fonte.

A microconstrução *toma amizade* representa uma forma de afeição: trazer para o corpo um sentimento - uma senhora se afeioou pelo sobrinho e tomou para si a responsabilidade, motivada por um sentimento de amizade. Esse sentido só é compreendido se considerados todos os itens que constituem essa microconstrução. Analisada dessa maneira, *tomar amizade* passa a representar mais um uso, ou seja, integra um nó já existente na rede, assim, o esquema Tomar + SN(sentimento), motivado pela frequência de uso, pode também originar novos usos.

Nessa condição, é provável que o falante, quando tiver que usar uma construção com uma estrutura e/ou sentido semelhante, recorra ao padrão mais antigo. Como já exposto no item 2.4.2, possivelmente, a microconstrução *tomar ranço*, muito utilizada na contemporaneidade, tenha derivado de microconstruções mais antigas como *tomar ódio*, *tomar gosto*, *tomar amizade*.

Cada uma dessas microconstruções, provavelmente, originaram-se a partir de um processo metafórico e podem, de tal forma, serem compreendidas como pertencentes ao domínio alvo, se relacionadas ao domínio fonte (significado prototípico do verbo *tomar*) e considerando o tipo de relação estabelecida com o corpo. É a partir da abstratização da aproximação corporal e da representação linguística que esse evento codifica que formamos o processo metafórico. Por esse viés, novamente, é importante considerar a importância do contexto discursivo, já que nele os diferentes usos são atualizados. Desse modo, podemos afirmar que uma metáfora é situada, pois ela é emergente de uma atividade dialógica instaurada no domínio do discurso, entendido como um sistema complexo, por esta razão, suscetível a variações e mudanças (BYBEE, 2010, 2016).

Nessa orientação, as metáforas não representam um diagrama bidimensional entre domínios cognitivos, como propunham Lakoff e Johnson (1980). Por emergirem do discurso, as metáforas são tanto discursivas como cognitivas, influenciadas por diferentes forças atratoras, como o contexto discursivo, aspectos (inter)subjetivos, além de fatores sociais, culturais e corpóreos.

Nesse sentido, o processo metafórico, ao motivar a mudança, confirma que a relação forma e significado não é arbitrária, mas é motivada iconicamente. O que ocorre, normalmente, é que “novos conceitos e significados são criados, a partir de formas linguísticas já existentes [...], sustenta [ados] pelo princípio da multifuncionalidade de um mesmo item numa dada língua natural” (SILVA, 2005, p. 43).

3.2 Estrutura argumental das construções com os verbos *pegar* e *tomar* e o processo metafórico

O processo de análise de um verbo, dentro de uma estrutura argumental, vai depender da maneira como o falante usa a língua para atender a sua necessidade comunicativa. Isso porque, de acordo com Furtado da Cunha (2006), citando Chafe, Fillmore e Du Bois:

A estrutura argumental de um dado verbo especifica gramaticalmente quantos nomes vão acompanhá-lo, e que papéis vão desempenhar, na oração (CHAFE, 1979; FILLMORE, 1977). De um ponto de vista cognitivo, uma estrutura argumental nada mais é do que uma estrutura de expectativas desencadeadas pelo verbo (DU BOIS, 2003) (FURTADO DA CUNHA, 2006, p. 117).

Dessa maneira, as informações não estão focalizadas diretamente no verbo, mas em todas as expressões que se relacionam ao verbo no contexto de interação.

De acordo com Goldberg (1995), as construções de estrutura argumental são uma subclasse especial de construções que fornecem meios básicos de expressão oracional em uma língua. Para explicar essa ideia, a autora apresenta exemplos de estruturas argumentais do inglês. A mesma estrutura sintática: SJ V OBJ OBJ2 pode codificar diferentes significados na língua, por exemplo, essa estrutura pode ser percebida nas construções ditransitivas e nas construções de movimento causado, a diferença se dá no polo semântico, respectivamente - X CAUSA Y RECEBER Z e X CAUSA Y MOVER Z. Dessa forma, como reforça a autora, é necessário considerar, além da forma, o papel semântico desempenhado pelos argumentos na construção do significado global da estrutura argumental.

O verbo é peça fundamental para a compreensão dos papéis que são acionados na estrutura argumental. De acordo com o dicionário Houaiss *on line* (2020), os verbos na perspectiva gramatical, tratam-se da classe de palavras que indica ação, processo, estado ou alteração de um estado, sendo o núcleo do predicado, e, nesse processo, são considerados radicais e desinências. No entanto, Ilari e Basso (2014, p. 69) afirmam que “pensar o verbo em termos estritos de radical e desinências resulta numa visão do verbo extremamente limitada, que, tomada ao pé da letra, poderia criar uma camisa de força para a análise”.

Pelo viés da Gramática de Construções, “os verbos, assim como os substantivos, envolvem significados semânticos de quadro; isto é, sua designação deve incluir referência a um quadro de fundo rico em conhecimento mundial e cultural” (GOLDBERG, p. 27, 1995)¹².

¹² Tradução nossa do trecho: “Verbs, as well as nouns, involve framesemantic meanings; that is, their designation must include reference to a background frame rich with world and cultural knowledge” (GOLDBERG, p. 27, 1995).

Em vista disso, os verbos e suas estruturas argumentais são multifuncionais, pois, de acordo com o contexto e intencionalidade do falante, são capazes de assumir funções e significados diferentes.

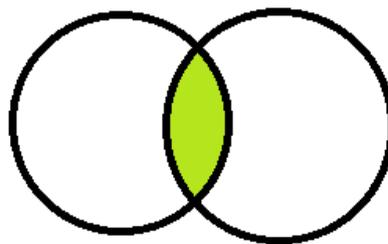
No que se refere aos significados dos verbos *pegar* e *tomar*, recorrendo a dicionários etimológicos (NASCENTES, 1995; VASCONCELOS, 1901; HOUAISS, 2001), encontramos as seguintes acepções:

Pegar, v tr. (lat. *pica*) Agarrar algo ou alguém; segurar: pegar o livro sobre a mesa; ela pegava no meu braço com força, Colar com perfeição; fazer aderir; colar, grudar, Passar a funcionar, Comunicar por contágio ou contato; transmitir, lançar raízes.

Tomar, v. tr. (sax. *tôman*). Pegar, segurar, agarrar: tomou a bolsa e saiu; tomou do filho a bolsa. Apoderar-se de; furtar; arrebatar; conquistar; usurpar: a cidade foi tomada ao amanhecer. Adoptar, aceitar; receber. Colher, apanhar, etc. Beber. Dirigir-se, seguir por.

Analisando as diferentes acepções dos verbos *pegar* e *tomar*, é possível notar que, nessas definições, existe um traço semântico de aproximação de um SN a outro SN, no qual o corpo é ponto central da aproximação. Em relação ao verbo *pegar*, trata-se do significado *agarrar algo ou alguém, segurar*; e no que se refere ao verbo *tomar*, o significado é de *requerer a posse de algo, apropriar-se dele*. O traço de aproximação corporal comum à acepção dos dois verbos é a possibilidade de serem representados como no esquema que segue na Figura 12:

Figura 12 - Esquema do traço de aproximação corporal comum à acepção dos verbos *pegar* e *tomar*



Fonte: Elaborado pela autora.

O ponto de interseção entre os círculos, destacado com a cor verde, representa o traço comum entre os verbos, no caso, o de aproximação corporal. Partindo dessa característica, os dois verbos conseguem, dentro de uma estrutura conceitual engendrada na mente do falante, aludir a um conhecimento mundial e cultural (GOLBERG, 1995). Por isso:

Enquanto muitos teóricos atuais usando estruturas de decomposição semânticas, como 'X causes Y to receive Z', 'X acts', ou 'X causes Y to move Z', prontamente reconhecem que tais paráfrases não capturam tudo o que é intuitivamente o significado do verbo (por exemplo, Lakoff 1965; Foley & Van Valin 1984; Levin 1985; Pinker 1989), eles argumentam que tais paráfrases são adequadas para capturar os “aspectos sintaticamente relevantes do significado do verbo” (GOLDBERG, 1995, p. 28)¹³.

Dessa maneira, seguindo ainda a concepção de Goldberg (1995), é possível esquematizar a estrutura argumental de *pegar* e *tomar* na categoria plena do seguinte modo:

[Arg1] [V_x] [Arg2] [Arg3]

Os dois verbos, no sentido pleno, podem apresentar uma estrutura biargumental ou triargumental. No esquema, o primeiro participante [Arg1] refere-se a quem “pega/toma”, o segundo participante [Arg2] ao que é “pegado/tomado” e o terceiro participante [Arg3] de quem ou para quem “pega/toma”.

Partindo da necessidade de concepção de novas vivências no mundo e de um processo criativo, o falante utiliza outros esquemas, como: [Arg1] [[V] [SN]], que é o esquema cognitivo no qual se faz uso de uma construção-suporte. Nesse esquema, o verbo ganha um novo molde, uma vez que o sintagma nominal que o acompanha, nesse arquétipo, compõe o conjunto verbal.

Segundo Goldberg (1995), existem construções de estrutura argumental que correspondem aos tipos oracionais mais básicos e conceituam experiências e eventos essenciais aos seres humanos. Esses conceitos compõem os domínios semânticos relacionados a vivências corpóreas, movimento, tempo, espaço, quantidade, qualidade, saúde, entre outros. Nessa perspectiva, a função sintática e a função semântica do verbo estão perfiladas às funções do verbo em uma construção. Ademais, considerando a necessidade do falante, uma construção pode ainda trocar ou compartilhar características entre domínios, como é o caso das construções-suporte. Na categoria suporte, os usos com os verbos em estudo mostram-se abstratizados, portanto, foram criados a partir de um domínio mais concreto.

Nesta pesquisa, a categoria plena é considerada o domínio mais concreto (fonte), do qual emergem construções pertencentes a domínios mais abstrato (alvo) e, conseqüentemente, com sentido metafórico.

13 Tradução nossa do trecho: “While many current theorists using semantic decomposition structures, such as 'X causes Y to receive Z', 'X acts', or 'X causes Y to move Z', readily recognize that such paraphrases do not capture all that is intuitively the verb meaning (eg, Lakoff 1965; Foley & Van Valin 1984; Levin 1985; Pinker 1989), they argue that such paraphrases are adequate to capture ‘syntactically relevant aspects of verb meaning’” (GOLDBERG, 1995, p. 28).

A metáfora é um domínio cognitivo que está presente nas atividades básicas do ser humano (LAKOFF; JOHNSON, 2002) e, sendo o verbo fruto da conceptualização dessas atividades básicas, é natural que ele tenha forma e sentido afetados pela metaforização. Além disso, o processo cognitivo de metáfora abrange características contextuais, por isso, a necessidade de analisarmos o significado do verbo numa estrutura argumental. Nesta, o verbo não é considerado isoladamente, mas sim, a relação de todos os componentes oracionais. Considerando os multiusos dos verbos *pegar* e *tomar*, é que nos propomos, nesta dissertação, a estudar os verbos dentro da estrutura argumental.

Na seção 4, descrevemos os caminhos percorridos para alcançar os objetivos lançados nesta pesquisa.

4 TOMANDO AS RÉDEAS DA PESQUISA: METODOLOGIA

Esta seção apresenta a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, que tem natureza qualitativa-descritiva e segue os parâmetros construcionais de análise postulados por Croft (2001), Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013), entre outros.

Seguindo esse caminho metodológico, esta seção está dividida em 3 (três) partes. Na primeira, discorremos sobre os *corpora* de análise, as obras *Poemas dos Becos e Goiás e Estórias Mais* (2013a), *Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha* (2013b) e *Histórias da Casa Velha da Ponte* (2013c), da poetisa goiana Cora Coralina. Na segunda, comentamos sobre o *corpus* Fala Goiana, que foi utilizado como parâmetro para esta pesquisa. Ambos os *corpora* apresentados constituem amostras de usos linguísticos que revelam aspectos culturais da população goiana.

Ademais, no último item, apresentamos o objeto de análise: construções com os verbos *pegar* e *tomar* e explanamos sobre os aspectos teóricos que determinam a análise e a descrição das construções com os verbos em estudo.

4.1 O *corpus* de pesquisa: As obras da poetisa goiana Cora Coralina

A Cidade de Goiás¹⁴ nasceu do ciclo do ouro, durante o século XVIII, época da exploração dos bandeirantes em busca de índios e metais preciosos. Conta a história que Goiás originou-se do ludíbrio do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que, ao chegar em terras desconhecidas, obrigou os nativos a falarem sobre a origem do ouro, caso contrário, incendiaria o rio.

De acordo com Brito e Seda (2009, p. 17) “os cronistas são unânimes em considerar que a primeira grande lavra de ouro foi encontrada em 1726 nos cascalhos do Rio Vermelho sob a Ponte do Meio, denominada, posteriormente, [...] da Lapa e, atualmente, Cora Coralina.” A partir dessa descoberta, surge, então, a Casa da Ponte. Essa casa foi uma das primeiras construções da Cidade, onde também se inicia a descendência de Bartolomeu Bueno da Silva. Dentre estes, encontra-se Ana Lins dos Guimaraes Peixoto, Cora Coralina. Na Figura 13 é possível observar a localização e as características da Casa da Ponte.

¹⁴ Ao conservar, ainda hoje, a arquitetura barroca e muitas tradições da época, Goiás é testemunho de um dos momentos importantes da história do Brasil: a ocupação do interior do Brasil. Por esse motivo, a antiga capital do estado homônimo de Goiás, foi reconhecida, em 2001, pela UNESCO, como sendo Patrimônio Histórico e Cultural Mundial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/36>. Acesso em 31 out 2021.

Figura 13 - Casa da Ponte, década de 1980, Goiás- GO¹⁵



Fonte: Brito e Seda (2009, p. 25).

A contextualização história justifica, preliminarmente, o porquê da escolha do *corpus* Cora Coralina para investigação dos fenômenos linguísticos da cultura goiana. As obras de Cora são textos produzidos a partir de suas memórias: “escreve sobre ela mesma, sobre seus, seus mundos e os outros de seu tempo, deserdados da sorte” (BRITO; SEDA, 2009, p. 4) e, constantemente, essas histórias se entrecruzam com capítulos fundamentais da história da região goiana.

A infância sofrida de Cora Coralina na cidade ganha centralidade em muitos dos seus poemas: “Aquela gente antiga”, Menina mal amada”, entre outros. Esses poemas apresentam ocorrências das construções linguísticas dos verbos em estudo nesta pesquisa.

Por causa da pobreza e desinteresse da família, Cora fez apenas o curso primário. Teve que largar os estudos e ir morar na fazenda Paraíso, onde também encontrou inspiração para a sua arte. Segundo Brito e Seda (2009, p. 57), “Paraíso era uma metonímia para designar uma imensa região e o conjunto de fazendas, propriedades da família Couto Brandão”. Ainda para os autores, a arte mnemônica de Cora Coralina é herança de duas velhas matriarcas:

¹⁵ A Casa de Cora Coralina atualmente é uma instituição museológica, inaugurada em 1989, que preserva na história as frases, os pensamentos, os poemas e poesias dessa importante figura da literatura brasileira. Tem por objetivo projetar, executar, colaborar e incentivar atividades culturais, artísticas, educacionais e filantrópicas visando, sobretudo, à valorização da identidade sociocultural do povo goiano, além de preservar a memória e divulgar a sua obra. Disponível em: <http://www.conhecendomuseus.com.br/museus/museu-casa-de-cora-coralina-2/>. Acesso em 16 mai 2021.

[...] parece ter recebido de Mãe Didi uma capacidade de fabulação, de criação, sem o que não há arte. Mas é herdeira, sobretudo, da memória da bisavó, de seu ‘fôlego de cronista’. (...) É presenciar um tempo perdido que, muita vez, remonta uma época anterior à vivida pela poeta. Isso porque a autora não poetisa apenas o que ela viveu ou aprendeu na observação diária, mas também o ‘revelho’ o que ouviu contar”. Anna Lins recebeu algo mais que os temas que irrigaram a sua arte, herdou a linguagem (BRITO; SEDA, 2009, p. 56, grifo dos autores).

É essa linguagem, reconfigurada aos moldes coralineanos, que reflete a história, os costumes, as crenças, os valores, enfim, a cultura do povo goiano.

Ao falarmos sobre a linguagem como uma atividade cultural, Câmara Jr. (2004) salienta que a essência da atividade cultural está na arte da literatura e, por isso, a escolha da literatura de Cora Coralina como *corpus* de análise para este estudo. Cora faz uso da linguagem popular para emergir a sua poeticidade.

A fim de atestar se os usos linguísticos presentes nas obras de Cora Coralina são amostras emergentes da fala popular goiana, utilizamos como parâmetro as pesquisas realizadas pelo Fala Goiana, projeto da Universidade Federal de Goiás (UFG), abordado a seguir.

4.2 O *corpus* balizador da pesquisa: Projeto Fala Goiana/Universidade Federal de Goiás

O *corpus* Fala Goiana¹⁶ integra um projeto da Universidade Federal de Goiás (UFG) e, por um viés funcionalista, tem por objetivo investigar fenômenos da constituição do português do Brasil a partir de variedades e mudanças linguísticas visíveis na fala goiana. Para isso, o projeto considera características sociais e culturais das comunidades de fala envolvidas no projeto.

Para o estudo aqui desenvolvido foram selecionados os dados das entrevistas feitas a moradores da Cidade de Goiás, em situação interativa de discurso informal, que cursaram o ensino fundamental completo e incompleto.

A Cidade de Goiás está situada na região central do país e, por seus aspectos culturais e título de Patrimônio Histórico da Humanidade, recebe falantes de diferentes partes do país e do mundo, tornando o *corpus* uma mostra produtiva de diferentes usos para estudarmos os processos cognitivos que motivam os verbos *pegar* e *tomar* a expandirem seus usos. Para melhor compreensão desse processo de expansão, seguem detalhamentos sobre o objeto de pesquisa e bases metodológicas de análise.

¹⁶ Mais dados e informações sobre o projeto Fala Goiana estão disponíveis no site <https://gef.lettras.ufg.br/p/11948-bancode-dados>.

4.3 O objeto de pesquisa e as bases metodológicas de análise

A escolha do objeto de pesquisa - construções com os verbos *pegar* e *tomar* - se deu a partir de uma análise prévia, na qual se constatou diferentes usos de construções com esses verbos na fala goiana, sendo que muitos deles de caráter metafórico.

Sabemos que as mudanças na língua acontecem motivadas por um propósito comunicativo do falante, que, a fim de dar conta desse propósito, aciona diferentes processos cognitivos. Ao acionar esses processos, são envolvidos aspectos culturais. Dessa maneira, é possível atestar multiusos construcionais, característicos de uma determinada cultura, como é o caso de as construções-suporte com os verbos *pegar* e *tomar* presentes em Cora Coralina.

No item 3.2, da seção 3, nos dedicamos a descrever as características das construções com os verbos *pegar* e *tomar*. Verificamos que uma das características mais comum e saliente entre os dois verbos é o domínio semântico de aproximação corporal. Assim, tendo em vista o traço semântico dos verbos e os diferentes usos encontrados com eles no contexto goiano, lançamos a seguinte hipótese para esta pesquisa:

A hipótese inicial para o desenvolvimento deste trabalho reside no fato de a língua ter uma base corporal para a construção de metáforas (KÖVECSES, 2009, 2010; SILVA, 2005). Essa base corporal justifica a escolha dos verbos pegar e tomar, visto que eles têm uma forte relação com o corpo e compõem o domínio semântico de aproximação corporal. Além disso, hipotetizamos que, por esses verbos terem o mesmo traço semântico, no projeto literário de Cora Coralina, esse traço pode servir de motivação para a mudança dos verbos plenos para verbos suporte, por meio de um processo de abstratização, que resulta em construções metafóricas emergentes representativas da cultura goiana.

Para verificar nossas hipóteses, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa/descritiva (BORTONI RICARDO, 2008), visto que, para a realização da análise, ponderamos as características de uma comunidade de fala específica, situada em um contexto de produção. No entanto, para verificarmos as frequências *type* e *token* das construções plenas e das construções-suportes com os verbos *pegar* e *tomar*, fez-se necessário a utilização de dados quantitativos. Para isso, foram usados tabelas e gráficos.

As obras de Cora Coralina foram analisadas na versão digital, fazendo uso do dispositivo de leitura *Kindle*. Esse dispositivo permitiu a busca de ocorrências com os verbos

em estudo. Entretanto, mesmo o dispositivo indicando a ocorrência com os verbos, foi preciso avaliar qual a função das construções encontradas.

Ainda foram lidas todas as obras de Cora Coralina nas quais as microconstruções com os verbos *pegar* e *tomar* mostraram-se mais recorrentes, sendo estas: *Poemas dos Becos e Goiás e Estórias Mais* (2013a), *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (2013b) e *Histórias da Casa Velha da Ponte* (2013c). Não por acaso, são as obras mais representativas da autora pesquisada. Dessas obras, foram analisados os seguintes poemas:

2013a	“Antiguidades”, “Nota”, “Rio Vermelho”, “Caminhos do morro”, “As tranças de Maria”, “Mulher da vida”, “Oração do Presidiário”, “Pouso de boiadas” e “Enxada”.
2013b	“Na fazenda paraíso”, “Ô de casa”, “Dona Otília”, “Criança”, “Normas da Educação”, “Aninha e suas pedras”, “Mensagens de Aninha (Trilha sonora)”, “Reflexões de Aninha (A cidade e seus turistas)”, “Lembranças de Aninha (Os urubus)”, “Os apelos de Aninha”, “A vida e suas contradições”, “Segue-se”, “Visitas”, “O longínquo cantar do carro” e “Menina mal amada”.
2013c	“A pedrinha de briante”, “Quadrinhos da vida”, “Quadros do Nordeste”, “Lampião da Rua do Fogo” e “Cangaceiro”.

Cada um dos textos de Cora Coralina apresenta um projeto narratológico específico que contribui para a compreensão da mudança de uma construção plena para uma construção suporte. Assim, fez-se necessária, inicialmente, uma análise do enredo das narrativas, bem como, da relação das características dos elementos constituintes do enredo aos aspectos culturais goianos. Alguns poemas justificam *in loco* o porquê de algumas construções serem exemplares culturais, como exemplo, a ocorrência (04).

A partir da reconfiguração de cenas cotidianas de Goiás, a poetisa constrói um mosaico de suas vivências, desde a infância. Além disso, protagoniza personagens populares: lavadeira, doceira, vaqueiro, lavrador, cancionista, entres outros, valorizando os usos linguísticos cultivados por eles. Dessa maneira, é no berço da cultura goiana que Cora insurge a sua poeticidade.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1995, p. 213), “o objetivo de uma pesquisa é responder à questão inicial”. Tendo isso em mente, desde a seleção das ocorrências, esta investigação foi guiada pelas hipóteses e perguntas acerca do objeto pesquisado, como constam na introdução, sustentadas pelos princípios teóricos da GC.

Os princípios teóricos que sustentaram a análise deram-se com as seguintes abordagens:

1- Gramática de Construções - Sendo a GC o modelo descritivo da análise proposta neste estudo, primeiramente, nos dedicamos a apresentar as concepções dessa teoria, que é sustentada pelos pressupostos da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva. E como dito, a Gramática de Construções concebe a língua como reflexo do uso. Nesta pesquisa, o poema é a materialização do uso e nele os usos linguísticos compreendem uma construção: um *link* entre forma e significado, que se organiza em redes esquemáticas, de acordo com o modo como o usuário da língua conceptualiza o mundo (GOLDBERG, 2006).

Assim, foram exibidas informações concernentes a um arquétipo simbólico de uma construção e características de sua propriedade, sendo que a natureza gradiente de uma construção permite uma análise em níveis escalonares e, desse modo, melhor compreensão dos aspectos que influenciam a mudança (CROFT, 2001).

2- O processo de mudança linguística – Nesta investigação, nos aportamos na análise da trajetória de uma mudança construcional, proposta por Traugott (2008), analisando a maneira como uma construção se organiza em redes hierárquicas e se diferencia em construcionalização e mudança construcional. Para clarificar essas mudanças, recorreremos a um exemplo de rede conceitual proposto por Traugott e Trousdale (2013).

3- Tendo em mente que essas mudanças resultam de uma organização cognitiva que busca atender uma necessidade do falante, foram apresentados os processos cognitivos de domínio geral mais relevantes para esta pesquisa, dentre eles: a categorização e a prototipia, a analogia e a metaforização, e a memória enriquecida (BYBEE, 2010).

Considerando o objetivo geral desta pesquisa, compreender a produtividade das construções plenas para a emergência das construções-suporte, sobretudo a partir de um processo metafórico, dedicamos um capítulo ao estudo da metáfora, buscando relacioná-la a aspectos culturais.

4- A partir da compreensão da língua como cultura, numa relação intrínseca, abordamos a concepção de metáfora como um dos processos cognitivos que promovem a expansão dos usos das construções com os verbos *pegar* e *tomar*, de plenas para suporte. Para tanto, inicialmente, selecionamos as ocorrências com os verbos pesquisados nas categorias plena e suporte, considerando as diferentes estruturas argumentativas e os papéis semânticos associados ao contexto de uso, valendo-se das teorias de Goldberg (1995) e Givón (2001). Foram encontrados 27 inquéritos, constando 17 (dezessete) ocorrências referentes ao verbo *pegar* e 39 (trinta e nove) referentes ao verbo *tomar*.

Sabendo que a semântica dos diferentes usos depende das intenções comunicativas e das características culturais da comunidade falante, por meio da análise das frequências *type* e *token*, averiguamos a produtividade das construções plenas e suporte no *corpus* de pesquisa.

Ainda envolvendo as diferentes estruturas argumentais e os papéis semânticos, representamos os diferentes esquemas das construções plenas e suporte identificados nas ocorrências, sendo que o estudo das representações esquemáticas nos deu auxílio para a compreensão da correspondência ou não entre o significado das construções plenas e suporte.

Valendo-se dos estudos de Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (2002), Kövecses (2009, 2010) e Silva (2005) sobre metáfora e a relação desta com as experiências corpóreas, discorreremos sobre como o processo cognitivo da metáfora contribui para a expansão dos usos das construções com os verbos *pegar* e *tomar* no contexto de uso goiano.

Para compreensão das conceptualizações metafóricas acerca dos verbos em estudo, retomamos informações sobre o contexto histórico, social e cultural da Cidade de Goiás e discorreremos sobre o domínio alvo e fonte (CUENCA; HILFERTY, 1999) de cada uma das construções, com o intuito de atestar que esses usos representam a cultura goiana.

5 PEGAR E/OU TOMAR - A METÁFORA DA REDE CONSTRUCIONAL: EIS A QUESTÃO? ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, apresentamos, a partir do *corpus* Cora Coralina (2013a, 2013b, 2013c), uma análise qualitativa da multifuncionalidade das construções com os verbos *pegar* e *tomar*, considerando os aspectos cognitivos e culturais. A partir da constatação de multiusos construcionais com esses verbos, nos propomos a descrever os usos das categorias plena e suporte. Consideramos, inicialmente, as construções plenas como sendo o uso mais prototípico e a construção-suporte como sendo o uso inovador, que, por sua vez, abarca características discursivas e contextuais.

Mesmo sendo reconhecida como um uso inovador, a construção-suporte apresenta traços da construção plena, compartilhados por *links* de herança entre esquemas prototípicos presentes na rede cognitiva (GOLDBERG, 1995). Desse modo, todas as vezes que o falante necessita verbalizar as experiências de aproximação corporal vividas no mundo, essa rede é acionada. Nela, diferentes processos cognitivos são ativados e, considerando as características culturais, criativamente, novos esquemas são elaborados.

Dispondo do supracitado como eixo de princípios norteadores e respondendo às perguntas de pesquisa, esta seção se desdobra em 5 (cinco) itens. Na 5.1, *As ocorrências das construções com os verbos pegar e tomar*, apresentamos as ocorrências com os verbos em estudo encontradas no *corpus* CC, organizadas em gráficos e tabelas.

Já o item 5.2, *A produtividade das construções plenas e suporte*, descreve a produtividade das ocorrências encontradas, usando as frequências *type* e *token*. A análise dessas frequências nos permite compreender a probabilidade de um esquema construcional ser acessível e sancionar subesquemas e microconstruções dentro de um contexto específico (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), no caso, o goiano.

Em 5.3, *A representação da estrutura argumental das construções plenas e construções-suporte*, descrevemos as diferentes estruturas argumentais de cada uma das categorias construcionais dos verbos estudados e apresentamos um esquema para cada estrutura.

No item 5.4, *A colaboração do processo metafórico para a emergência das construções-suporte*, apresentamos os fatores determinantes para a conceptualização metafórica, como o traço corporal e o contexto de uso; a conceptualização metafórica que se revela nas construções-suporte com os verbos *pegar* e *tomar*; e ainda a relação entre o domínio fonte e o domínio alvo das metáforas coralineanas.

Por último, exibimos algumas considerações acerca das ocorrências encontradas.

5.1 As ocorrências das construções com os verbos *pegar* e *tomar*

Em uma abordagem construcional, segundo Traugott e Trousdale (2013), a unidade básica da gramática é uma construção que se organiza em um sistema de redes na mente do falante e é convencionalizada a partir do uso compartilhado socialmente, por isso, revela padrões culturais. Neste trabalho, nos dedicamos a analisar as mudanças nos usos das construções com os verbos *pegar* e *tomar* e, assim, compreender seus multiusos na fala goiana.

O verbo é uma das categorias de palavras que revela diferentes conceptualizações do ser humano acerca de suas experiências vivenciadas no mundo. Diante dessa versatilidade, ele ganha o poder de selecionar os constituintes necessários para representar as experiências humanas, ou seja, o verbo é responsável pela construção dos predicados (NEVES, 2011, p. 25). Neste estudo, apresentamos inovações na língua no plano do predicado. No entanto, como já ressaltado no item 3.2, quando se trata de um estudo construcional, o foco não recai sobre o verbo, mas sobre a construção da estrutura argumental.

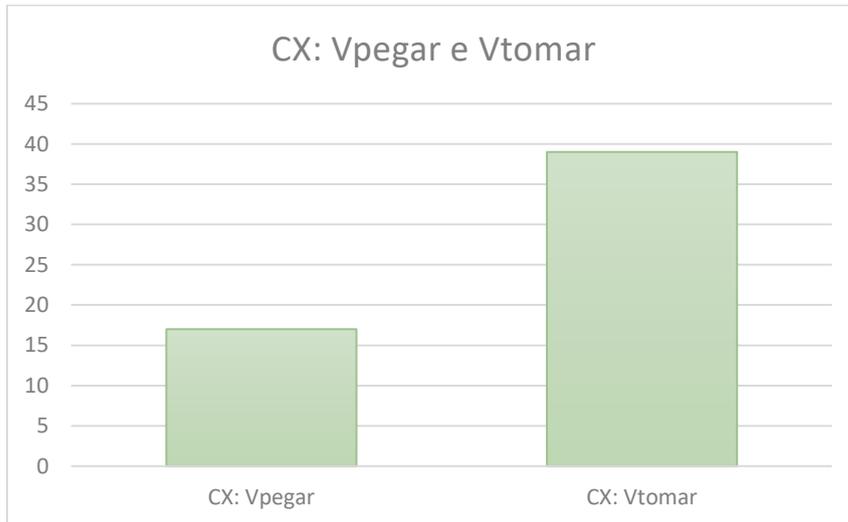
De acordo com Goldberg (1995), algumas construções de estrutura argumental correspondem aos tipos oracionais mais básicos e, em seu sentido central, representam situações que são fundamentais à experiência humana (movimento, transferência, causação, posse, estado ou mudança de estado). Nesse sentido, o papel semântico e o papel sintático do verbo estão alinhados aos papéis do verbo na construção. Essa é a ideia preliminar que justifica o conceito de que uma construção é um uso que associa forma e significado, e essa associação, por sua vez, compreende o conhecimento sobre a língua.

Conceituando o estudo do verbo como constituinte de uma estrutura argumental, é importante reconhecer que algumas estruturas são usadas com um sentido básico, como é o caso das construções com os verbos plenos. Os verbos com sentido pleno constituem individualmente o predicado (ILARI; BASSO, 2014) e, nesta pesquisa, são considerados protótipos. No entanto, existem usos que fogem desse padrão e apresentam uma estrutura e sentidos diferentes, por exemplo, a construção-suporte.

De acordo com os parâmetros de Neves (2011), concebemos o verbo em uma construção-suporte como sendo aquele que já passou por um processo de mudança, sofreu um esvaziamento semântico e é integrado ao sintagma nominal para adquirir significado, ou seja, uma construção-suporte é analisada como um todo significativo e seu sentido depende do contexto em que está inserida.

A fim de compreender os diferentes usos das construções com os verbos *pegar* e *tomar*, descrevemos, a partir da análise do Gráfico 01, a frequência de ocorrências na categoria plena e na categoria-suporte encontradas nos 27 inquéritos selecionados no *corpus* pesquisado.

Gráfico 01 - Construções com os verbos *pegar* e *tomar*

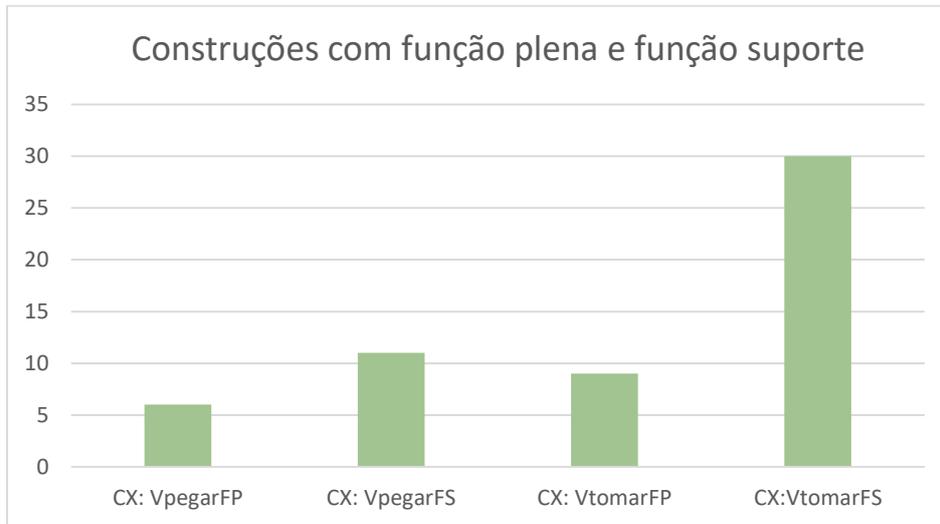


Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

No Gráfico 01, vemos 56 (cinquenta e seis) ocorrências de construções com os verbos *pegar* e *tomar* nas categorias plena e suporte. Foram encontrados 17 (dezessete) usos com o verbo *pegar* e 39 (trinta e nove) usos com o verbo *tomar*. Analisando o gráfico, o uso com o verbo *tomar* representa basicamente 50% de usos a mais que o verbo *pegar*.

O Gráfico 02 indica a quantidade de ocorrências com sentido pleno e sentido suporte de cada um dos verbos em estudo.

Gráfico 02 - Construções com função plena e função suporte



Fonte: Dados pesquisa. Elaborado pela autora.

Das 17 (dezesete) ocorrências com o verbo *pegar*, 10 (dez) são microconstruções com função plena e 7 (sete) são microconstruções com função suporte. Das 39 (trinta e nove) ocorrências com o verbo *tomar*, apenas 8 (oito) têm função plena e 31 (trinta) têm função suporte. Entre as microconstruções com o verbo *tomar*, as microconstruções com função suporte mostram-se mais produtivas.

É possível verificar percentualmente a diferença entre o número de microconstruções-suporte que constam no Gráfico 02 analisando a Tabela 01.

Tabela 01 - Porcentagem dos verbos *pegar* e *tomar* com função suporte

PORCENTAGEM		
Construções-suporte verbo <i>pegar</i>	com	35,29%
Construções-suporte verbo <i>tomar</i>	com	76,92%

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

A diferença da quantidade de microconstruções-suporte entre os verbos *pegar* e *tomar* revela que as microconstruções-suporte com o verbo *tomar* no contexto goiano são mais frequentes.

Para justificar tal frequência, é importante ressaltar que mesmo os dois verbos tendo a mesma carga semântica, o traço de aproximação corporal do verbo *tomar* é mais forte, visto que ele traz mais para perto do corpo. Inferimos, então, que é esse traço que impulsiona a abstratização do verbo e possibilita a mudança da função plena para a suporte. Nessa condição,

quando o falante tiver que acessar a memória rica e selecionar algum esquema a fim de conceptualizar uma vivência que pertença ao domínio da aproximação corporal, é provável que ele opte pelo uso com *tomar* (OLIVEIRA, 2018). Outra justificativa para a frequência das construções com o verbo *tomar* é o princípio da economia linguística.

O princípio da economia linguística retrata a capacidade de o falante utilizar uma quantidade menor de conteúdo linguístico com grande carga de significado ou de empregar um mesmo esquema para diferentes contextos de uso. Dessa maneira, o falante, ao selecionar um esquema em que o traço corporal se faça presente, possivelmente, utilizará um esquema mais recorrente e de fácil acesso ao invés de criar um novo, ou seja, já que os subesquemas com construções com o *tomar* são satisfatórios, torna-se desnecessário a criação de outros subesquemas com *pegar*.

No item seguinte, explanamos melhor sobre a produtividade das microconstruções-suporte com os verbos pesquisados.

5.2 A produtividade das construções-suporte: frequências *token* e *type*

Uma construção é um uso linguístico que representa a instância imediata da língua, que, por sua vez, revela padrões construcionais provenientes da convencionalização dos usos realizados pelos usuários da língua. Quanto mais frequente for o uso desses padrões, maior é a produtividade e a possibilidade de eles serem usados em novos contextos. A construção-suporte é uma das representações de um novo padrão, que, segundo Flores (2020, p. 74), “consiste em uma generalização da qual decorrem outros padrões de nível mais baixo na rede. Cada um desses padrões, [...] obedecerá a regras de formação do padrão de uso mais esquemático. Por consequência, a construção-suporte é um padrão muito produtivo na língua”, sobretudo, na cultura goiana.

Uma construção-suporte, ao consagrar outros padrões construcionais, exhibe uma mescla de construções relacionadas que podem ser analisadas pela frequência *type* (quantidade de expressões com os verbos em estudo) e *token* (frequência com que uma mesma expressão é utilizada). A relação entre as duas frequências comprova a produtividade de uma construção. Diante disso, com o intuito de comprovar a produtividade das construções-suporte com os verbos *pegar* e *tomar* no *corpus* CC, são apresentados no Quadro 03 os *types* encontrados e a descrição dos *tokens*.

Quadro 03 - Frequência *Type* e *Token* da construção CX: [PegarSN] no corpus Cora Coralina

CX: [PegarSN]		
FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	OCORRÊNCIAS
CX: [PegarSN]	CX: [Pegar febre]	Na passagem do carandazal, a boiada parada, deitada, muge, nhaca, baba, lambe os cascos./ Pegou febre. / Pantanal... (2013a, p. 113, grifo nosso).
	CX: [Pegar estrada]	Dois golpes pegando estrada . Mil duzentos e cinquenta cada um. Papelada... Imposto. Taxas <i>ad-valorem</i> ... Barreiras... coletorias... Maçada (2013a, p. 114, grifo nosso).
	CX: [Pegar nome]	Ela tinha pegado nome de gente, acrescido mais de dona. Ela Dona Otíli. (2013b, p. 52, grifo nosso).
	CX: [Pegar doença (Cieiro)]	Ela tem [Cieiro] e pega na gente.” Eu ia atrás, batida, enxotada (2013b, p. 90, grifo nosso).
	CX: [Pegar dianteira]	O burrico pegou dianteira . Ganhou estrada (2013c, p. 50, grifo nosso).
	CX: [Pegar fogo]	Gostava de uma pinguinha em doses dobradas, dessas antigas que pegavam fogo (2013c, p. 53, grifo nosso).

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Como já apresentado na Tabela 01 (página 80 desta dissertação), as construções com o verbo *pegar* mostraram-se pouco produtivas, especialmente, se comparadas com a frequência do verbo *tomar*, apresentada no Quadro 04 (abaixo).

Mais uma vez, ressaltamos que tal diferença se dá por conta da carga semântica de um verbo em relação ao outro. Dessa maneira, faz-se desnecessária a criação/uso de novas microconstruções com o *pegar*, visto que as microconstruções já existentes com *tomar* satisfazem as necessidades do falante.

A frequência de uso das construções com o verbo *tomar* pode ser observada no Quadro 04.

Quadro 04 - Frequência *Type* e *Token* da construção CX: [TomarSN] no corpus Cora Coralina

CX: [TomarSN]		
FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	OCORRÊNCIAS
CX: [TomarSN]	CX: [Tomar propósito]	Quando não, sentada no canto de castigo fazendo trancinhas, amarrando abrolhos. “ Tomando propósito ”. Expressão muito corrente e pedagógica (2013a, p. 24, grifo nosso).
	CX: [Tomar nome]	Deu a sua Sinhá vários crioulos de valor que mais enricaram a velha dona. No fim veio aquela que tomaria nome de Rola, afilhada e alforriada na Pia, o que era legal e usado no tempo. Rola teve casamento de capela fechada dizendo sua condição de moça- <i>virgem</i> (2013a, p. 55, grifo nosso).
	CX: [Tomar conta]	Gente piedosa, gente inzoneira. Gente ardilosa da cidade tomou conta do Negrovelho (2013a, p. 88, grifo nosso).

CX: [TomarSN]	CX: [Tomar trilheiro]	Pretovelho dali por diante, o trilheiro a tomar ¹⁷ (2013a, p. 90, grifo nosso).
	CX: [Tomar chegada]	Pararam na porteira do sítio. Tomaram chegada (2013a, p. 146, grifo nosso).
	CX: [Tomar café]	Tomando o café da hospitalidade sertaneja, voltaram às suas montanhas (2013a, p. 146, grifo nosso).
	CX: [Tomar configurações]	A velha matriarca, meu avô, tio Jacinto, nós todas, tomávamos configurações fantásticas naquele incensatório ritual e rústico (2013b, p. 45, grifo nosso).
	CX: [Tomar sol]	D. Otília deu de deixar o canto escuro do seu resguardo e vir todos os dias se especar contra o baldrame, tomando sol , participando, à sua moda (2013b, p. 54, grifo nosso).
	CX: [Tomar refeição]	A famigerada “porta do meio”, que preserva o interior, abre para a peça que em Goiás chamam varanda, em regra a mais ampla da construção, onde a família se reúne, recebe, trabalha, conversa e toma refeições (2013b, p. 128, grifo nosso).
	CX: [Tomar liberdade]	Tem mais: a [liberdade] que tomam de invadir. Vão entrando, salas, quartos, cozinha, quintal (2013b, p. 129, grifo nosso).
	CX: [Tomar fôlego]	Baixavam na velha cajazeira do quintal, tomavam seus fôlegos , passavam para a murada, depois para a terra (2013b, p. 136, grifo nosso).
	CX: [Tomar medidas]	Se não forem tomadas medidas imediatas, primordialmente no campo pedagógico, as prisões continuarão a representar ‘sementeiras do crime’ (2013b, p. 145, grifo nosso).
	CX: [Tomar lugar]	Zaqueu partilhou seus bens com os pobres e tomou seu lugar ao lado do Mestre. Segue-me. O Moço procurou Jesus (2013b, p. 168, grifo nosso).
	CX: [Tomar amizade]	Deu foi trabalho prá Siá Norata. Como ela não tinha filhos e o marido já estava “em bom lugar”, tomou amizade ao sobrinho e fez o possível para ele arribar e entrou na escola, já taludo (2013c, p. 23, grifo nosso).
	CX: [Tomar rumo]	Vimos comboiados até Barbalha. Dali eles tomaram rumo da Paraíba e nós por outro caminho. E vai a mulher falando daquela retirada, tão pesada, como se fosse de ontem (2013c, p. 45, grifo nosso).
	CX: [Tomar posição]	Os amigos foram chegando, tomando posição e começou o velório (2013c, p. 55, grifo nosso).
	CX: [Tomar ares]	Aquilo contava minha bisavó, tinha sido levantado pelos antigos, para “tomar ares” vigiar o pátio, onde se mexia a escravatura, e dormir a sesta (2013c, p. 77, grifo nosso).

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Não foram registradas no Quadro 04 todas as ocorrências *tokens* que apresentam o mesmo padrão.

No item 5.3, estudamos os esquemas morfossintáticos das construções plenas e suporte para explicar o papel desempenhado pelo verbo dentro de uma estrutura argumentativa específica.

¹⁷ O *token* [trilheiro a tomar] é uma [CX: VSN], no entanto, apresenta uma inversão do Sintagma Nominal. Nesta pesquisa, não nos dedicaremos ao estudo de construções-suporte com essa inversão.

5.3 Representação da estrutura argumental das construções plenas e construções-suporte

Traugott e Trousdale (2013) adotam o seguinte esquema para descrever uma construção:

$$[[F] \longleftrightarrow [S]]$$

No esquema acima, a letra F representa a “forma”, que compreende o estudo da fonologia, morfologia e sintaxe; a letra S representa o significado, que compreende o estudo da semântica, da pragmática e do discurso. A seta dupla representa o elo simbólico entre os dois contextos e os colchetes representam que o pareamento é uma forma convencionalizada.

Com já elucidado ao longo da pesquisa, existem construções que, considerando o grau de frequência, assumem funções prototípicas, ou seja, servem de referência e instanciam outras construções. Nessa condição, consideramos necessária a clarificação do esquema prototípico dos verbos em estudo nas categorias plena e suporte, levando em consideração a concepção de estrutura argumental de Goldberg (1995) e Givón (2001).

De acordo com Furtado da Cunha (2006, p. 119) “a estrutura argumental de um verbo representa o número de argumentos que ele pode (argumento opcional) ou deve tomar (argumento obrigatório)”. Essa flexibilidade se dá devido a uma necessidade de atender às necessidades comunicativas no momento real de uso da língua, o que representa que:

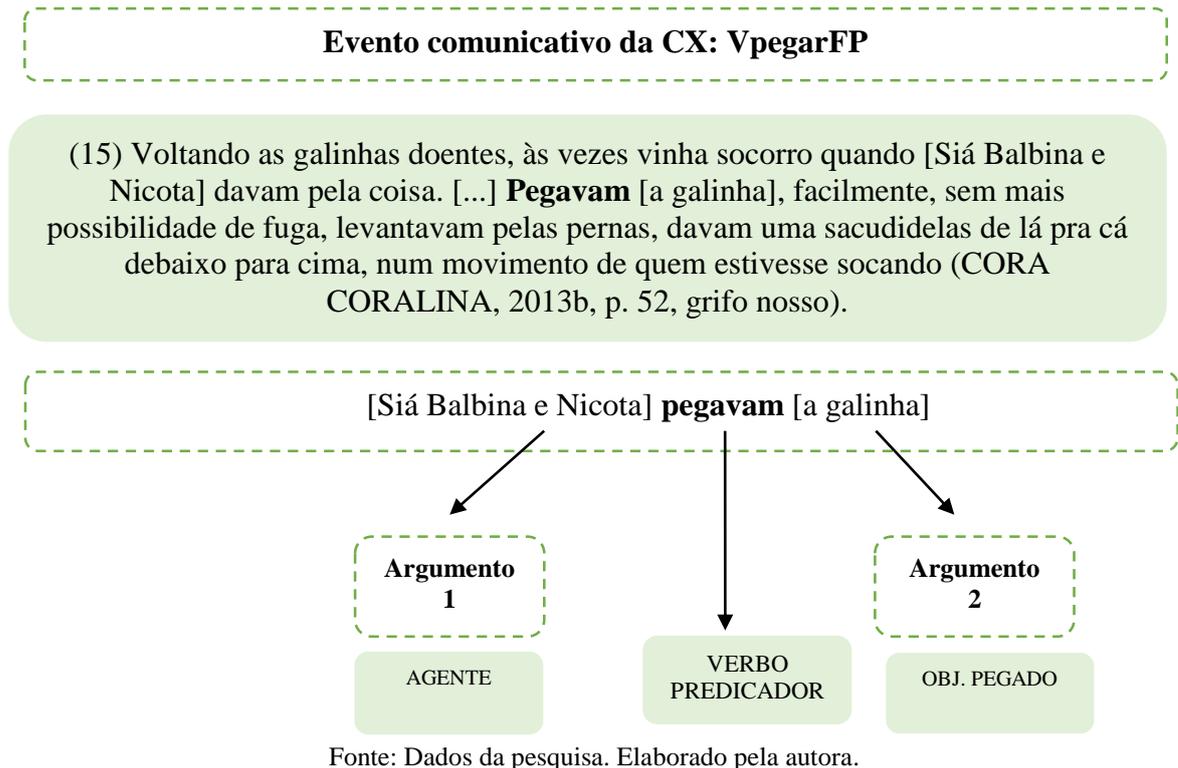
Não há espaço para estruturas argumentais fixas ou rígidas. Ao definir cada relação sintática e cada papel semântico associados a um verbo, define-se protótipo. Cada verbo especifica sua própria moldura proposicional única, seu próprio arranjo único de papéis sintáticos e semânticos (FURTADO DA CUNHA, 2006, p. 120).

Nesta pesquisa, como já mencionado no item 3.2, o verbo *pegar* com a acepção de *agarrar algo ou alguém; segurar* e o verbo *tomar* com a acepção de *requerer a posse de algo ou alguém* são analisados como sendo protótipos. Seguindo a concepção de Goldberg (1995), sobre a estrutura argumental dos verbos *pegar* e *tomar* em seus sentidos plenos, os verbos podem ser biargumentais - quando acionam dois argumentos - ou triargumentais - quando acionam três argumentos. Diante disso, podem ser apresentados da seguinte maneira:

[Arg1] [Vpegar] [Arg2] – biargumental
[Arg1] [Vpegar] [Arg2] [Arg3] – triargumental
[Arg1] [Vtomar] [Arg2] – biargumental
[Arg1] [Vtomar] [Arg2] [Arg3] – triargumental

Pensando dessa maneira, a relação gramatical deve corresponder a um determinado papel semântico, especificado pelo tipo semântico de verbo, de acordo com a intenção comunicativa. Portanto, para Goldberg (1995), os papéis temáticos também podem ocupar as casas dos argumentos. A partir dessa ideia, analisemos a ocorrência (15) que exemplifica a estrutura argumental da construção com função plena (FP) com o verbo *pegar*.

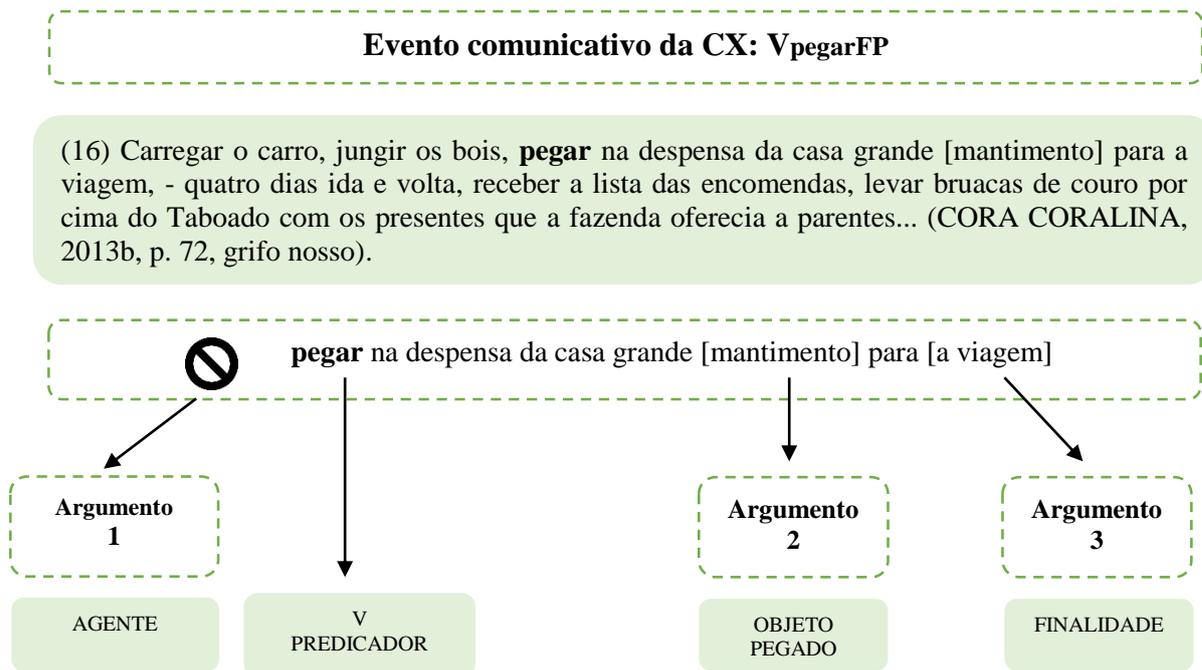
Figura 14 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo *pegar* – FP - 2 Argumentos



O evento comunicativo da Figura 14 mostra a percepção de um eu lírico sobre o tratamento dado às galinhas por Siá Balbina e Nicota. Na ocasião, uma das galinhas, dona Otília, fica doente e a partir desse complicador se desenvolve toda a trama poética.

Temos na ocorrência acima (15), o [Arg1], que tem papel de agente e é representado por Siá Balbina e Nicota; e o [Arg. 2], representado pela [galinha], confirmando a estrutura biargumental e o sentido pleno de *agarrar*, *segurar* do verbo.

Como já dito, o verbo *pegar* no seu sentido pleno também evidencia uma estrutura triargumental, como podemos observar na ocorrência (16), Figura 15:

Figura 15 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo *pegar* – FP - 3 Argumentos

No evento comunicativo apresentado na Figura 14, temos uma voz poética, em primeira pessoa, narrando os preparativos para uma viagem cujo transporte é um carro de boi. Na ocorrência, a construção com o verbo *pegar* foi usada no modo imperativo, indicando uma das atividades ordenadas pelo avô: *pegar [...]mantimento para a viagem*. No construto, o verbo foi usado na sua forma infinitiva, pois não há indicação explícita do agente [Arg1], ou seja, de quem fará a ação de pegar os mantimentos, a ordem é dada a todos os viajantes. Além disso, o verbo é regido pela preposição *para*, a fim de indicar o destino/finalidade do objeto agarrado, segurado [Arg2], no caso, viagem, [Arg3].

Nessa condição, é possível criar os seguintes esquemas para a representação de uma construção com o verbo *pegar* com função plena:

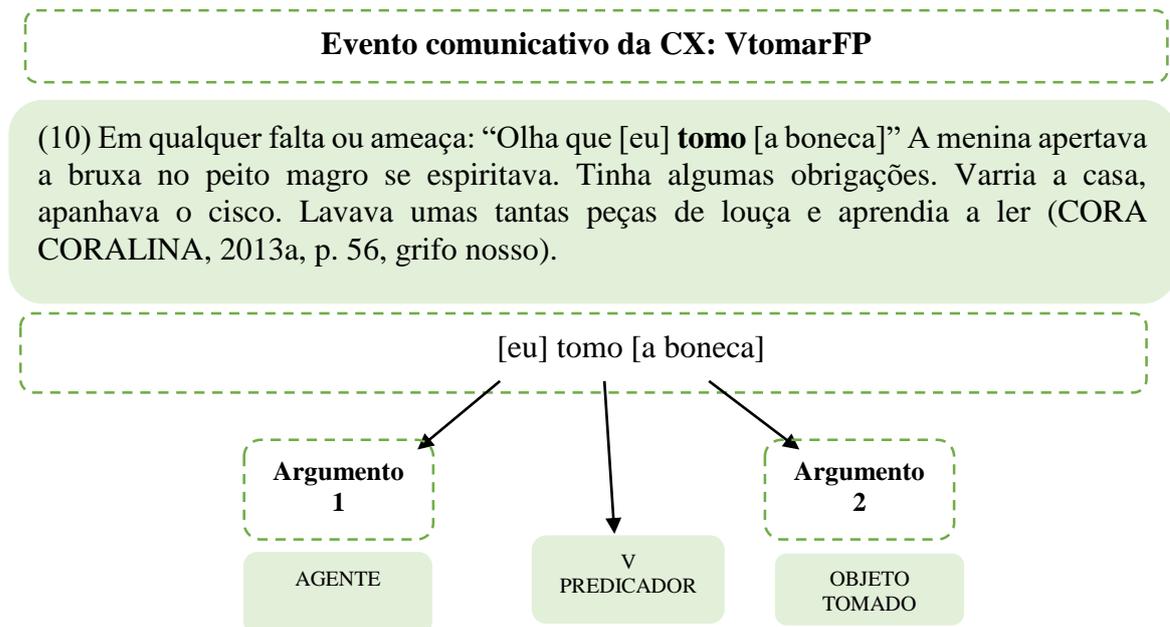
Quadro 05 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo *pegar* – função plena.

ESQUEMAS PARA CX: VpegarFP
CX: [Arg 1 + Vpegar + Arg2]
E
CX: [Arg 1 + Vpegar + Arg2 + (prep) + Arg3 (finalidade, pessoa...)]

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Estudos já realizados por Oliveira (2018), sobre os papéis argumentativos das construções com o verbo *tomar*, apresentam o sentido prototípico do verbo como sendo o de *apropria-se de algo, alguém*. Considerando o traço de aproximação corporal e, conseqüentemente, a similaridade semântica, é possível usar o mesmo esquema da construção com o verbo *pegar* para o verbo *tomar*. Podemos verificar essa constatação analisando novamente a ocorrência (10):

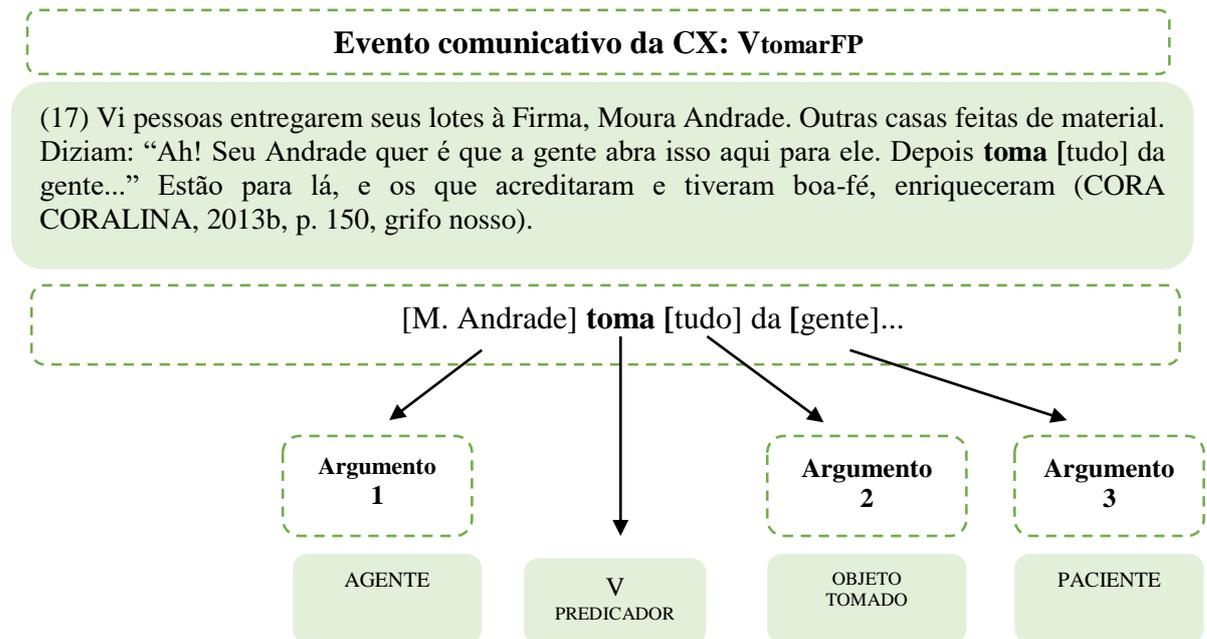
Figura 16 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo *tomar* – FP – 2 argumentos



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

A Figura 16 traz um evento comunicativo que conta a história de como acabou o castigo dos cacos quebrados no pescoço, na Cidade de Goiás. Na narrativa, a voz poética reconta uma história contada pela avó. A ocorrência revela um dos momentos em que a menina Jesuína, personagem da história contada pela avó, é ameaçada de ter a boneca requerida pela dona, que também tem como nome Jesuína: “Olha que [eu] tomo [a boneca]”. O [Arg. 1], agente, é representado pelo pronome Eu e o [Arg 2], objeto possuído, representado pela boneca.

Também encontramos usos com o verbo *tomar* com três argumentos, como podemos observar na ocorrência (17) – Figura 17:

Figura 17 - Análise da estrutura argumental da construção com o verbo *tomar* – FP - 3 Argumentos

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Na ocorrência (17), o agente, M. Andrade, é o [Arg 1], que irá apropriar-se de um objeto, no caso, o objeto é representado pelo pronome tudo [Arg. 2]. Para a compreensão do significado da expressão “tudo” na oração, é preciso considerar todos os elementos do texto/discurso e não somente o verbo. Dessa maneira, compreende-se que “tudo” refere-se a materiais de construção. Esses materiais têm um dono, “gente”, que representa o paciente, possuinte, [Arg 3].

Tendo em mente os constituintes dessa microconstrução como um todo, podemos também aplicar os seguintes esquemas para o verbo *tomar*:

Quadro 06 - Esquema da estrutura argumental da construção com o verbo *tomar* – função plena

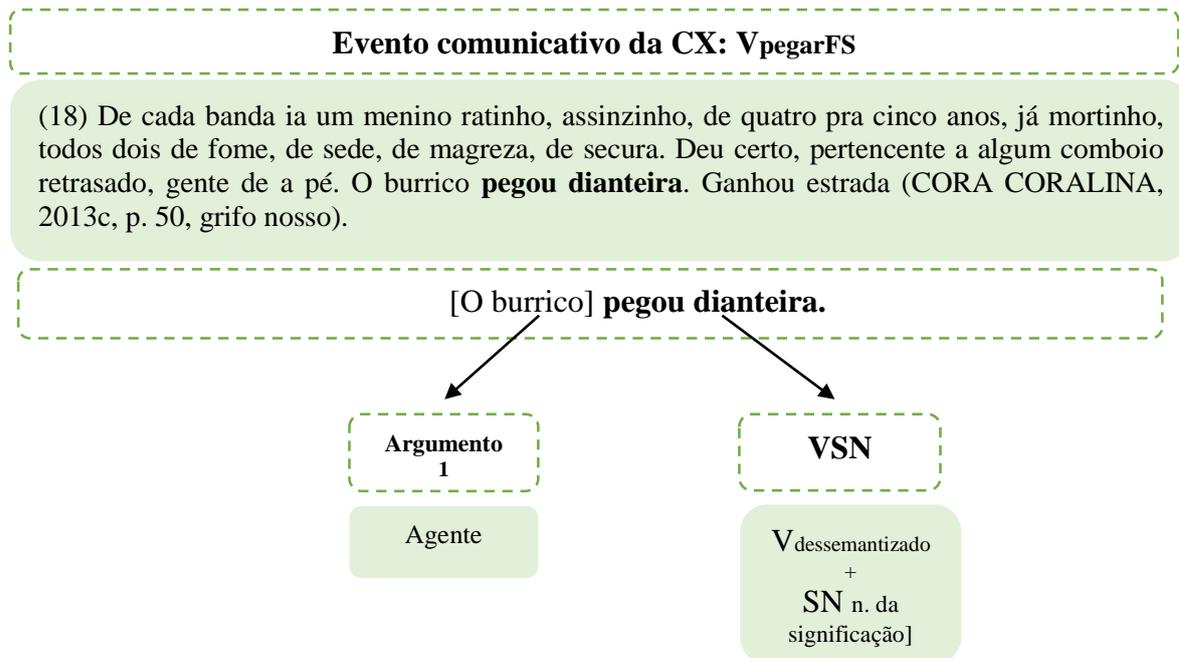
ESQUEMAS PARA CX: VtomarFP
CX: [Arg 1 + Vtomar + Arg2]
E
CX: [Arg 1 + Vtomar + Arg2 + (prep) + Arg3 (finalidade, pessoa...)]

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Como já elucidado por Barros (2016), uma construção é um padrão para o uso, dessa maneira, uma construção pode instanciar outras, como é o caso da construção-suporte. A mudança de uma categoria para outra acontece de maneira gradiente, em micropassos, a partir de negociações no momento da interlocução.

No que diz respeito à construção-suporte, o verbo é dessemantizado e adere à significação de seus complementos, constituindo, assim, um novo padrão. Para compreender esse processo de mudança construcional, tomemos como exemplo a ocorrência (18), com função suporte (FS):

Figura 18 - Análise da estrutura argumental com o verbo *pegar* - FS



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Na ocorrência (18), tem-se apenas um argumento, no caso, o agente, representado por [burrico]. *Pegar dianteira* não pode ser analisado separadamente, uma vez que “Dianteira” não é um argumento. Nessa ocorrência, o verbo *pegar* deixou de indicar *tocar algo, segurar, agarrar* para indicar uma posição assumida pelo corpo, motivada pelo sentido do sintagma nominal *dianteira*.

De acordo com Flores (2020, p. 60), nesse processo de reanálise e convencionalização:

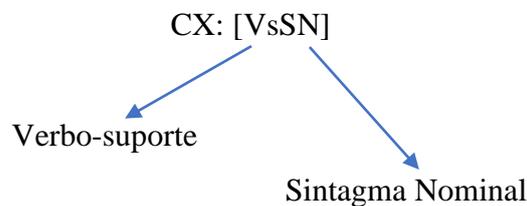
A construção-suporte perde composicionalidade e começa a instanciar subesquemas de transitividade, microconstruções e construtos na língua, em razão de seu *status* hierárquico. Essas instâncias herdam do esquema cognitivo da predicação características semânticas e formais.

Diante disso, a compreensão das redes de herança é de suma importância para a apreensão das construções com os verbos *pegar* e *tomar*, visto que, mesmo uma construção migre de uma função prototípica para outra, guarda em si características tanto da forma quanto

da função, como também da relação com o corpo, como é possível observar na ocorrência (18), *pegar dianteira*.

Numa relação de antonímia, possivelmente, a microconstrução (18) deu origem a *pegar traseira*. As duas construções referem-se a uma posição assumida pelo corpo. *Pegar dianteira* designa estar à frente, posição de vanguarda, enquanto *pegar traseira* designa estar atrás, posição de retaguarda.

Analisando novamente a estrutura argumental da ocorrência (18), é possível abstrair um esquema geral para uma construção-suporte:



O esquema acima é o mesmo apresentado por Flores (2020, p. 25) e representa um padrão cognitivo comum para uma construção-suporte. Entretanto, é importante ressaltar que esse padrão assumirá diferentes sentidos de acordo com o contexto discursivo-pragmático, podendo até ser substituído por um uso pleno.

5.4 A colaboração do processo metafórico para a emergência das construções-suporte

A metáfora é um mecanismo cognitivo que concebe o modo como pensamos o mundo (LAKOFF; JOHNSON, 2002), é uma maneira de compreender como ela se constitui é analisando a linguagem, seja ela literária ou não.

A linguagem é a expressão dos conceitos cognitivos que criamos sobre o mundo no momento da interação. Nesta pesquisa, analisamos as construções-suporte como sendo expressões metafóricas motivadas por atratores culturais, assim, trazem uma forte carga cultural. Portanto, ao longo da análise, faz-se necessário remontarmos informações importantes do contexto histórico, geográfico e cultural da população goiana, com o objetivo de compreender os usos metafóricos com os verbos *pegar* e *tomar* no projeto poético de Cora Coralina, ou, como ela mesma se intitula, “da mulher do povo”, sendo representação da voz goiana.

Uma das motivações para o surgimento das construções-suporte é a frequência de uso, talvez, por isso, muitas vezes, o falante não reconhece que faz uso de uma metáfora. Silva

(2016), ao discorrer sobre os usos do verbo *pegar* no *corpus* Fala Goiana, confirma usos metafóricos com esse verbo recorrentes na cultura popular goiana, assim como se mostra na ocorrência (19), presente no poema “Pouso de boiadas”:

Pouso de Boiadas

Poso di boiada tá
 marcado nessa taba
 de portera.
 (Publicidade Sertaneja)

Pouso de boiadas...
 _ a espaço.
 Nas dobras,
 Nas voltas, no retorcido das
 estradas.

Deitada,
 Rumina, remastiga.
 Troca os bolos,
 Num sobe-desce
 Intervalado.

Pouso das boiadas, à
 s'tância
 das marchas calculadas.
 Porteiraa cadeado.
 Xiringa de contagem.
 O gado cansado
 Recanteado, esmorecido,
 Espera.
 Um mar de rebuliços
 misturados,
 de ancas, de patas, de dorsos
 e de chifres,
 vai entrando engarrafado
 na xiringa da contagem.

[...]

Manelão canta sozinho.
 Manelão canta baixinho.
 Moda de mulher.
 ...Dola...Xandrina..
 ... o chamado obscuro,
 sexual.
 Pontual o comissário tira um
 caderninho.
 Faz contas, concentrado.
 Acerta o pouso.
 Nhecolândia... Andradina...

“...aperta não.” “Segura...”
 “Frouxa...”
 “Dez, vinte, trinta,,
 cinquenta,
 Trezentos, quatrocentos,
 Quinhentos...”

[...]

Na passagem do carandazal,
 A boiada parada,
 Deitada,
 Muge, nhaca, baba, lambe
 os cascos
 _ Pegou febre.

[...]

A boiada se alarga
 Rumo da aguada.
 “_ Aguada boa é o que
 vale.”
 Marcha, marcha batida,
 Calculada
 Pela s'tância dos pousos
 espalhados.

Pantanal...

Fundão de Mato Grosso.
 Andradina: porta de São
 Paulo.

[..]

A boiada, cansada,
 Esmorecida,

Boi pantaneiro, miúdo,
 desmerecido.
 Pequeno, soberbio, crioulo
 legitimado.
 Não aceita mestiçagem
 Nem cruza com zebu,
 Nelore ou guzerá.
 Recobra. Ganha peso.
 Demuda nos bons pastos.

O poema “Pouso de boiadas” compõe a obra *Poemas dos becos de Goiás*, escrita em 1965, quando Cora Coralina completara 70 anos de idade. Foi a primeira obra prima literária da autora. Nela, a poetisa, ao contar histórias sobre o cotidiano da cidade, “ revisita poética e freudianamente a infância triste e cheia de privações da menina mal amada Aninha” (FIUZA, 2021). Dentre as memórias da infância, Cora traz as narrativas das viagens e pousos das boiadas.

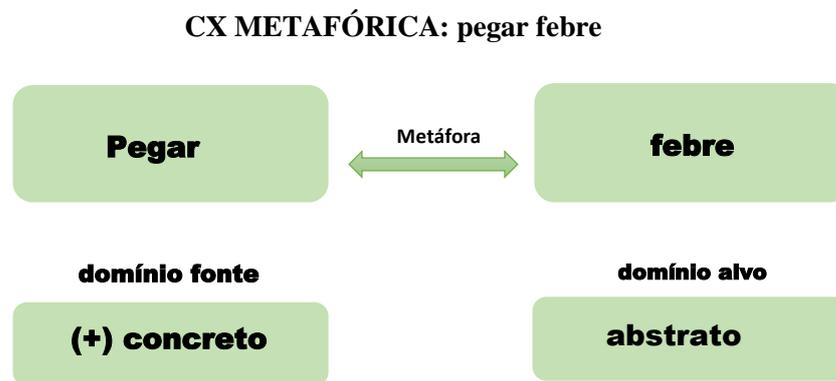
Cabe lembrar que o sertanejo goiano tem hábitos peculiares, relacionados diretamente a seu modo vida. Um deles é o manejo do gado, como já elucidado na subseção 3.1, já que, com a queda da produção aurífera, no início do século XIX, a região goiana começou a investir na pecuária e se destaca nessa economia até a atualidade.

Dessa maneira, “Pouso de boiada” imprime reflexos da trajetória social que guiam de modo significativo o fazer literário da poetisa. Longos anos na fazenda Paraíso conceberam à Cora Coralina vivências idílicas e que, por meio de um processo criativo, se constituíram em retratos da paisagem cultural de Goiás.

A voz poética que enuncia no poema em análise descreve, a modo parnasiano, o momento em que uma boiada chega na fazenda para descansar. Inicialmente, acontece a contagem e a descrição metonímica dos animais: “um mar de rebuliços misturados, de ancas, de patas, de dorsos e de chifres” (CORA CORALINA, 2013a, p. 140). Depois, sonda-se o número de animais estropiados, feridos, machucados..., arma-se acampamento e planeja-se o próximo pouso. Segue, então, a viagem e no caminho a boiada “*pega febre*”, ocorrência (19):

(19) Na passagem do carandazal, /A boiada parada, /Deitada, /Muge, nhaca, baba,
lambe os cascos/_**Pegou febre** (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso).

Na cultura goiana, o sertanejo segura o gado, agarra o gado, literalmente. Portanto, essas acepções representam o sentido pleno prototípico do verbo *pegar*, nesta pesquisa. Como verbo pleno, *pegar* tem uma natureza mais concreta e é considerado o domínio fonte. Dele, emerge a expressão metafórica “pegou febre”. Esse processo pode ser representado seguindo o mesmo esquema da metáfora Vida é guerra (Figura 11), como se mostra na Figura 19.

Figura 19 - Esquema da metáfora *Pegar febre*

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, já que *pegar* é uma ação rotineira na vida do falante goiano, é natural que tal prática se materialize na língua e que, pelo princípio da analogia, novos usos com esse verbo sejam criados e arquivados na memória enriquecida, sendo, utilizados para designar atividades que fogem do domínio semântico prototípico.

Pelo princípio da prototipia, esses esquemas acessados na memória podem pertencer a diferentes categorias e compartilhar traços em comum. No caso da microconstrução *pegar febre*, o traço comum à plena é o traço corporal: um corpo está febril (doente), isto é, a ação realiza-se diretamente no corpo.

O construto “pegou febre” é uma expressão metafórica, abstrata e não composicional, visto que a leitura do todo não recupera o significado individual dos elementos que o compõem. Neste, o verbo é desbotado semanticamente e, em conjunto com o SN febre, passa a designar uma doença. Nesse processo de aglutinação do verbo e do sintagma nominal, de acordo com Gonçalves *et. al.* (2007), o sintagma nominal também é modificado, sofre decatorização, ou seja, muda de classe gramatical e passa a ser o centro da significação na construção-suporte. Neste novo arquétipo construcional, [V_{pegar}SN_{febre}], o verbo e o sintagma nominal são analisados como um bloco significativo, constituindo, portanto, uma construção-suporte (NEVES, 2011).

Já como expressão metafórica, o significado de uma construção-suporte é analisado de acordo com o contexto de uso, de tal modo, abarca características culturais. Dessa maneira, com já elucidado ao longo da pesquisa, língua e cultura são intrinsecamente ligados.

Na cultura goiana, a microconstrução “pegar febre”, referindo-se a uma doença, na verdade, representa um estado febril, que é característico de alguma enfermidade. Os falantes goianos não sabendo especificar qual é a doença, usa o sintoma febril como uma referência

generalizada a mesma. Assim, concebida a partir da contribuição do sentido pleno do verbo *pegar*, a ocorrência (19), *pegar febre*, representa o domínio alvo.

Medicinalmente, a febre trata-se do aumento temporário da temperatura corporal média de 37 °C. Desse modo, tanto a acepção do verbo quanto o sintagma nominal que o agrupa apresentam uma relação com o corpo e, considerando as características do contexto cultural de uso, comprovam a hipótese de que um dos fatores que impulsiona a expansão das construções plenas para suporte é o traço semântico de aproximação corporal. Ademais, confirmam também a contribuição do sentido das construções plenas para o de suporte, por conseguinte, o estudo da rede de herança é tão caro para este estudo.

Pelo viés de Cora Coralina, tudo que compõe o cotidiano do povo goiano transfigura-se em poesia. Além das ruas, dos becos e do Rio, as vivências dos moradores também serviram de inspiração para causos e contos poéticos, como podemos observar no conto “Lampião da Rua do Fogo”. Neste conto, os usos construcionais com o verbo *tomar* mostram-se altamente produtivos. Para compreender o contexto em que tais construções aparecem, é necessário analisar o projeto narratológico do conto. Antes disso, aludiremos, mais uma vez, a um momento da história de Goiás.

A Cidade de Goiás nasceu no período aurífero (séc. XVIII). Inicialmente foi arrayal, contudo, por sua importância econômica para a Coroa Portuguesa, foi elevado à categoria de vila, em meados de 1750, denominada de Vila Boa de Goiás. Sendo assim, a Cidade de Goiás não foi planejada, ou seja, a infraestrutura básica - água, iluminação, etc. - foi implantada à medida que a Vila crescia. Por isso, a presença dos chafarizes, compondo a paisagem das principais praças da cidade, e dos postes de iluminação, ou melhor, lampiões, em lugares pouco estratégicos. Como na cidade tudo conta história, um desses lampiões mal posicionado tornou-se tema de uma das narrativas poéticas de Cora Coralina, na obra *Estórias da Casa Velha da Ponte* (2013c), escrita em 1985. Nela, a Casa Velha da Ponte, casa onde nascera a poetisa, fonte inesgotável de lembranças, é humanizada e recupera a história da poetisa e dos moradores de Goiás. A obra abarca o conto “Lampião da Rua do Fogo”, como se observa:

Ali, naquele velho canto onde a Rua de Joaquim Rodrigues faz um recanteio, morava Seu Maia, casado com Dona Placidina, numa casa de beirais, janelas virgens da profanação das tintas, porta da rua e porta do meio. Portão do quintal, abrindo no velho cais do Rio Vermelho. Isso, há muito tempo, antes da rua passar a 13 de Maio e da casa ser fantasiada de platibanda.

Seu Maia era muito conhecido em Goiás e era porteiro da Intendência. Boa pessoa. Serviçal, amigo de todo mundo e companheiro de boas farras. Gostava de uma pinguinha em doses dobradas, dessas antigas que pegavam fogo. Então, se misturava vinho, conhaque e aniseta; só voltava para casa carregado pelos companheiros, que o entregavam aos cuidados da mulher.

Esta, acostumada, embora com a sina ruim, como dizia, não poupava a descalçadeira quando recebia o marido naquele fogo, arrastando a língua, de pernas moles, isto quando não virava valente, quebrando pratos e panelas e disposto a lhe chegar a peia.

Dona Placidina era muito prática, nessas e noutras coisas... Ajeitava logo um café amargo, misturado com frutinhas de jurubeba torrada, que o marido engolia careteando e o empurrava para a rede, onde roncava até pela manhã ou se agitava e falava a noite inteira.

— Coitada de Dona Placidina, comentavam as amigas. Seu Maia é um santo homem sem esse diabo da pinga.

E ensinavam remédios, simpatias, resposos, rezas fortes. Simpatia que dera certo em outros casos, era nada para ele. Remédios? Inofensivos como a água do pote. Os próprios santos se faziam desentendidos dos resposos, velas acesas e jaculatórias recitadas.

Dona Placidina, cansada daquele marido incorrigível, acabou botando o coração ao largo, embora achasse, no íntimo, que melhor seria uma boa hora de morte para ela... ou antes, para o marido, esta parte no subconsciente.

Naquele dia, como a dose da boa fosse mais pesada, Seu Maia, que já vinha se ressentindo do fígado com passamentos e vista escura, se achou pior.

Os amigos o trouxeram para casa mais cedo. Tiveram mesmo de o levar para a cama e o meter entre as cobertas. De nada valeu a chazada caseira.

No dia seguinte, chamaram Seu Foggia que diagnosticou empanchamento e doença do coração. Receitou um purgativo e uma poção. Seu Maia piorou. Dona Placidina se desdobrou em cuidados especiais. Esqueceu o defeito do marido, as desavenças, os pratos quebrados e passou a sentir, antecipadamente, os percalços da viuvez.

Os amigos não arredaram. Faz-se a conferência médica das vizinhas prestativas. Escalda-pés, benzimentos, sinapismo, nada deu jeito. Nem valeu promessa de muito boa cera ao senhor São Sebastião. Seu Maia morreu.

Os companheiros tomaram conta do morto. Levaram o corpo. Vestiram-lhe o fato preto de sarjão, que tinha sido do casamento. Calçaram meias, ajuntaram-lhe as mãos no peito. Pream as pernas e passaram um lençã branco, bem apertado, no queixo. Chamaram um canapé, largo de palhinha, para o meio da sala, deitaram o cadáver, cobriram com um lençol. Cuidou-se do pucarinho de água benta, com seu ramo de alecrim. Acenderam-se as quatro velas e, nos pés do morto, botou-se um caco de telha com brasa e grãos de incenso. Era assim que se arrumava defunto em Goiás, antigamente.

Os amigos foram chegando, tomando posição e começou o velório. Dona Placidina, entregue aos cuidados das amigas, mal escapava de uma vertigem, caía noutra. [...] No dia seguinte, veio o caixão com tampa solta, como de costume. Agasalharam ali o defunto. Chegaram mais amigos e mais comadres. Dona Placidina louvava as virtudes conjugais do finado, em crises nervosas de choro seco — sem lágrimas, o choro mais difícil que existe.

Pelas duas horas, começou a fazer vento de chuva e um trovão surdo se ouviu ao lado da Santa Bárbara. Como o caixão teria mesmo de ser carregado na força dos braços, os amigos resolveram apressar o saimento, antes que o tempo enfarruscado se decidisse em água. Vento da Santa Bárbara é chuva certa no São Miguel. E enterro debaixo de chuva era a coisa mais estragada que podia acontecer em Goiás. [...] Os sinos das igrejas, todas, dobrando a lamentação de finados. Pela intenção do morto, cada amigo mandava dar um sinal nas igrejas, quanto quisesse. Ainda que os sinos tocam como a gente quer, alegres ou soturnos.

Os sineiros sempre tiveram esmero especial para anjinho ou defunto. Essas duas palavras, em Goiás, delimitavam as circunstâncias da idade, sem mais explicações. Anjinho era criança mesma ou moça virgem e, defunto, gente pecadora. [...]

Na frente, um popular, afeito àquele préstimo, carregava a tampa que só ia ser colocada na beira da cova. [...]

Na esquina da Rua do Fogo com a Rua da Abadia, existiu, durante muito tempo, um poste de lampião antigo, saliente, fora de linha, puxando mesmo para o

meio da rua. Era um tropeço. Coisa embaraçosa. Não foram poucos os esbarros, cabeçadas, encontrões verificados ali.

Enterros que subiam, já de longe, começavam a torcer à direita para se desviar do lampião, que não tinha outra consequência senão atrapalhar. Naquele dia, com a aflição da chuva que vinha perto e com o peso do caixão que era demais, ninguém se lembrou do poste. Foi quando o compadre Mendanha, que ia na alça dianteira pela esquerda, pisou de mau jeito num calhau roliço, falseou o pé, fraquejou a perna e... bumba! Lá se foi o caixão bater com toda força no lampião.

Com a violência do baque, o defunto abriu os olhos, desarrumou as mãos e fez força de levantar o corpo. [...]

Encontraram Seu Maia de pé, muito amarelo, escorado no poste, com tremuras pelo corpo e olhando, com desânimo o caixão vazio. Reconheceram, então, que o mesmo estava vivo e que era preciso voltar com ele para casa. Guardaram o caixão inútil na igreja da Abadia e desceram a rua, amparando o ex-morto.

Todas as janelas, agora, com gente assombrada ante aquele caso novo na cidade. A meninada na frente, gritava:

— Evém o defunto...

[...]

Um portador foi na frente avisar Dona Placidina, daquela ressurreição e conseqüente retorno, ao que ela só teve expressão sintomática:

— Seja pelo amor de Deus.

[...]

A providência tinha sido o lampião do meio da rua, senão teria sido mesmo enterrado vivo.

[...]

Dona Placidina, no entanto, já havia, no seu foro íntimo, aceitado a idéia da viuvez e aquela volta inesperada do marido vivo não melhorou de muito os pontos de vista da ex-viúva.

Alguns meses depois, Seu Maia adoecia gravemente. Vieram os amigos da primeira viagem. Apareceram as clássicas e inefáveis comadres. Deram-se os remédios. Da botica e extrabotica. Foi bem purgado e lhe aplicaram ventosas e sinapismos. Nada serviu. Seu Maia morreu.

[...]

Espalhado pelas ruas, o acompanhamento, só de homens. Agrupada com seus instrumentos enlaçados de crepes, a banda do funeral. Arrumado o cortejo, Dona Placidina botou o corpo fora da porta e chamou alto:

— Compadre Mendanha... Escuta, compadre, cuidado com o lampião da Rua do Fogo, viu... Não vá acontecer como da outra vez.

(CORA CORALINA, 2013c, p. 63).

A narrativa conta a história de um casal, seu Maia e Dona Placidina, que moravam numa rua da cidade em que o quintal chegava até o cais do Rio Vermelho.

Seu Maia era o típico cidadão vilaboense: “Boa pessoa. Seviçal, amigo de todo mundo e companheiro de boas farras. [Mas], gostava de uma pinquinha em doses dobradas, dessas antigas que pegavam fogo” (CORA CORALINA, 2013c, p. 63). Dona Placina era a esposa complacente, cuidadosa com o marido. Para todos os males fazia remédio. Por causa do vício, um dia Seu Maia adoeceu. Mesmo sendo cuidado pela esposa e por amigos, não resistiu, faleceu. A partir desse ponto da narrativa, se apresenta um sequência de usos de contruções-suporte com o verbo *tomar*, como se observa nas ocorrências (20), (21), (22) e (23):

(20) Os amigos não arredaram. Faz-se a conferência médica das vizinhas prestativas. Escalda-pés, benzimentos, sinapismo, nada deu jeito. Nem valeu promessa de muito boa cera ao Senhor São Sebastião. Seu Maia morreu. Os companheiros **tomaram conta** [do morto]. Levaram o corpo (CORA CORALINA, 2013c, p. 54, grifo nosso).

(21) Os amigos foram chegando, **tomando posição** e começou o velório. Dona Placidina, entregue aos cuidados das amigas, mal escapava de uma vertigem, caía noutra. Afinal, à força de chás de arruda, de casca de toma e de Água Florida de Murray, voltou a si (CORA CORALINA, 2013c, p. 55, grifo nosso).

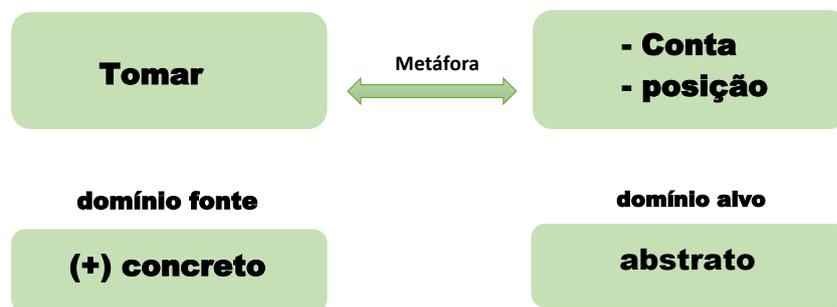
(22) Não queria deixar sair Seu Maia, coitado... As amigas com chazadas de alecrim. Os amigos **tomaram conta** [das alçadas] e ganharam a rua. Entraram na outra, que era Direita, naquele tempo. Passaram a ponte da Lapa, subiram e entraram no Rosário para encomendação do corpo (CORA CORALINA, 2013c, p. 56, grifo nosso).

(23) A viúva chorou, mais ou menos conformada com aquela segunda via. O compadre Mendanha **tomou conta** [de trocar as velas] que iam se consumindo, de regar o pucarinho de água benta com seu raminho de alecrim (CORA CORALINA, 2013c, p. 60, grifo nosso).

Estudos realizados por Oliveira (2018), acerca do verbo *tomar* no *corpus* Fala Goiana, comprovam diferentes usos com esse verbo no contexto goiano, assim como verificamos nas ocorrências (20), (21), (22) e (23). Apesar de terem estruturas iguais e surgirem a partir do mesmo domínio-fonte, esses usos têm significados distintos. Para entendimento do processo de abstratização do verbo nessas ocorrências também é possível aplicar o esquema apresentado na Figura 11 (página 64). Vejamos a aplicação do esquema na Figura 20:

Figura 20 - Esquema das metáforas *tomar conta* e *tomar posição*

CX METAFÓRICA: tomar conta e tomar posição



Fonte: Elaborado pela autora.

Para compreender cada um dos significados dos construtos com o verbo *tomar*, é essencial considerar o projeto poético da autora em “Lampião da Rua do Fogo”.

Em (20), “tomaram conta [do morto]” significa cuidar do corpo do falecido, zelar de um corpo para ser velado, ou seja, um corpo se presta a cuidar de outro corpo. Nessa ocorrência, a aproximação corporal é altamental física, o falecido terá o corpo bem vestido, preparado para

o enterro. Já em (21), “tomar posição”, significa posicionar-se frente à cerimônia fúnebre em honra ao amigo antes do sepultamento. Neste construto, o próprio corpo é levado a movimentar-se e assumir uma posição, considerando os costumes de um velório. A ocorrência (22), “tomaram conta [das alçadas]”, significa pegar as alças do caixão, ou mesmo carregar o caixão; e em (23), “tomaram conta [de trocar as velas], o sentido é de responsabilizar-se para que as velas se mantessem acesas.

É importante lembrar que o verbo *tomar* nos construtos em (20), (21), (22) e (23) é considerado suporte, não somente por compor um todo dotado de significado, mas pelo fato de sozinho não dar conta de corresponder a cada um dos diferentes significados propostos no projeto poético de Cora.

Assumindo a inerência de sua versatilidade, as microconstruções-suporte com o verbo *tomar* em “Lampião da Rua do Fogo” podem ser substituídas por verbos plenos. Em (20) podemos substituí-la por *cuidar*, em (21) por *posicionar-se*, em (22) por *pegar* e em (23) por *responsabilizar-se*. Além disso, “é possível notar que parte dos verbos plenos que substituem as perífrases com o verbo *tomar* têm a característica de serem utilizados com o verbo reflexivo” (OLIVEIRA, 2018, p. 115). Uma das hipóteses para a motivação do verbo reflexivo é, também, uma questão de economia linguística.

Portanto, comprovando, novamente, a hipótese levantada para a expansão categorial dos verbos estudados nesta pesquisa, na narrativa “Lampião da Rua do Fogo”, para participar da cerimônia fúnebre de Seu Maia, é necessário, literalmente, aproximar-se do corpo: fazer-se de corpo presente, cuidar/zelar, carregar, responsabilizar-se senão pelo corpo, por algo relacionado a ele, seguindo um ritual, um costume goiano. Também são costumeiras as atividades que se seguiram após a velório na narrativa.

Retomando-a, próximo ao enterro, “começou a fazer vento de chuva” e foi preciso apressar a despedida. Como de costume na Cidade de Goiás, os sinos das igrejas badalaram, lastimando a perda do defunto.

Nessa época, os caixões eram carregados sem tampa, que só era colocada no sepultamento, à beira da cova. Nesse contexto, então, surge a motivação para o título da estória:

Na esquisa da Rua do Fogo com a Rua da Abadia, existiu durante muito tempo, um poste de lampião antigo, saliente, fora de linha, puxando mesmo para o meio da rua. Era um tropeço. Coisa embaraçosa. Não foram poucos os esbarros, cabeçadas, encontrões verificados ali. Enterros lá de longe, começavam a torcer à direita para se desviar do lampião, que não tinha outra consequência senão atrapalhar (CORA CORALINA, 2013c, p. 67).

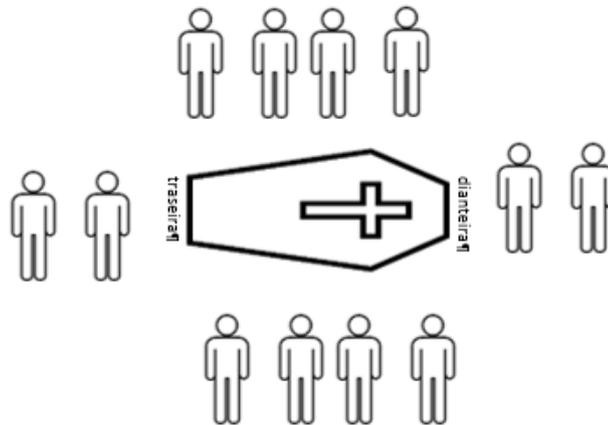
Tal lampião atrapalhou mesmo o compadre Mendanha, que carregava o caixão, ele tropeçou e deixou o caixão cair abruptamente. Com a força da queda, o defunto despertou, levantou-se e voltou para casa. Toda a cidade ficou espantada e as pessoas “linguarudas” trataram de espalhar a notícia. Na verdade, ele tinha catalepsia. Depois disso, seu Maia ainda viveu mais um tempo e quando morreu realmente, a esposa alertou: “Compadre Mendanha... Escuta, compadre, cuidado com o lampião da Rua do Fogo, viu... Não vá acontecer como da outra vez...”. Essa narrativa, escrita poeticamente por Cora Coralina, ganha cada dia mais popularidade e nuances na cidade e no mundo, sendo contada e recontada por meio de diferentes gêneros, como a anedota e a piada.

Historicamente, o ritual de velar um falecido data da Idade Média e diferencia-se de acordo com cada cultura. Na Cidade de Goiás, as “chazadas”, o cuidado dos amigos com o corpo e os sinos badalarem ainda é muito comum. Dessa maneira, devido ao costume de usar a CX_{tomar}, motivada por diferentes experiências em que se tem relevância o corpo, emergem microconstruções como em (20), (21), (22) e (23), o que comprova que “o falante ao se expressar por meio de construções linguísticas demonstra como concebe o mundo por intermédio de conceptualizações mentais de significado” (FLORES, 2020, p. 103).

Como já mencionado, muitas construções surgem a partir de um mesmo conceito, ou seja, de um mesmo domínio semântico e estabelecem *links* na rede cognitiva. Outrossim, de acordo com a criatividade, transferem esses significados para outros domínios, que também passam a assumir significados diferentes em contextos distintos.

Também explicitamos, no item 3.2, que os domínios semânticos representam ações humanas e eventos básicos. Em vista disso, relacionam-se vivências corpóreas, de movimento, tempo, espaço, quantidade, qualidade, saúde, entre outros. De acordo com a necessidade comunicativa do falante, por vezes, esses domínios transferem significados para outros domínios. Nesta pesquisa, os verbos estudados têm como traço comum pertencerem ao domínio de aproximação corporal, mas, analisando o projeto narratológico da poetisa, é possível observar transferências entre diferentes domínios cognitivos, como se verifica em (21) “tomar posição” e em (18) “pegar dianteira”, representadas na Figura 21.

Figura 21 - Representação de [Vtomar SNposição]

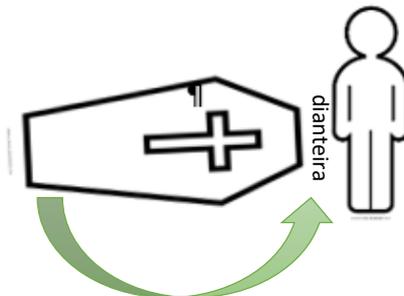


Fonte: Elaborado pela autora.

No velório do Seu Maia, as pessoas chegaram e se movimentaram a fim de encontrar um lugar/uma posição no espaço. A relação também é espacial, pois um corpo movimenta-se em um espaço.

A mesma ideia de movimento também é reconhecida na microconstrução “Pegar dianteira”, Figura 22.

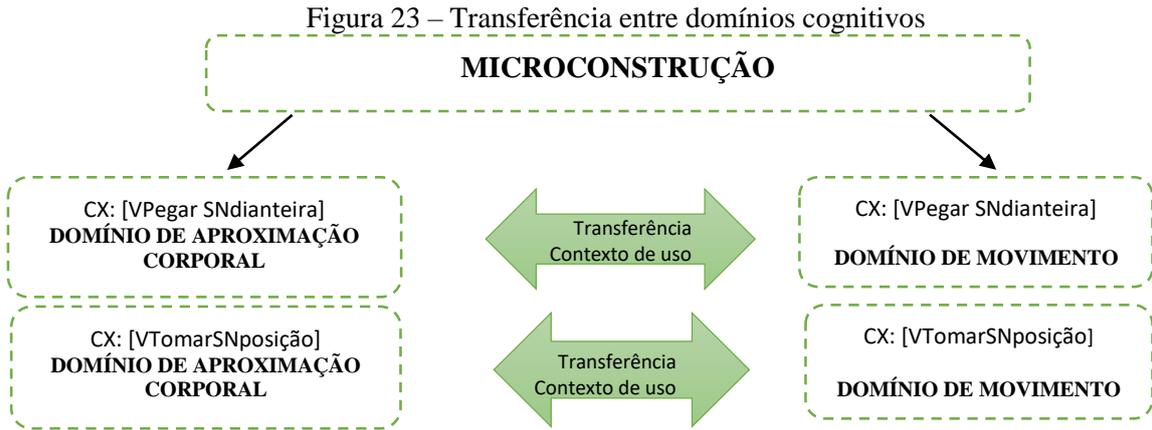
Figura 22 - Representação de [Vpegar SNdianteira]



Fonte: Elaborado pela autora.

Para explicação do significado dessa microconstrução, tomemos como empréstimo o projeto narratológico do conto “Lampião da Rua do Fogo”. Na cerimônia fúnebre, a referência espacial é o caixão. Se o corpo se movimenta para a frente dele, “pega a dianteira”, como representado na Figura 22.

Além disso, como elucidado ao longo da pesquisa, seja na categoria plena, seja na categoria suporte, as construções com os verbos *pegar* e *tomar* têm o traço de aproximação corporal, portanto, mesmo transferindo significados para outros domínios, esse traço será mantido, como podemos verificar no esquema apresentado na Figura 23.

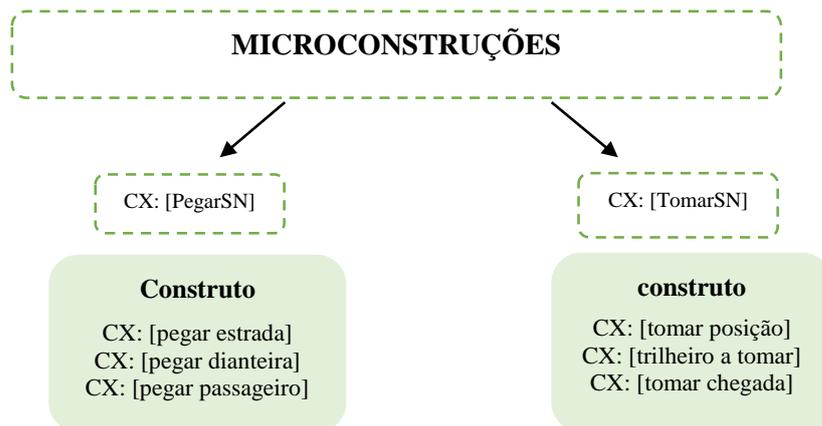


Fonte: Elaborado pela autora.

As setas duplas no esquema representado na Figura 23 indicam um compartilhamento entre os domínios de aproximação corporal e de movimento. Outra vez, ressaltamos que para a compreensão das microconstruções que compartilham características de domínios diferentes, é imprescindível considerar o contexto de uso, uma vez que, cada significado delas é conceptualizado de acordo com a necessidade de comunicação do falante e, nesse processo, mesmo que um construto tenha a mesma base, poderá ter sentidos diferentes.

Microconstruções com significados atribuídos ao conceito de movimento mostraram-se muito produtivas nos *corpora* pesquisados. A Figura 24 apresenta uma relação de algumas delas:

Figura 24 - Microconstruções atribuídas ao domínio de movimento



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

A construção-suporte é um uso abstratizado, no entanto, existem diferentes graus de abstratização, ou seja, uma construção-suporte pode ser [+abstrata], [+/-abstrata] ou [- abstrata]. Conseqüentemente, é possível classificar também o grau de metafórico.

As microconstruções apresentadas na Figura 24 são [+/-abstratas] e [+/-metafóricas]. Nelas, o significado da microconstrução denota um corpo que:

- Movimenta-se numa trajetória – [pegar estrada]
- Movimenta-se adiante em relação a um ponto no espaço – [pegar dianteira]
- Movimenta-se ao ser transportado – [pegar passageiro]
- Movimenta-se a fim de assumir um lugar no espaço – [tomar posição]
- Movimenta-se numa trajetória determinada – [o trilheiro a tomar]
- Movimenta-se numa trajetória física de aproximação – [tomar chegada]

É possível perceber que a abstratização recai mais sobre os sintagmas nominais. Além disso, a ação é espacial e física, consequentemente, [+/-abstrata] e [+/-metafórica].

O Quadro 07 apresenta exemplos de construções com os verbos *pegar* e *tomar* com diferentes graus de abstratização:

Quadro 07 - Graus de abstratização e metaforização das construções CX: VSN

CX: VpegarSN

Evento Comunicativo no <i>corpus</i> de Cora Coralina	Significado e nível de abstratização e metaforização
(01) Seu Maia era muito conhecido em Goiás e era porteiro da intendência. Boa pessoa. Serviçal, amigo de todo mundo e companheiro de boas farras. Gostava de uma pinguinha em doses dobradas, dessas antigas que pegavam fogo . Então, se misturava vinho, conhaque e aniseta; só voltava para casa carregado pelos companheiros, que o entregavam aos cuidados da mulher (2013c, p. 63, grifo nosso).	Fogear - Sensação de queimor [+abstrata] [+metafórica]
(02) Ninguém sabia porque. Ela tinha pegado nome de gente, acrescido mais de dona. Ela Dona Otília. Até os trabalhadores que iam ao quarto dos arreios buscar qualquer pedaço de corda, velhas ferramentas, achavam graça nela (2013b, p. 52, grifo nosso).	Nomear (Receber um nome) [+/-abstrata] [+/-metafórica]
(03) Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o braço no ombro e segredava: “Não brinca com Aninha não. Ela tem [Cieiro] e pega na gente.” Eu ia atrás, batida, enxotada (2013b, p. 90, grifo nosso).	Adoecer (Doença – Cieiro) [-abstrata] [-metafórica]

CX: VtomarSN

(04) Por dá-cá-aquela-palha, ralhos e beliscão. Palmatória e chineladas não faltavam. Quando não, sentada no canto de castigo fazendo trancinhas, amarrando abrolhos. “ Tomando propósito ”. Expressão muito corrente e pedagógica (2013a, p. 24, grifo nosso).	Objetivar [+abstrata] [+metafórica]
(05) Ninguém sabia nada ao certo, mas assim mesmo é que sempre se fez a história dos homens. Os repórteres do boato tomaram conta do assunto e o jornal falado das esquinas, com suplemento diário, passou a ter várias edições (2013c, p. 89, grifo nosso).	Informar [+abstrata] [+metafórica]
(06) A velha matriarca, meu avô, tio Jacinto, nós todas, tomávamos configurações fantásticas naquele incensatório ritual e rústico. Meu avô dizia que aquela fumaceira que se esvaia lentamente pelos telhados e frestas, desinfetava os miasmas e era a saúde da casa (2013b, p. 45, grifo nosso).	Configurar-se [+/-abstrata] [+/-metafórica]

(07) Tomando [o café da hospitalidade sertaneja], voltaram às suas montanhas. _ Caçadores de onça...Suas trelas ansiosas, vivas, saltitantes, alçadas, sentindo e pressentindo a caça em todos os cheiros novos da terra, dos ares e das matas (2013a, p. 146, grifo nosso).	Desjejuar [-abstrata] [-metafórica]
(08) A famigerada “porta do meio”, que preserva o interior, abre para a peça que em Goiás chamam varanda, em regra a mais ampla da construção, onde a família se reúne, recebe, trabalha, conversa e toma [refeições]. Portas abertas. O turista vai entrando como em terra de ninguém (2013b, p. 128, grifo nosso).	Alimentar-se [-abstrata] [-metafórica]

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

O Quadro 07 foi organizado em cores degradê com o intuito de demonstrar o processo decrescente de abstratização. Quanto mais escura a cor indicada na tabela, menos abstrata e metafórica é a construção. Para análise do grau de abstratização e de metaforização das construções-suporte elencadas no Quadro 07, foram criadas três categorias, como se mostra no Quadro 08.

Quadro 08 - Categorias para análise da abstratização e da metaforização das construções-suporte com os verbos *pegar* e *tomar*

CATEGORIAS DE ANÁLISE DE ABSTRATIZAÇÃO E METAFORIZAÇÃO	
[+ abstratizado] e [+ metafórico]	Quando na construção VSN, os dois elementos são abstratizados.
[+/- abstratizado] e [+/- metafórico]	Quando na construção VSN, apenas um dos elementos são abstratizados. Normalmente, essa abstratização recai sobre o SN.
[- abstratizado] e [- metafórico]	Quando na construção VSN, mesmo um dos elementos sofrendo abstratização, o todo significativo mantém uma forte semelhança com a acepção prototípica plena do verbo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisemos a microconstrução (01) indicada no Quadro 07, *pegavam fogo*. No evento comunicativo, Seu Maia gostava de uma pinguinha que *pegava fogo*. O significado da microconstrução *pegar fogo* nesse contexto é de queimar, mas não queimar no sentido literal, mas no sentido de “arder”. Considerando que a pinga é forte, eleva a temperatura do corpo. Nessa microconstrução, tanto o verbo como o sintagma nominal são abstratizados e assumem sentido totalmente metafóricos. O mesmo processo de abstratização e metaforização acontecem na ocorrência (04), *tomar propósito*, e na ocorrência (05), *tomar conta*.

As microconstruções em (02), *pegar nome*, e em (06), *tomar configurações*, assim como as construções que indicam movimento, mostram-se [+/-abstratas], visto que apenas um dos

elementos da construção sofre abstratização, portanto, o grau de metaforização também é menor.

Nas ocorrências (03), (07) e (08), as microconstruções *pegar [cieiro]*, *tomar café*, *tomar refeições*, mesmo revelando um certo grau de abstratização, por apresentarem uma acepção muito próxima da acepção prototípica plena dos verbos, são classificadas como sendo [-abstratas] e [-metafóricas]. Quando se *pega cieiro*, o corpo é acometido de doença; quando se *toma café* e se *toma refeição*, o corpo recebe alimento.

As constatações acerca do grau de abstratização das construções com *pegar* e *tomar* em Cora Coralina contribuem para a identificação das características culturais do povo goiano. Nesse sentido, ressaltamos que é comum ouvir que o povo goiano é hospitaleiro, pois o turista que aqui chega “toma o café” da hospitalidade, “toma refeições”, como se fosse alguém da família. E por que não tomar uma pinguinha dessa que “pega fogo”? Além disso, a proximidade possibilita que todos “tomem conta” da vida de todos... São essas vivências (e outras) e os costumes do povo goiano que engendram a língua e a cultura. Tal constatação é confirmada analisando os dados investigados pelo Grupo de Pesquisa da UFG, Fala Goiana.

As pessoas entrevistadas pelo FG na Cidade de Goiás cursaram o Ensino Fundamental completo e incompleto e falaram sobre temas do cotidiano, por isso, talvez a recorrência de construções com esses verbos, visto que eles exprimem ações básicas e rotineiras. As pesquisas realizadas por Silva (2016) do verbo *pegar* e por Oliveira (2018) concernente ao verbo *tomar* sustentam tal hipótese.

Nas pesquisas de Oliveira (2018), é possível verificar uma recorrência de usos construcionais em que o sintagma nominal tem o sentido de ingerir, (tomar+SNingerível), como se pode observar em:

Mais passô:::... cabô o susto... **tomei uma água** ((risos)) (Feminino, 28 anos, grifo nosso).
 Falei irmã Regina eu num guento mais do jeito que tá minha vida num tem como... e meu esposo bibia e minha [...] **toma remédio** pra dormi... remédio controlado né? não pode passá da ora de durmi... (Feminino, 33 anos, grifo nosso).
 (OLIVEIRA, 2018, p. 99).

Segundo Oliveira (2018, p. 99), nessas construções “mesmo que troquemos o objeto do verbo por outro de mesmo campo semântico, ou campo semântico similar, o verbo não sofre alteração semântica”. Essa característica também justifica o porquê de afirmamos que as construções (07) e (08) do Quadro 07 serem [-abstratas] e [-metafóricas]. Ainda de acordo com Oliveira (2018), essas construções estão passando por um processo de abstratização, por esse motivo, ainda não existe uma construção plena que seja intercambiável pelas mesmas.

Outra evidência no que diz respeito ao grau de abstratização das [CX: VSN] no Fala Goiana é a influência cultural. O povo goiano tem como herança a habilidade de lidar com a terra, com o gado, prezam pela tradição familiar e por valores humanos relacionados ao cuidado com o outro. Logo, ao analisarmos as construções com *pegar* e *tomar* em Cora Coralina, temos acesso a uma gramática do povo goiano que é, de alguma maneira, geral. Considerando os *tokens* encontrados, seguindo o padrão de Traugott e Trousdale (2013) a respeito da constituição de um esquema, é possível criar uma rede de construções com esses verbos que espelham vivências características da população goiana, como observamos na Figura 25:

Figura 25 – Rede esquemática das construções metafóricas com os verbos *pegar* e *tomar* mais recorrentes no contexto goiano

Esquema - Rede esquemática das construções metafóricas com os verbos <i>pegar</i> e <i>tomar</i> mais recorrentes no contexto goiano		
Subesquema 1 (+) abstrato (+) metafórico	Subesquema 2 (+/-) abstrato (+/-) metafórico	Subesquema 3 (-) abstrato (-) metafórico
Micro: VpegarSN		
(pegar +SNsentimento)	(pegar+SNtrajetória)	(pegar+SNenfermidade)
Pegar amizade	Pegar estrada	Pegar febre
CX: VtomarSN		
(tomar+SNpedagogia/educação)	(tomar+SNtrajetória)	(tomar+SNingerível),
Tomar propósito	Tomar chegada	Tomar café
Referência à sentimento e educação/pedagogia	Referência espacial e de movimento	Referência à enfermidade e hospitalidade
O povo goiano é hospitaleiro. Nesse processo, facilmente, pega amizade. As pessoas mais jovens seguem os ensinamentos dos mais velhos, que empenhados em educá-las, chama sempre a tomar propósito.	O povo goiano é trabalhador. A trajetória percorrida nas fazendas, guiando o gado, cuidando da terra, fez os viajantes: Pegar estrada, Tomar chegada.	O povo goiano é acolhedor e demonstram isso convidando para: Tomar café Toma refeição Tão forte o acolhimento, a aproximação corporal, que até as doenças são pegadas: pega-se febre, pega cieiro.

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

A rede apresentada na Figura 25 confirma o pressuposto de Kövecses (2009): de que a língua é da mente, mas também é social.

Além das construções-suporte, encontramos nos *corpora* analisados outro uso inovador e ainda mais abstrato e metafórico com o verbo *tomar*. A microconstrução *tomar a bênção*. Mesmo não sendo o enfoque desta pesquisa, nos dedicaremos a analisá-la a fim de clarificar a compreensão concernente ao processo de abstratização e metáfora. Para isso, analisaremos o projeto narratológico do poema “Rio Vermelho”.

RIO VERMELHO

Longe do Rio Vermelho.
Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,
não sou nada, minha gente.

Sem rebuço, falo sim.
Publico para quem quiser.
Arrogante digo a todos.
Sou Paranaíba pra cá.
E isto chega pra mim.

Rio Vermelho das janelas da casa velha da
Ponte...

Rio que se afunda debaixo das pontes.
Que se reparte nas pedras.
Que se alarga nos remansos.
Esteira de lambaris.
Peixe cascudo nas locas.

Rio, vidraça do céu.
Das nuvens e das estrelas.
Tira retrato da Lua.

Da Lua quarto-crescente
Que mora detrás do morro.
Lua que veste a cidade de branco
E tece rendado de marafunda
Na sombra das cajazeiras.

Rio de águas velhas.
Roladas das enxurradas.
Crescidas das grandes chuvas.
Chovendo nas cabeceiras.
Rio da contagem das eras.

Rio – mestre de Química.
Na retorta das corredeiras,
Corrige canos, esgotos, bueiros,

Das casas, das ruas, dos becos
da minha terra.

Rio, santo milagroso.
Padroeiro que guarda e zela
a saúde da minha gente,
da minha antiga cidade largada.
Rio de lavadeiras lavando roupa.
De meninos lavando o corpo.
De potes se enchendo d'água.
E quem já ficou doente da água do rio?
Quem já teve ferida braba, febre malina,
pereba, sarna ou coceira?

Rio, meu pobre Jó...
Cumprindo sua dura sina.
Raspando sua lazeira
nos cacos dos seus monturos.
Rio, Jó que se alimpa,
pela graça de Deus, Virgem Santa Maria,
nas cheias de suas enchentes
que carregam seus monturos.

[...]

Rio Vermelho – meu rio.
Rio que atravessei um dia
(Altas horas. Mortas horas.).
há cem anos...
Em busca do meu destino.

Da janela da casa velha
Todo dia, de manhã,
Tomo a bênção do rio:
O “Rio Vermelho, meu avozinho,
Dá sua bença pra mim...”

(CORA CORALINA, 2013a, p. 79).

O “Rio Vermelho” é um poema narrativo-descritivo, composto por versos brancos e livres, características próprias da estética modernista. Nele, o Rio Vermelho, águas que cortam

a Cidade de Goiás (1918-1937), antiga capital do Estado, ganha características humanas para recuperar a infância vivida por Cora.

Nas duas primeiras estrofes, o Rio é uma referência espacial - partindo de uma visão micro, no caso, do Rio Vermelho, para uma visão macro, da Serra Dourada e da Cidade, a voz poética coralínea afirma não ser se reconhecer longe desses espaços.

A partir da terceira estrofe, a poetisa continua o processo descritivo do rio. Agora, fazendo referência ao curso da água: “repartir, se afundar, se alargar...”. Como entidade humanizada, o rio mostra-se um herói ao enfrentar desafios para continuar seu curso, sua sina e, também, sensível ao servir de esteira para lambaris e tirar retrato da lua. Talvez, tal sensibilidade provenha da experiência, sendo ele, como afirma a poetisa, um rio “do princípio do mundo”. A experiência ainda dá a ele o título de mestre da química, visto que “na retorta das corredeiras, corrige canos, esgostos...”. A postura heróica e a experiência o elevam à condição de “santo milagroso”, padroeiro que guarda e zela a saúde da cidade. Na condição de “santo”, é comparado a Jó, personagem bíblico, um homem íntegro e muito rico que viveu na antiguidade e passou por um tempo de grande sofrimento, sendo acusado de muitos pecados, mas ele continuou perseverante a Deus. Da mesma maneira, o Rio não abandona a população goiana. A partir de então, a voz poética de Cora cita as pontes que apreciam o rio: Ponte da Lapa, Ponte do Carmo, Ponte nova do Mercado...

Na penúltima estrofe, Cora, mais uma vez, faz referência ao tempo de existência do Rio e toma-o como uma entidade parental, determinante para o seu destino. Por isso, na última estrofe, a voz poética se refere ao Rio como avô e “toma a bênção” dele:

(24) Da janela da casa velha/ Todo dia, de manhã,/ **Tomo a bênção** do rio:/ “Rio Vermelho, meu avozinho, /Dá sua bênção pra mim...” (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso).

Nesse processo narratológico, traços da categoria “avô”, figura capaz de abençoar, de emitir proteção a um corpo, são expandidos para o rio, que torna-se avô. Na mesma estrofe, a poetisa faz uso de uma metaforização gramatical (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991) ao usar a construção *tomar a bênção*. Nessa microconstrução, o verbo *tomar* passa por um processo de abstratização semelhante ao do verbo suporte, ao migrar de sua função prototípica de “requerer a posse de algo”; sofre dessemantização; e, junto com o sintagma nominal “bênção”, passa a significar “ser abençoado”.

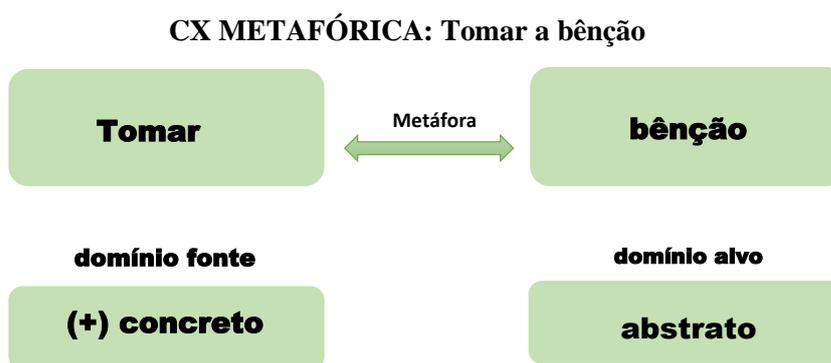
É comum encontramos a microconstrução “perder a bênção” na linguagem brasileira, no entanto, nas cidades interioranas, sobretudo, nas cidades goianas, o sentido correspondente

dessa microconstrução se dá com o verbo *tomar*. Essa microconstrução é também altamente abstrata e não composicional, no entanto, diferente das construções-suporte, visto que o sentido de suas partes é mais entricheirado, não sendo possível reconhecer uma intecambialidade com uma construção plena. Por essas características, *tomar a bênção* é classificada com uma construção cristalizada (NEVES, 2002).

Para compreender melhor o processo de abstratização do verbo *tomar* para a microconstrução metafórica “tomar a bênção” e como esse processo está ligado à cultura, novamente, faz-se válido remontar à informação de que a Cidade de Goiás surgiu durante o ciclo do ouro, a partir da exploração dos bandeirantes em busca de índios para o trabalho escravo e de metais preciosos. Para a captura dos índios, constituiu-se, estrategicamente, a presença dos jesuítas, representantes da Igreja Católica e, como herança jesuítica, cultivamos o hábito de *tomar a bênção*, que significa pedir a bênção. De acordo com o dicionário Houaiss Online¹⁸ (2020), *abençoar*, no seu sentido prototípico, significa “dar proteção, converter em algo benéfico, providenciar auxílio”. Assim, na microconstrução (21), o corpo é auxiliado, recebe uma proteção do Deus Rio Vermelho, Rio Santo Milagroso, Rio do princípio do mundo, Rio avozinho.

O traço corporal do verbo *tomar* foi determinante para a criação da construção metafórica em (24) e nos permite aplicação do mesmo esquema apresentado na Figura (11). Vejamos a Figura 26:

Figura 26 - Esquema da metáfora *Tomar a bênção*



Fonte: Elaborado pela autora.

Como já dito ao longo da pesquisa, o verbo *tomar*, seja na categoria plena, seja na categoria suporte, tem como característica *a aproximação corporal*. Na categoria plena, esse

¹⁸ HOUAISS - Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/abençoar>. Acesso em: 02 mar 2021.

traço é ainda mais forte, ou seja, mais concreto, por isso, o verbo é considerado o domínio fonte e serve de base para a criação de expressões metafóricas como “tomar a bênção” - domínio alvo. Essa expressão surgiu a partir da frequência de uso do verbo *tomar*, que recrutou o hábito herdado dos jesuítas de “abençoar”. A ideia aqui é como se tudo, linguisticamente, fosse atraído pelo corpo. Cora, também atraída pelo Rio Vermelho, num processo mnemônico da infância, afirma a sua goianidade e deixa insurgir a sua poeticidade fazendo uso de construções próprias do sertão goiano.

Elucidando ainda sobre o processo de metáfora, é importante destacar que existem também construções que não são suporte nem cristalizadas, mas têm um sentido abstratizado, como no exemplo apresentado na ocorrência (25):

(25) Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça./ Faz de tua vida mesquinha/ um poema./ E viverás no coração dos jovens/ e na memória das gerações que hão de vir./ Esta fonte é para uso de todos os sedentos./ **Toma** a tua [parte]./ Vem a estas páginas/ e não entres seu uso/ aos que têm sede (CORA CORALINA, 2013b, p. 110, grifo nosso).

Na ocorrência (25), a microconstrução *toma a tua [parte]* tem sentido pleno, pois o eu lírico, imperativamente, orienta o leitor, [Arg1], a tomar posse de algo. No entanto, por tratar-se de tomar a posse de um poema, ou seja, de um objeto abstrato, o sentido da construção também é abstratizado. No projeto poético dessa ocorrência, fazer um poema representa “ressignificar a vida”, que é uma das propostas dos escritores modernistas. Assim, “tomar a tua parte” no poema é não se omitir de fazer algo em prol da vida e, desse modo, para ficar na memória das pessoas. Apesar da infância amarga e dura, Cora apresentou em muitos de seus poemas a necessidade de termos uma visão otimista perante as agruras da vida. O poema “Aos moços”, presente no livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, também exemplifica essa visão.

É importante ressaltar que o reconhecimento do sentido abstratizado do verbo *tomar* na categoria plena em (25) só foi possível a partir da análise das características dos elementos sintáticos que compõem o projeto oracional, bem como, das características do contexto de uso. No caso, o objeto pegado, [Arg2] - poema, elemento abstratizado, impulsionou a abstratização do verbo, mesmo que discretamente. Essa informação pode ser usada como uma categoria de análise em futuras pesquisas acerca da colaboração do mecanismo cognitivo de metáfora em estruturas argumentais com esses verbos, em um contexto de uso específico.

Ao longo desta pesquisa, percebemos que as construções-suporte mostraram-se mais produtivas em relação às plenas no contexto goiano e que o processo cognitivo de metáfora foi determinante para o surgimento dessa categoria.

Por emergir do uso, a metáfora revela cultura. Em seus poemas, a mulher do povo, bem linguaruda, Cora Coralina, faz uso de construções metafóricas usadas pelo povo e, assim, revela a alma da cultura goiana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação descreve a multifuncionalidade dos verbos *pegar* e *tomar* pelo viés construcional, analisando a produtividade das construções plenas para as construções-suporte, no projeto poético de Cora Coralina.

Por entender que a expansão categorial de uma construção acontece no momento da interação, buscamos suporte nas Teorias Baseadas no Uso, por elas reconhecerem as construções linguísticas como um pareamento de forma e significado, organizadas em redes esquemáticas na mente do falante (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse processo de organização, as construções são influenciadas por fatores extralinguísticos, como cognitivos e culturais. Dentre os processos cognitivos, nesta investigação, enfocamos a metáfora, por reconhecermos as construções-suporte como usos metafóricos que revelam a cultura goiana.

A hipótese que orienta as investigações é que, pelo fato de a língua ter uma base corporal para a construção de metáforas (KÖVECSES, 2009, 2010; SILVA, 2005), os verbos *pegar* e *tomar*, na poesia de Cora Coralina, possam contribuir para a emergência de novos padrões construcionais no contexto goiano, visto que eles têm um forte traço de aproximação corporal. Além disso, são verbos que exprimem ações básicas, portanto, são usados com frequência no cotidiano.

No dia a dia goiano, as pessoas têm uma relação vigorosa de contato com a terra e com tudo que provem dela. Com maestria, lidam com a lavoura, com o gado, com o artesanato... Essas atividades, concretas e rotineiras, resultam em conceptualizações com acepções também concretas, que enunciam uma relação direta com o corpo. Categorizadas e estocadas na memória rica, essas acepções servem como base para a emersão de usos linguísticos que, criativamente, por meio de um processo de analogia e metaforização, resultam em construções metafóricas representativas da comunidade goiana.

Sendo assim, partindo da hipótese apresentada, o objetivo inicial desta pesquisa foi averiguar os usos de construções com os verbos *pegar* e *tomar*, analisando as diferentes estruturas argumentais e os papéis semânticos associados ao contexto de uso goiano. Percebemos que construções com os verbos em estudo se fazem presente, assumindo diferentes categorias: plena, suporte e cristalizada. Dentre as categorias, a suporte foi a que se mostrou mais produtiva. Entretanto, há que se considerar a importância das construções plenas, visto que elas favorecem a emergência das construções-suporte, devido ao seu caráter mais concreto.

Na construção plena, o verbo *pegar* assume o sentido de *agarrar algo ou alguém*, *segurar*, e o verbo *tomar* assume o sentido de *requerer a posse de algo*. Esses sentidos, como

já mencionado, apresentam uma acepção mais concreta e representam o domínio fonte das construções-suporte. As expressões abstratizadas originadas a partir do domínio fonte representam o domínio alvo no processo de metaforização.

Considerando ainda a produtividade das construções plenas para as construções-suporte, nos atemos a reconhecer o padrão sintático das duas categorias. Na categoria plena, os verbos *pegar* e *tomar* apresentam estruturas biargumental e triargumental, podendo ser representadas por: [Arg1] [V_{pegar/tomar}] [Arg2] e [Arg1] [V_{pegar/tomar}] [Arg2] [Arg 3]. Já a categoria plena pode ser representada da seguinte maneira: [Arg1] + [V [SN]]. Em seguida, analisando o esquema morfossintático da construção-suporte, é possível perceber que nele o verbo é considerado integrado ao sintagma nominal. Nesse novo arranjo linguístico, tanto o verbo quanto o sintagma passam por um processo de reanálise e mudança motivados por atratores culturais e sociais, no qual o verbo sofre dessemantização e o sintagma nominal passa por decategorização, por essa razão, a construção é analisada como sendo um todo significativo (NEVES, 2002).

Na categoria suporte, uma construção passa a ter significado apenas se vinculada ao contexto de uso. Nessa condição, a construção-suporte tem como característica a versatilidade: ser intercambiável por uma construção plena, por vezes, usando o pronome reflexivo. A correspondência com uma construção plena não acontecerá se o processo de abstratização for incompleto, como podemos observar nas microconstruções em que o sintagma nominal pertence ao domínio dos líquidos, [V_{tomar} + SN_{ingerir}]. Ainda não existe uma construção plena corresponde a [tomar água].

Ao longo da investigação, constatamos que os processos de abstratização e metaforização cooperam para a emergência da construção-suporte, visto que são eles que possibilitam a criação de usos abstratos, por vezes, difíceis de serem conceptualizados, como exemplo, os usos relacionados ao domínio dos sentimentos. Além disso, constatamos também que tanto a abstratização quanto a metaforização podem ocorrer em graus diferentes. Para explicar esses graus, criamos três categorias de análise a partir do esquema [V + SN]. Seguindo a proposta das categorias criadas, a microconstrução [tomar água], por exemplo, seria [-] abstrata e [-] metafórica, uma vez que, por mais que os elementos que a compõem sejam abstratizados, o conjunto significativo assume uma acepção muito próxima à acepção prototípica plena, de relação direta com o corpo. Ao [tomar água] ingere-se um líquido, traz-se o líquido para dentro do corpo, assim, confirmamos, mais uma vez, a hipótese que guia esta investigação: de que o traço de aproximação corporal dos verbos *pegar* e *tomar* favorecem usos metafóricos.

Além disso, como apresentado, a metáfora é do corpo, é da mente, mas também é social, já que é a partir de nossas experiências com a língua que ela se constitui. Em virtude disso, a escolha do projeto poético de Cora Coralina para as análises de construções-suporte com os verbos *pegar* e *tomar* como metáforas emergentes.

Segundo ANDRADE (2008, p. 31), “grandes poetas são capazes de se comunicar conosco porque se utilizam de modos de pensamentos que todos nós possuímos; ao utilizarem essas capacidades compartilhadas, poetas “iluminam nossas experiências, exploram as consequências das nossas crenças, desafiam nossas formas de pensar.” Lakoff e Turner (1989), assim faz Cora Coralina.

A poetiza tece poeticamente em seus poemas e contos as experiências corpóreas, e contextuais do povo goiano. Neles, ressignifica elementos do cotidiano: ruas, becos, rio... dando voz a personagens comuns e invisibilizados na sociedade: a lavadeira, a doceira, o lavrador, o boiadeiro, o prisioneiro, e se reconhece na voz deles. Por isso, em muitos de seus poemas, ela afirma ser “a mulher do povo”. Em suma, é fazendo uso da língua do povo, da linguagem cotidiana, que Cora insurge sua poeticidade e passa a ser apreciada não somente no contexto goiano, mas no mundo.

Carlos Drummond de Andrade, poeta modernista, em uma carta escrita à poetisa, em 1974, reconhece a riqueza da produção coralineana e declara: “*Admiro e amo você com a alguém que vive um estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais...*”. Naturais são os usos linguísticos do povo goiano.

Para comprovar que as construções-suporte com *pegar* e *tomar* no projeto poético de Cora Coralina tratam-se de metáforas emergentes, usamos como balizador os dados do Projeto Fala Goiana, já estudados por Silva (2005, 2016) e Oliveira (2018).

Vale ressaltar que foram encontradas ao longo da pesquisa expressões que apresentam sentidos abstratizados e não seguem o padrão de uma construção-suporte. Um desses usos é a expressão “tomar a bênção”, na qual os elementos que a compõem são entrincheirados e seu sentido é altamente abstratizado, por essa razão, ela é classificada como uma construção cristalizada. Dessa maneira, o reconhecimento do seu sentido depende totalmente do contexto de uso.

Também encontramos usos na categoria plena que, de alguma maneira, têm sentidos abstratizados, mas por conta da abstratização do ARG2. Essa informação permite a ampliação das categorias de análises acerca das estruturas argumentais e dos papéis semânticos das construções com os verbos em estudo, em contexto específico de uso, para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antonio Suárez. **Integração conceptual na descrição de fenômenos gramaticais do português**. São Paulo: Alfa, 2013.
- ALCÂNTARA ANDRADE, Rebeca Cerqueira. **Transitividade e gramaticalização do verbo “pegar” em dados de língua falada**. Dissertação (mestrado). 2009. 130f. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ALMEIDA, Christiane Miranda Buthers de; OLIVEIRA, Maria José de. Gramaticalização do verbo PEGAR em construções perifrásticas [PEGAR + (E) + V2] – uma abordagem formal. **Revista De Estudos Da Linguagem**, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 135-164, dec. 2010. ISSN 2237-2083. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2551/2503>>. Acesso em: 30 dec. 2021.
- ALONSO, K. S. B.; CEZÁRIO, M. M. A dimensão do uso da gramaticalização de construções. *In*: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (org.). **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina - FAPERJ, 2015.
- ANDRADE, VIVIANE L. VILAR DE. **Sobre a Identidade da Metáfora Literária: Uma análise do romance d’a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. Dissertação (Mestrado em Letras), 85f. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- BARROS, Déborah Magalhães de. **Um Estudo Pancrônico da Voz Reflexiva em Perspectiva Construcional**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Língua e Linguística, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BORGES, Barsafuno Gomides. **O Movimento Ruralista em Goiás**. Disponível em: http://www.abphe.org.br/arquivos/barsanufogomidesborges_1.pdf. Acessado em: 29 de dezembro, 2021.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRITO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: Raízes de Aninha**. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- BYBEE, Joan L. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan L. **Língua, Uso e Cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Língua e cultura. *In*: UCHÔA, Carlos Eduardo F. (org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** 9. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004 [1955]. p. 287-293.

CAPUCHO, Maria Filomena. Sobre línguas e culturas. **Revista Veredas**, v.10. n. 1 e 2. UFJF, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25236> > Acesso em 24 abr. 2021.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; BAGNO, M. Mudança Linguística. In: Görski, E. M. *et. al.* (org.). **Dinâmicas Funcionais da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

CEZÁRIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: SOUZA, E. R de (org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-32.

CORA CORALINA. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2013a.

CORA CORALINA. **Vintém de Cobre**. São Paulo: Global, 2013b.

CORA CORALINA. **Histórias da Casa Velha da Ponte**. São Paulo: Global, 2013c.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar**. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, USA, 2001.

CUENCA, Maria Josep. HILFERTY, Joseph. **Introducción a la linguística cognitiva**. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 1999.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

FIUZA, Solange. Cora Coralina e a resignificação da cidade de Goiás. **Projeto Paisagens Luso brasileiras em Movimento**. 2021. Disponível em: <http://www.paginasmovimento.com.br/cora-coralina-cidade-de-goi%C3%A1s.html>. Acesso em 11 dez de 2021.

FLORES, Eduardo Almeida. **A construção-suporte no português brasileiro**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2020.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p.115-131, 2. Sem. 2006. Disponível em <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33218/19205>. Acessado em 09 nov de 2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A. *et. al.* Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2013.

GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito homem. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GIVÓN, T. **Mind, code and context: Essays in Pragmatics**. University of Oregon. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Hillsdale, New Jersey London, 1989.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Construction at Work: The nature of Generalization in Language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. *et. al.* Tratado Geral sobre gramaticalização. *In: CASSEB GALVÃO, V. C.; LIMA-HERNADES, M. C.; GONÇALVES, S. C. L. Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 15-66.

GONÇALVES, Evandro Fonseca. **VERBO PEGAR: um estudo das acepções na fala barra-garcense**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação), 2015. Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Araguaia – Pontal do Araguaia, 2015.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HEINE, Bernd. **Auxiliaries, cognitive forces, and grammaticalization**. New York: Oxford University Press. 1993.

HOUAISS, Antônio. **Houaiss Dicionário Online de Português**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2001.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O Verbo. *In: ILARI, Rodolfo. (org.). Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*. v. 3. São Paulo: Contexto, 2014.

JESUS, Lavínia Rodrigues de. **O uso do verbo tomar no Português escrito dos séculos XIV, XVII e XX**. Tese de Doutorado. 2014. 239. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

JUSTINO, AGAMETON RAMSÉS. **A construção focalizadora x que só no português brasileiro**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Língua e Linguística, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

KÖVECSES, Zoltán. Metáfora, linguagem e cultura. **DELTA**, São Paulo, v. 26, n. spe, 2010. p.739-757. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/3KNSSSLzLXWTsXftnb3SC8z/?lang=en> . Acesso em 18 abr de 2021.

KÖVECSES, Zoltán. Universalidade versus não-universalidade metafórica. Tradução de Maitê Gil e Tamara Melo. **Linguística Cognitiva - Cadernos de Tradução**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. v. 1. Theoretical prerequisites. Stanford, Cal.: Sanford University Press, 1987.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NEVES, M. H. M. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte. *In*: NEVES, M. H. M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: UNESP, 2002.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins, 2018.

OLIVEIRA, Cleiton Ribeiro. **Tomei a liberdade de fazer este estudo: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da Cidade de Goiás-Go**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2018.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Contexto: definição e fatores de análise. *In*: OLIVEIRA, Mariângela Rios de.; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (org.). **Linguística centrada no uso - teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1995.

RODRIGUES, A. “Eu fui e fiz esta tese”. **As construções do tipo foi e fez no português do Brasil**. Tese de doutorado. 2006, 211f. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2006.

SANTOS, Elisângela Santana. **A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva**. Tese de doutorado. 252f. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, Leosmar Aparecido da. **Os usos do “até” na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização**. Dissertação de Mestrado em Letras – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

SILVA, Leosmar Aparecido da. Construções idiomáticas com o verbo pegar: uma abordagem sociocognitiva. **SCRITA**. Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 286-306, 2. semestre, 2016.

TAYLOR, H. R. **Cognitive grammar**. New York: Oxford University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. *In*: ECKARDT, R; JÄGER, G; VEENSTRA, T. (eds.). **Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottEckardtProofs.pdf>. Acesso em 10 abr. 2021.

VASCONCELOS, Augusto Ponto Duarte. **Diccionario homophonologico da língua portuguesa**. Porto, Figueirinhas, 1901.

ANEXOS

POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS

CORA CORALINA (2013 A) - VERBO PEGAR

- 01 Na passagem do carandazal, a boiada parada, deitada, muge, nhaca, baba, lambe os cascos./ **Pegou febre.** / Pantanal... (2013a, p. 113, grifo nosso).
- 02 Dois mil e quinhentos bois consignados./ Dois golpes **pegando estrada**. Mil duzentos e cinquenta cada um. Papelada... Imposto. Taxas *ad-valorem*... Barreiras... coletorias... Maçada. (2013a, p. 114, grifo nosso)
- 03 Espiritou o bobo fazê tocaia/ na grotta da noite./ sentá porrete./ bicho miúdo com sede,/ cutia, preá, cachorrinho-do-mato./ inté ratão./ Deu certo. Muqueia, sapeca,/ num passa fome não./ Insinô a fazê arapuca/ **pegá** [passarinho]./Deu. (2013a, p. 177, grifo nosso).

VINTÉM DE COBRE

CORA CORALINA (2013 B) - VERBO PEGAR

- 04 Ninguém sabia porque. Ela tinha **pegado nome** de gente, acrescido mais de dona. Ela Dona Otília. Até os trabalhadores que iam ao quarto dos arreios buscar qualquer pedaço de corda, velhas ferramentas, achavam graça nela. (2013b, p. 52, grifo nosso)
- 05 Ovo atravessado. Caso às vezes complicado, ovo quebrado, oveiro de foram, muito pior. **Pegavam** [a galinha], facilmente, sem mais possibilidade de fuga, levantavam pelas pernas, davam uma sacudidelas de lá pra cá debaixo para cima, num movimento de quem estivesse socando. (2013b, p. 52, grifo nosso)
- 06 Meu avô dava ordem: **pegar** o primeiro [animal] solto, passar o lombilho ou simples baixeiro. Focinhar de corda ou cabresto. Não negar ajuda. Nem todos iam até o fim, dependendo de mais ou menos carregadores. (2013b, p. 69, grifo nosso)
- 07 Carregar o carro, jungir os bois, **pegar** na despensa da casa grande [mantimento] para a viagem, - quatro dias ida e volta, receber a lista das encomendas, levar bruacas de couro por cima do Taboado com os presentes que a fazenda oferecia a parentes... (2013b, p. 72, grifo nosso)
- 08 Tinha boqueira, uma esfoliação entre os dedos das mãos, diziam: “[Cieiro].” Minhas irmãs tinham medo que **pegasse** nelas. Não me deixavam participar de seus brinquedos. (2013b, p. 90, grifo nosso)
- 09 Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o braço no ombro e segredava: “Não brinca com Aninha não. Ela tem [Cieiro] e **pega** na gente.” Eu ia atrás, batida, enxotada. (2013b, p. 90, grifo nosso).

ESTÓRIAS DA CASA VELHA DA PONTE
CORA CORALINA (2013C) – VERBO PEGAR

- 10 Levou a mão ao pé, enfezado. Procurou arrancar a [travanca]. Tava ali enquistada. Forçou com ponta da faca, a coisa saltou. Ele **pegou** com raiva, xingou o nome da mãe e sacudiu longe. (2013c, p. 24, grifo nosso)
- 11 Alisam seu porquinho [carunho], criam [galinhas], metade bicho do mato **pega**. Têm seu cachorrinho, seu gato miau. Ranchinho perrengue, caxingando nas escoras, terreiro bem varridinho. (2013c, p. 29, grifo nosso)
- 12 Os ônibus de Independência e Tupi **pegavam** e deixavam [passageiro] naquela esquina. Gente de lavoura, carregando suas compras, sacos ajoujados. (2013c, p. 45, grifo nosso)
- 13 Uma comadre minha, que foi de pote na cabeça, no clarear do dia **pegar** [sua cuia d'água]na grotá, deu foi com a bicha tocaiando, arreganhada. Ainda, de casa, se ouvia o brado da pobrezinha” Acode, gente... Xoo, bicho, xoo, bicho...” . (2013c, p. 47, grifo nosso)
- 14 De cada banda ia um menino ratinho, assinzinho, de quatro pra cinco anos, já mortinho, todos dois de fome, de sede, de magreza, de segura. Deu certo, pertencente a algum comboio retrasado, gente de a pé. O burrico **pegou dianteira**. Ganhou estrada. (2013c, p. 50, grifo nosso)
- 15 Saiba, minha irmã, que nunca me canso e ver cair a chuva...Pudesse eu, num canjirão muito grande, **pegar** todo esse [sobejo d'água] que está caindo e levar para o meu lugar... Matar a sede da minha terra... da minha gente... (2013c, p. 51, grifo nosso)
- 16 Seu Maia era muito conhecido em Goiás e era porteiro da intendência. Boa pessoa. Serviçal, amigo de todo mundo e companheiro de boas farras. Gostava de uma pinguinha em doses dobradas, dessas antigas que **pegavam fogo**. Então, se misturava vinho, conhaque e aniseta; só voltava para casa carregado pelos companheiros, que o entregavam aos cuidados da mulher.
- 17 O compadre Mendanha, muito metódico e apegado aos velhos hábitos de sempre [caixão] pela alça da frente e da esquerda, tomou posição. Outros **pegaram** pelos lados, adiante saiu a tampa, carregada por um popular e os tamboretas indispensáveis, renteando o caixão aberto. (2013c, p. 60, grifo nosso)
- 18 - Matar o quê, menino? Não tenho inimigo nenhum não, deixa de inzona... Foi aí que o [tiro] estrondou, **pegou** de lado, varou o coração e saiu a bala pela teta direita, diz adiante o corpo de delito da mesma publicação. (2013c, p. 63, grifo nosso)

POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS

CORA CORALINHA (2013 A) - VERBO TOMAR

- 01 Por dá-cá-aquela-palha, ralhos e beliscão. Palmatória e chineladas não faltavam. Quando não, sentada no canto de castigo fazendo trancinhas, amarrando abrolhos. “**Tomando propósito**”. Expressão muito corrente e pedagógica. (2013a, p. 24, grifo nosso)
- 02 Deu a sua Sinhá vários crioulos de valor que mais enricaram a velha dona. No fim veio aquela que **tomaria no nome** de Rola, afilhada e alforriada na Pia, o que era legal e usado no tempo. Rola teve casamento de capela fechada dizendo sua condição de moça- virgem. (2013a, p. 55, grifo nosso)
- 03 Em qualquer falta ou ameaça: “olha que eu **tomo** [a boneca...]” A menina apertava a bruxa no peito magro e se espiritava. Tinha algumas obrigações. Varria a casa, apanhava o cisco. Lavava umas tantas peças de louça e aprendia a ler. (2013a, p. 56, grifo nosso)
- 04 Tinha algumas obrigações. Varria a casa, apanhava o cisco. Lavava umas tantas peças de louça e aprendia a ler. Tinha, nas vagas, sua carta de ABC, sentadinha no canto, **tomando propósito**. Dormia numa esteirinha nos pés da grande marquesa de sobrecéu armado... (2013a, p. 56, grifo nosso)
- 05 Da janela da casa velha da ponte, todo dia, de manhã **tomo a benção** do rio:
_ Rio Vermelho, meu avozinho, dá sua benção para mim. (CORA CORALINA, 2013, p. 61, grifo nosso.)
- 06) Um dia, Pretovelho, resto de servidão ficou doente, muito mal para morrer. Gente piedosa, gente inzoneira. Gente ardilosa da cidade **tomou conta** do Negrovelho. (2013a, p. 88, grifo nosso)
- 07 Gente piedosa, gente astuciosa, e ardilosa, da cidade, o puseram numa rede com muito jeito e cuidado. Suspenderam pelos punhos. Ajeitaram sobre os ombros. Barafustaram pro morro. Andaram que andaram. Subiram que subiram. Balangando. Planejando, então tamanho descomunal, fora da precisão. Numa cruz de carreiros, precisam perguntar. Pretovelho dali por diante, **o trilheiro a tomar**. (2013a, p. 90, grifo nosso)
- 08 Pararam na porteira do sítio. **Tomaram chegada**. Sentaram, conversaram. _ Caçadores de onça. Pediram suas carecidas informações, gente de longe... Ouviram pela milésima vez a estória do sumiço de Maria. (2013a, p. 146, grifo nosso) As tranças de Maria
- 09 **Tomando** [o café da hospitalidade sertaneja], voltaram às suas montanhas. _ Caçadores de onça...Suas trelas ansiosas, vivas, saltitantes, alçadas, sentindo e presentindo a caça em todos os cheiros novos da terra, dos ares e das matas. (2013a, p. 146, grifo nosso)
- 10 Sem cobertura de leis e sem proteção legal, ela atravessa a vida ultrajada e imprescindível, pisoteada, explorada, nem a sociedade a dispensa nem lhe reconhece direitos nem lhe dá proteção. E quem já alcançou o ideal dessa mulher, que um homem a **tome pela mão**, a levante, e diga: minha companheira. (2013a, p. 163, grifo nosso)
- 11 Meu Jesus, viestes ao mundo para os doentes. É a letra e o espírito do Evangelho. Eu sou esse doente. Curai-me de minhas culpa. Dai-me o remédio de minha regeneração. Jesus, dissestes um dia ao Paralítico da Porta das ovelhas: levanta, **toma** [teu catre], vai e mostra-te aos sacerdotes. (2013a, p. 191, grifo nosso).

. VINTÉM DE COBRE

CORA CORALINHA (2013 B) - VERBO TOMAR

- 12 Vivia, já naquele tempo, vida vegetativa, assistida pela filha. E meu avô, todos os dias, antes de outra iniciativa, ia **tomar a bênção** à velha mãe, saber o que lhe faltava. Ela requeria sempre uma braçada de lenha recortada...(2013b, p. 42, grifo nosso)
- 13 A velha matriarca, meu avô, tio Jacinto, nós todas, **tomávamos configurações fantásticas** naquele incensatório ritual e rústico. Meu avô dizia que aquela fumaceira que se esvaia lentamente pelos telhados e frestas, desinfetava os miasmas e era a saúde da casa. (2013b, p. 45, grifo nosso)
- 14 Havia na roça umas tantas práticas que se cumpriam religiosamente, Os chegantes: “Ô de casa”, “Ô de fora. **Tome chegada**, se desapeia.” O viajante, ou não, descia do animal. Rebatia o chapéu, tirava, pedia uma parada de um dia ou mais...(2013b, p. 49, grifo nosso)
- 15 Acontecia à noite, alta noite com chuva, frio ou lua clara, passantes com cargueiros e família darem: “Ô de Casa”. Meu avô era o primeiro a levantar, abrir a janela: “Ô de fora. **Tome chegada**. (2013b, p. 50, grifo nosso)
- 16 Foi geral o espanto. Até as companheiras de papo cheio, na passagem para se abrirem pasto afora, paravam e segredavam com ela, bico a bico. De certo se alegravam, se cumprimentaram entre elas. Mesmo o galo carijó ao passar fez menção de arrastar a asa. Foi um espanto. D. Otília deu de deixar o canto escuro do seu resguardo e vir todos os dias se especar contra o baldrame, **tomando sol**, participando, à sua moda. (2013b, p. 54, grifo nosso)
- 17 “Olha a filha da vizinha, que moça bem-educada!...”/ “**Toma propósito**, menina”, era este o estribilho da casa. A criança tinha só cinco, seis anos e devia se comportar com tias e primas, as enjoadas filhas da vizinha, os moldes apontados.
(2013b, p. 78, grifo nosso)
- 18 Certo foi que a mais espevitada e audaciosa pediu se podia comer aqueles da reserva. A mãe levantou-se num impulso frenético, **tomou das compoteiras**, desceu a escada e despejou o conteúdo na lama do terreiro onde as galinhas ciscavam vermes. (2013b, p. 92, grifo nosso)
- 19 Estes tinham no tempo uma forma típica de rejeição ao menor deslize: Cruzavam os talheres, deixaram o prato ou a tigela, **tomavam o chapéu** e saíam sem palavra, quando não reagiam, duros. (2013b, p. 93, grifo nosso)
- 20 Esta fonte é para uso de todos os sedentos. **Toma** a tua [parte]. Vem a estas páginas e não entres seu uso aos que têm sede. (2013b, p. 110, grifo nosso)
- 21 Deus criou o mundo e entregou ao homem e disse; constrói. E o homem o vem construindo há milênios. Disse à mulher: **toma** para ti a [parte mais leve], nem carrear pedras, nem cavar alicerces. Embeleza a construção pesada do teu companheiro. (2013b, p. 127, grifo nosso)

- 22 A famigerada “porta do meio”, que preserva o interior, abre para a peça que em Goiás chamam varanda, em regra a mais ampla da construção, onde a família se reúne, recebe, trabalha, conversa e **toma** [refeições]. Portas abertas. O turista vai entrando como em terra de ninguém. (2013b, p. 128, grifo nosso)
- 23 Francamente, tais perguntas não levam ao entrosamento que as famílias goianas preservam. Tem mais: a [**liberdade**] que **tomam** de invadir. Vão entrando, salas, quartos, cozinha, quintal. (2013b, p. 129, grifo nosso)
- 24 Baixavam na velha cajazeira do quintal, **tomavam seus fôlegos**, passavam para a murada, depois para a terra. Os companheiros se mandavam de volta e o perrengue ficava. As galinhas assustadas, arredias. Depois se acamaravam. (2013b, p. 136, grifo nosso)
- 25 Disse mais: “A população carcerária do país se aproxima das cem mil pessoas e quando os índices de criminalidade atingem níveis assustadores, é que a sociedade nacional passa a ter consciência sobre o problema. Se não forem **tomadas medidas** imediatas, primordialmente no campo pedagógico, as prisões continuarão a representar ‘sementeiras do crime’. (2013b, p. 145, grifo nosso)
- 26 Vi pessoas entregarem seus lotes à Firma, Moura Andrade. Outras casas feitas de material. Diziam: “Ah! Seu Andrade quer é que a gente abra isso aqui para ele. Depois **toma** [tudo] da gente...” Estão para lá, e os que acreditaram e tiveram boa-fé, enriqueceram. (2013b, p. 150, grifo nosso)
- 27 Zaqueu partilhou seus bens com os pobres e **tomou seu lugar** ao lado do Mestre. Segue-me. O Moço procurou Jesus. Tinha tudo e cumpria os preceitos. (2013b, p. 168, grifo nosso)
- 28 Encostado a ti. Procura-me com o coração daquele salteador condenado, a quem perdoei todos os crimes pela força do arrependimento e esperança da salvação. Chama por mim. Ouvirei o teu clamor. **Tomarei nas minhas mãos** armadas e farei de ti um trabalhador pacífico da terra. (2013b, p. 169, grifo nosso).

HISTÓRIAS DA CASA VELHA DA PONTE

CORA CORALINHA (2013 C) - VERBO TOMAR

- 29 Deu foi trabalho prá Siá Norata. Como ela não tinha filhos e o marido já estava “em bom lugar”, **tomou amizade** ao sobrinho e fez o possível para ele arribar e entrou na escola, já taludo. Sempre bem comportado e com seu uniformezinho limpo e passado, foi apanhado alguma coisa do muito que a escola ensina. (2013c, p. 23, grifo nosso) A pedrinha brilhante.
- 30 Gente da lavoura, carregando suas compras, sacos ajoujados. As mulheres, com cestas e crianças, **tomavam conta** [das cadeiras], ocupavam as mesinhas com seus embrulhos e, tranquilamente, desabotoavam o vestido, tiravam o seio e davam de mamar aos filhos. (2013c, p. 45, grifo nosso)
- 31 Foi depois disso que se resolveu de deixar o lugar e aí o povo da comadre se acostou com a gente. Viemos comboiados até Barbalha. Dali eles **tomaram rumo** da Paraíba e nós por outro caminho. E vai a mulher falando daquela retirada, tão pesada, como se fosse de ontem. (2013c, p. 45, grifo nosso)
- 32 Os amigos não arredaram. Faz-se a conferência médica das vizinhas prestativas. Escalda-pés, benzimentos, sinapismo, nada deu jeito. Nem valeu promessa de muito boa cera ao Senhor São Sebastião. Seu Maia morreu. Os companheiros **tomaram conta** [do morto]. Levaram o corpo. (2013c, p. 54, grifo nosso)
- 33 Os amigos foram chegando, **tomando posição** e começou o velório. Dona Placidina, entregue aos cuidados das amigas, mal escapava de uma vertigem, caía noutra. Afinal, à força de chás de arruda, de casca de toma e de Água Florida de Murray, voltou a si. (2013c, p. 55, grifo nosso)
- 34 Não queria deixar sair Seu Maia, coitado... As amigas com chazadas de alecrim. Os amigos **tomaram conta** [das alçadas] e ganharam a rua. Entraram na outra, que era Direita, naquele tempo. Passaram a ponte da Lapa, subiram e entraram no Rosário para encomendação do corpo. (2013c, p. 56, grifo nosso) Lampião da Rua do Fogo.
- 35 A viúva chorou, mais ou menos conformada com aquela segunda via. O compadre Mendanha **tomou conta** [de trocar as velas] que iam se consumindo, de regradar o pucarinho de água benta com seu raminho de alecrim. (2013c, p. 60, grifo nosso)
- 36 O compadre Medanha, muito metódico e apegado aos velhos hábitos de sempre pegar caixão pela alça da frente e da esquerda, **tomou posição**. Os outros pegaram pelos lados, adiante saiu a tampa, carregada por um popular e os tamboretas indispensáveis, renteando o caixão aberto. (2013c, p. 66, grifo nosso)
- 37 Parou ali, desamarrou o [corpo] que **tomou** no seu peito negro e possante de escravo, desceu e deitou mesmo debaixo da torre. Arrumou as pernas, ajeitou os braços, cruzou as mãos. Por uma porta lateral aberta, entrou na igreja, tirou uma vela do altar, acendeu, ficou na terra da cabeceira. (2013c, p. 60, grifo nosso)
- 38 Podia ser inquirido a portas fechadas, sem nenhum escrivão que **tomasse por termo** suas declarações. Mas não houve interesse nisso, ou interferência de terceiros para que

o processo não fosse tão longe. O certo é que os autos foram omissos nessa parte. (2013c, p. 68, grifo nosso)

- 39 O cortejo parava, o condenado pedia alguma coisa. As ruas apinhadas, rótulas abertas, mulheres se mostrando, crianças amedrontadas contidas pelas mães. Os homens “com seus meninos de entendimento” já tinham ido na frente **tomar seus lugares**. (2013c, p. 73, grifo nosso)
- 40 Aquilo contava minha bisavó, tinha sido levantado pelos antigos, para “**tomar ares**” vigiar o pátio, onde se mexia a escravatura, e dormir a sesta. Alto, com janelas quadradas e feias, só valia pela vista que alcançava sobre a cidade e sobre os morros. (2013c, p. 77, grifo nosso).
- 41 Ninguém sabia nada ao certo, mas assim mesmo é que sempre se fez a história dos homens. Os repórteres do boato **tomaram conta** do assunto e o jornal falado das esquinas, com suplemento diário, passou a ter várias edições. (2013c, p. 89, grifo nosso)